

RIO PRETO

Na Rota dos Asteróides

Aristides Coelho Neto

RIO PRETO

Na Rota dos Asteróides

— Fragmentos da História de São José do Rio Preto —



Editora Rio-pretense
2000

Capa: Aristides Coelho Neto
Anteprojeto Gráfico: Fernando Secchin
Editoração Gráfica: Samuel Tabosa de Castro
Revisão: Lélia de Almada Horta Madsen

Copyright: todos os direitos reservados ao autor

1ª edição (impressa): julho de 2000
2ª edição (virtual): fevereiro de 2006

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Coelho Neto, Aristides, 1949–.

Rio Preto – na rota dos asteróides : fragmentos da história de São José do Rio Preto / Aristides Coelho Neto. — São José do Rio Preto (SP) : Ed. Rio-pretense, 2000. 300 p. : il.

ISBN: 85-86905-22-4

1. São José do Rio Preto (SP), história. 2. Música popular, São José do Rio Preto (SP). 3. Músico, biografia, São José do Rio Preto (SP). 4. Radialista, São José do Rio Preto (SP). 5. Poesia, São José do Rio Preto (SP). 6. Depoimentos, São José do Rio Preto (SP). 7. Cinema. 8. Televisão. 9. São Paulo (Estado), história. 10. Brasil, história. 11. Estudante, memórias, São José do Rio Preto (SP). 12. Professor, memórias, São José do Rio Preto (SP). 13. Política. 14. Revolução (1964), Brasil. 15. Coelho Neto, Aristides, 1949–, memórias. I. Título.

CDU 869.0 (81) – 94

Contato com o autor: através da Editora, ou
SHIN – QL 5 - Conjunto 6 - Casa 08 – Lago Norte
Brasília, DF – CEP 71505-765
Fones (61) 3577-3406 ou (17) 3233-4124 / 3232-5356
e-mail: ari56@brturbo.com.br e arcoelhoneto@yahoo.com

Editora Rio-pretense

CNPJ 00.400.254/0001-05
Rua Raul de Carvalho, 744 – Boa Vista
São José do Rio Preto, SP – CEP 15025-300
Fone/fax: (17) 235-2058
e-mail: lele.arantes@terra.com.br e editorariopretense@terra.com.br

Impresso no Brasil / Printed in Brazil / Presita en Brazilo

Agradecimentos

Sou grato ao paciente Secchin, por emprestar sua sensibilidade incontestemente ao projeto gráfico e escaneamento das fotos.

Obrigado ao Samuel, de inigualável destreza no Corel Draw e Page Maker. Sua sensibilidade está cada vez mais aguçada.

Não tenho palavras para agradecer à Lélia, obstinada revisora. Das salutares e inflamadas discussões em torno do nosso intrincado idioma, publico agora o resultado – 2 a 1 para ela.

Não me atrevo a declinar os nomes de amigos novos e velhos que tanto me ajudaram com o estímulo de suas vibrações positivas – poderia esquecer de algum e eu não me perdoaria. Sua atenção, paciência e carinho foram fundamentais.

Volto a Rio Preto, minha terra natal, com uma homenagem à sua grandeza inexcelsa – do tamanho do afeto que tenho por ela. Não anseio ser acolhido de forma expressiva. Só quero registrar o meu apreço à cidade e ao seu povo, que também é meu.

Apresentação

Um livro de memória musical...

São José do Rio Preto é uma cidade prenhe de música e de músicos, de compositores e instrumentistas de alto nível. Seria redundância e abuso citar Paulo Moura, Aristides Zacharias, Osmar Milani ou Mário Longhi, isso para ficar apenas na velha geração. A nova geração diversifica a música rio-pretense enriquecida pelo esforço do maestro Paulo Buchala, a tenacidade de Jorge Bechara, a ousadia de D´Martino e Greg, o escracho musical de Roberto Carvalho, o lirismo de Raphael Pagliuso, o encantamento de Luama Socio, o popularismo dos cantores noturnos como Lori Ferreira, a saudável teimosia de Fernando Marques... Ou então, pela falta irreparável que faz Renato Perez.

Não quero aqui lembrar os grupos, os conjuntos, as bandas de fundo de quintal com seu rock autóctone, as duplas e trios sertanejos. Seria tomar muito tempo do leitor desfilando nomes e trazendo imagens já assentadas na memória dos que amam a nossa música nativa, seja ela popular, sertaneja, pop ou clássica. Mas não poderia deixar de registrar o Realejo e o Apocalipse, de forma alguma. Nem poderia esquecer o Coral Municipal, sob a direção de Humberto Sinibaldi Neto. Os demais eu deixo por conta de Aristides Coelho Neto e dos leitores que vão se deliciar nesta bela aventura que é ler este livro.

Adentrar esta obra é mergulhar na bonita história da música rio-pretense. Em cada palavra, em cada sentença, parece existir um convite silencioso para ouvidos afinados, é como se a qualquer sílaba fosse surgir, de repente, uma nota musical roubada de um acorde do piano de Roberto Farath, do violão de José Rastelli ou da viola de Enúbio Queiroz, ou, quem sabe, um tom do contrabaixo de Baltazar ou do cavaquinho do mestre Manivela. O livro detém esse fascínio delirante para a alma que se encanta com a música.

Mas nem só de música é feito o recheio deste livro. Suas páginas estão permeadas da história de São José do Rio Preto vista por um menino, um adolescente, um jovem que amava acima de tudo a música. É a história da cidade contada de uma maneira despreziosa e ao mesmo tempo enfática, sem deixar margem de dúvida sobre cada uma das informações contidas nos relatos. É como se ele, o autor, lutando para barrar o fluxo biográfico, nos mostrasse uma história particular, vista somente por ele, tendo o tempo e a verdade como principais testemunhas.

Ao narrar a trajetória do conjunto Os Asteróides, o autor nos convida a seguir uma rota cujo percurso está repleto de novidades, de nomes, rostos e feitos que o tempo teria apagado não fosse sua prodigiosa memória. Ele nos faz

transcender os limites rio-pretenses para uma rápida viagem à região, revelando para nós, seus leitores, imagens de uma época que sofreu o impacto da revolução sexual, conheceu o glamour do amor livre, cantou Elvis e Beatles, protestou contra a Guerra do Vietnã, amargou o golpe militar de 64 e se rebelou em 68 para cair na pasmeira dos anos setenta.

Esta leitura tem cheiro de viagem de trem na velha maria-fumaça da EFA, sabor de poesia de Minas Kuyumjian Neto, toque da brisa na noite suave no footing da Bernardino, perfume quase imperceptível das matinês do Cine Rio Preto, burburinho da sessão Zig Zag dominical... é ouvir novamente a PRB-8, reviver o Clube da Cirandinha, a Tenda do Adib ou as Atrações do Araújo Neto, é mergulhar na longa noite do passado e redescobrir suas estrelas, seus sóis e constelações na rota inesquecível d'Os Asteróides e seus garotos que amavam a música, os Beatles, Os Cometas, Crush, Instituto Monsenhor Gonçalves e todas as boas coisas da sua época.

Quem se aventurar nestas páginas de Aristides Coelho Neto chegará ao final mais rico, mais rio-pretense e mais amante da nossa história. Este livro é um presente para Rio Preto, uma jóia para aqueles que amam a boa música e a boa leitura.

Lelé Arantes
São José do Rio Preto, 26 de junho de 2000

Amabilidades 1

Em *Rio Preto – Na Rota dos Asteróides* predomina o sentido da crônica de lembranças, que recaptura o lirismo tocante das emoções inesquecíveis da juventude. Mas é obra eclética, de jornalismo histórico, de casos curiosos, diário e memórias de tudo – de costumes, de cenas e imagens de aventuras, de situações empolgantes. E que abre o baú da alma! Despojada, em estilo de conversa íntima, a linguagem flui diretamente ao ouvido do leitor.

Convém saber que o tema dessas recordações de Aristides, ou Ari como o chamamos na intimidade, é a música – alma da luz –, à maneira de um sufi. O motivo, a História de São José do Rio Preto pela perspectiva do autor; porque os fatos e datas aparecem impregnados de calor pessoal.

Livro saudosista, cheio dessa nostalgia de banzo e luz mortiça típica de nossa gente diante das emoções do passado. Por isso, Rio Preto, nesse caleidoscópio formidável de estórias e história, é ponto de referência singular, de uma época dourada que pertence ao mundo como patrimônio do nosso inconsciente coletivo musical: Beatles, Bossa Nova, Asteróides, Elvis Presley, Jovem Guarda!

O jovem que fomos na década de sessenta permanece vivo dentro de nós ainda, cantando seus sonhos em quantos mil conjuntos de *rock* ou não, gritando forte seus ideais utópicos ou *hippies* demais para a sociedade de consumo daquele tempo. O livro resgata em nossos corações de adultos hoje aquela fase sublime de nossas vidas. Pois a memória é a parte mais viva do que somos em espírito.

A obra também apresenta episódios bem alternados, ora enfocando o contexto de São José do Rio Preto, a resenha da cidade em todos os ângulos – cotidiano, festas, realizações municipais, história – ora abordando o que de interessante acontecia no Brasil e no mundo. E tudo isso emoldurado pela excelente poesia de Minas Kuyumjian Neto, junto com letras de música do período e recortes de notícias da época. O ritmo cronológico das narrativas obedece assim a uma seqüência de movimentos pendulares do passado para o momento presente, ou vice-versa. E tal variação de acontecimentos surpreende o leitor, pois o mantém interessado sempre em novas revelações até o fim.

Experiência emocionante seguir na *Rota dos Asteróides*, uma viagem no carrossel do tempo. Sentir de novo a inocência do céu azul dos dias risonhos de sonho e esperança – muitos deles passados no velho Instituto de Educação – e também o obscurantismo político da Revolução de 64. Voltar à boa música de

antigamente, compreender que o mundo é o coração! E situado bem no centro de Rio Preto, entre a praça da matriz – a saudade – e a rua principal – a alma do autor! Que é integrante eterno do conjunto *Os Asteróides*.

Jarbas Junior*
Brasília, 04.01.2000

Amabilidades 2

.....

Aristides Coelho Neto, que quando jovem escreveu com seu comportamento e seu entusiasmo a história da juventude riopretense, volta hoje a reescrevê-la em livro, com toda autenticidade e documentação, emocionando a todos os que viveram aquela época.

Lembro-me do Ari filosofando, com seu espírito especulativo. Depois, fazendo vibrar os alunos do IEM Gonçalves com seu conjunto *Os Asteróides*, revelando seu espírito artístico. Mais adiante, o Ari universitário, o Ari arquiteto, depois esposo e pai, manifestando seu espírito construtor. Agora, o Ari palestrante, escritor e historiador, reconstruindo uma história que, sem o seu trabalho, estaria fadada ao esquecimento. É o Ari empreendedor.

Helaine Munia**
São José do Rio Preto, 18.03.2000

* Jarbas Junior é escritor, poeta, professor de literatura do Colégio Objetivo de Brasília.

** Helaine Munia, pedagoga, professora, diretora de escolas, foi Secretária Municipal do Bem-Estar Social em S. J. do Rio Preto.

Viagem a 1926

Ao se fotografar um objeto, faz-se necessário nos afastarmos até enquadrá-lo por inteiro no visor. Situação parecida quanto a Rio Preto, cidade onde nasci. Distanciei-me fisicamente dela quando parti em 1967 para estudar em São Paulo. De longe, pude observá-la melhor. E dei-me conta do cordão umbilical, de forma especial e curiosa, atado ao coração. E bateu a vontade de remexer no passado. Evocar imagens, pessoas e coisas da minha terra natal.

Comecei a buscar primeiro a história da família Coelho. Nem pensar na veleidade de descobrir algum nobre brasão na família a engalanar minha árvore genealógica. Os Coelho são, na sua maioria, de simples estirpe...

Curioso folhear o catálogo telefônico e verificar a quantidade de “coelhos”. Enchem páginas e mais páginas. Sobrenome comum esse. Pudera, o que se sabe de nossos homônimos irracionais é que se multiplicam com uma facilidade incrível!

No afã de levantar dados sobre os Coelho, havia localizado, com as primas de Mirassol, uma carta de minha avó ao meu pai, datada de 1926. Seria interessante alinhar alguns fatos que me situassem historicamente naqueles tempos.

Antes que pudesse estabelecer uma estratégia de historiador amador, no dia 16 de julho de 1995, eu abria o *Diário da Região*, deparando, na página 5, com *O Império Sobre Rodas*, de Dinorath do Valle¹. Foi nessa página que encontrei uma série de dados que me municiaram para um mergulho no passado. A máquina do tempo muito bem operada por Dinorath levou-me a Mirassol e Rio Preto dos anos 20. Justo o que precisava. Foi também a oportunidade de conhecê-la na Casa da Cultura.

Em função do meu interesse e respeito pelo seu trabalho, ela, extrovertida e entusiasta, pediu que não a chamasse de senhora e presenteou-me com o livro *Jornais de Rio Preto*. Falando de jornais, juntam-se as peças que formam o jogo da história fascinante de nossa região. Autografou, trocamos endereços. E passei a ficar mais empolgado ainda com o passado.

Em 1995, cheguei a editar sete números de um jornalzinho da família chamado *Coelho News*. Redação e editoração eletrônica direto das “oficinas” do

¹ Dinorath do Valle, professora, jornalista, historiadora, escritora, crítica literária, nasceu em Itápolis, SP, em 10.07.1926. Autora dos livros: *O Vestido Amarelo*, *Enigmaleão*, *Idade da Cobra Lascada*, *Pau Brasil*, *Totó Piruleta*, *Memórias da Menina do Povo*, *Dias Verdes*, *História de Rio Preto para Crianças*, *Monumento à Vida*, *Jornais de Rio Preto*. Tem contos publicados em várias antologias. Escritora premiada no Brasil e no exterior, atuou na Rádio Independência e em diversos jornais de Rio Preto e São Paulo. Fundou o Museu Histórico Sellmann Nazareth, integrou o Conselho Municipal de Cultura, foi professora do IEMG. Em 1947, integrou o primeiro grupo de mulheres a disputar uma vaga na Câmara Municipal de Rio Preto. Escreve para o *Diário da Região*, de S. J. do Rio Preto.

Visão pessimista, 1867

O Bairro de Rio Preto era um Distrito de Polícia e de Paz e pertencia a Araraquara. Taunay, vindo das lutas da Guerra do Paraguai, pousava na casa de João Bernardino de Seixas Ribeiro, a única casa coberta de telhas do arraial. Chovia muito. Uma “grande tormenta”, como disse em seu diário. “ (...) *A povoação consta de meia dúzia de palhoças abandonadas (...) Há uma igreja em construção e cremos que por muitos anos fique neste estado, quando não se arruine totalmente.*” (*Viagens de Outrora*, p. 76 – Visconde de Taunay).

Nada de asfalto, 1904

“ (...) *As ruas, de acordo com a bonita topografia de que é dotado o lugar, são belas, de aspectos atraentes; mas precisam de calçamento, estando se procedendo, por enquanto, apenas numa: a ‘Coronel Adolpho’. Não se vai pisar asfalto, com sua competente drenagem, à semelhança do Rio de Janeiro e de outros meios adiantados, mas, ao menos, poder-se-á pisar firme – sem prejuízo dos calos e dos borzeguins...*” (*Gente que ajudou a fazer uma grande cidade – Rio Preto*, 1975, p. 81-82 – Leonardo Gomes).

Rio Preto dos matagais, 1908

“ ... *O largo da Matriz era um vassoural, raramente carpido. Havia matagais de todo canto entrando pela cidade a dentro. Pelo raiar das madrugadas, muitas vezes, a matilha do popular caçador Joaquim Mateus Corrêa acordava a cidade com seus característicos latidos, perseguindo os veados em torno e até dentro do perímetro urbano, especialmente pelas bandas da Vila Maceno. De vez em quando, um tiro estalava nos gnabirobaís, ecoando até os ouvidos da população já desperta: era um veado a menos na fauna riopretense.*” (*Uma Recordação Apenas de Rio Preto de 1908* - Cândido Brasil Estrela).

meu escritório ao lado do lavabo, em minha casa, em Brasília. No *Microsoft Publisher* mesmo, sem grandes pretensões. No “auge do sucesso”, a publicação atingiu a tiragem de quinze exemplares. Os relatos que se seguem saíram de um deles².

A ‘equipe-do-eu-sozinho’ do *Coelho News* esteve em Mirassol, em 15 de julho. Havia sido brindado pelas primas Edi³ e Dalva com duas cartas de minha avó Rozina – uma de junho, outra de agosto de 1926 – endereçadas ao filho Armando (meu pai). Eram cartas então com quase 70 anos de idade, de uma época em que ele não havia completado 18 anos.

Vamos à primeira delas. Minha avó Rozina⁴ – que não conheci – estava em Mirassol. Armando, no Rio. Como toda mãe, revelava-se contente por haver ter em mãos carta do filho. Já estava incomodada de não receber notícias. Menciona que Yayá⁵ havia, em data recente, mandado um retrato da casa e do açougue, da esquina da Rua 9 de Julho com São Pedro.

Seguia um dinheirinho para que Armando fizesse uns balões. Que ajudasse a avó (mãe de Rozina) com “algum níquel”, porque daquela vez não era possível mandar nenhum. Despede-se, lembrando Armando que não deixasse de escrever. Ocorre a ela um detalhe e relata em tempo – o pai dele, Aristides⁶, havia feito um balão bem grande, atendendo aos pedidos insistentes das crianças. Todos haviam mencionado o nome de Armando nesse dia.

² *Coelho News* – Boletim Informativo da Família – Ano I – Número 3 – Brasília, jul/1995.

³ Edi, Edílio, Edyvanna, Edyvanir e Dalva Ernandes – esta última agregada à família por laços do coração – são filhos de Edílio de Souza Coelho e Wanda Justiniano.

⁴ Avó paterna, tinha por nome de solteira Rozina Cordeiro de Macedo. Esposa de Aristides de Souza Coelho, filha de Maria Rosa Cordeiro Macedo e Moysés Cordeiro Macedo, nasceu na Gambôa, em 11.11.1893, falecendo em 29.05.1927.

⁵ Alzira de Souza Coelho, irmã de Aristides de Souza Coelho, que casou-se com Zé Lió (José Ferreira da Silva).

⁶ Aristides de Souza Coelho, meu avô, era filho de João de Souza Coelho e Adelaide Josefina Coelho. Nasceu em Santa Maria Madalena, RJ, em 18.04.1885, falecendo em 01.08.1960. No Rio, foi funcionário federal, trabalhando como policial no Palácio Guanabara, no tempo de Pinheiro Machado – 1915.



Coelho News

Boletim Informativo da Família – Ano 1 – Número 4 – Brasília, agosto de 1995

EQUIPE DE REPORTAGEM COMEÇA A ABRIR OS BAÚS DA FAMÍLIA COELHO E CONTA TUDO

Papai Noel existe e foi localizado em Votuporanga

William Zeitune Júnior tinha 7 anos e cartava o 2o. ano C, quando teve publicada, em agosto de 1960, a sua crônica no jornal "O Satélite", de Mirassol. Na íntegra, a sua composição:

"O PRESENTE DE NATAL. Rosina era uma menina de seis anos. Queria ganhar uma boneca de tudo jeitinho. Foi pedir à sua mãe. A mãe de Rosina disse que se ela ficava boazinha, o Papai Noel lhe trazia uma linda boneca. Chegou o dia de Natal. Rosina viu o Papai Noel chegar. Pulou de cima e viu na mão do Papai Noel uma boneca feita de silício verde. Rosina agradeceu ao Papai Noel e deu-lhe um beijo e um longo abraço"

Alguns anos mais tarde, Papai Noel mudou-se de Votuporanga para o Pólo Norte, onde mora até hoje.

Cartas para OL 5 - Conjunto 8 - Casa 8, SHIN - Brasília, DF

Como os Coelhos: RAPIDINHO

A equipe de biabilhotagem do Coelho News descobriu a conta de energia de jul/95 da Dona Angelina em Rio Preto. O montante de R\$ 3,10 - equivalente a 17% 3,36 -, indica que ela deve andar tomando banho no vizinho como medida de economia. Ou só toma banho frio, como medida terapêutica naturalista...

As "santinhas" Edê e Edivina (a Preta) tiveram uma infância saudável e bem vivida em Mirassol. Já imaginaram os porcos com saias de jornal grudadas com cola feita de farinha? Quem ficava contrariado era o Jovelino (o Jobão), empregado de confiança do Edílio, ao ter que sair com a charrute puxada por uma égua de peruca, toda equipada pelas merinas. Enquanto isso, Edílio, - o Terrível - praticava "esqui caipira", navegando pelo pastjo, seguro no rabo do porco "cachaço".

Podemos chamar de parada dura o encontro dos maiores costalotes de pinda da família: Pedro de Souza Coelho e Luiz Roberto de Vuono. Esse tipo de terapia reduz o stress e está sendo indicado por psicanalistas do mundo inteiro.

Na chácara de Wanda e Edílio acontecia de tudo. A cachorra Diana chegou a dar de mamar para porquinhos abandonados. A saudosa cachorrinha, porém, não esperava por uma depilação feita por Wanda, que queria acabar de vez com os carrapatos do animalzinho. E muito menos seguido de um banho de creolina (com a maior das boas intenções). A coitadinha não suportou. Pudera!

Quem sofria mesmo de verdade eram os namorados em pretendentes das irmãs Souza Coelho. Os irmãos guarabides, nos anos 30, utilizavam métodos nada convencionais para convencer os rapazes a "bairar em outra freguesia". Em contrapartida, eram namoradores como só eles. E não lhes agradava levar uma recusa
continua no verso

NO PRÓXIMO NÚMERO: não temos a mínima idéia do que pode acontecer no próximo número. Se tiver uma sugestão, escreva para nós. Haja paciência pra fazer um jornaleco como esse...

de uma donzela num baile. A frase que se seguiu foi dita por Edílio, ao "levar uma tábu", quando tentava tirar uma troça para dançar: "sabe que é a primeira vez que uma água me nega o estribo?" - Sufis, eles eram suís.

A Revolução de 64 levou muitos a se desfazerem de seus livros - considerados subversivos - jogando-os em rios, represas, galiléitros, ou escondendo nos furos das casas. Dizem (senão mistério) que no forro da casa da rua São Pedro em Mirassol, esconde-se uma verdadeira biblioteca. O curioso que viver, verá.

Edílio de Souza Coelho tinha pinga misturada com tudo que se possa imaginar. A finalidade era medicinal. Dentre várias, lembramo-nos bem da pinga para reumatismo, com guizo de caseavel. Vital e Carmelito, fideleiros empregados de Edílio, deviam ser os provadores oficiais das garrafadas. Com isso ganharam muita saúde e resistência a doenças. Em compensação, tornaram-se alcoólatras.

A equipe do Coelho News, representada por Ari (o Coelho Neto dos parentes), Elise, Alise e Daniel, de Brasília, estiveram em 19 de julho na festinha da Bruna De Luiza Souza Coelho em Campinas. Bruna é filha de Edílio de Souza Coelho Filho e Anote. Fes 12 anos. Juriho da mãe, mas "cópia xerox" do pai. Bruna, falando como ela só, esbanjou seu charme e conquistou mais admiradores, diante dos boquiabertos "juis corujas". Maira, irmã de Bruna, professora de dança de salão e exímia tecladista, deu uma poquena mostra do seu cardápio artístico. Bruna, Edílio e Coelho Neto também mostraram um pouco dos seus dotes artísticos, ofuscados, é claro, pelo brilho da Maira.

A pensão da Rosina e do Luis em Campinas esteve lotada em julho. Em dias diferentes, o chalé da Salvador Penteadu recebeu as visitas de Ivan/Ivete, Angelina e da turma de Brasília. Pontuação do atendimento: nota dez e alguns quilos a mais para todo mundo. Muito usou o computador do Beto e Daniel, colocado a disposição da equipe do Coelho News, juntamente com uma impressora a jato de tinta, para "compilar o material de reportagem de Rio Preto, Mirassol e Campinas". Na oportunidade a família Coelho Zezuno De Vuono recebeu convite para ir cozinhar durante 30 dias em Brasília.

Os Homens de Rosina é o título de um romance que promete fazer muito sucesso. O primeiro homem foi o Lialdo. Seguiram-se Beto e Daniel. Mas, paralelamente, Rosina e Luigi acolheram William Filho, Edílioho, Reginaldo, Toninho, Miguel, Nando, William Pai e Orlando (o Landão). Elise acha que o carisma de Rosina e o alto astral do Luis são a causa principal dessa "atração fatal" que os homens têm pelo barquão da Salvador Penteadu. E acrescenta: "até o meu marido já disse que, no dia em que se desentender comigo, tem dúvidas se vai para a casa do mundo ou para a Casa da Rosina!"

Ivete "Pedro, sonhei com Octacílio. Disse que mamãe vem me buscar no ano que vem".
Pedro: "Óra, Ivete, se Octacílio tanto te deu trabalho em vida, por que não ia te perturbar depois de morto?"

Unexir e Fernando, avós compulsivos, por obra do destino, com a chegada de Lucas, passaram a rezar somente pelo Evangelho do Lucas.



DOA-SE GATOS DE RAÇA

Mande seu Curriculum Vitae e carta de referências para Elise. Se você for classificado, poderá ser um feliz proprietário de um gato Zero Km, da raça siamesa com angorá.

Informações pelo telefone (061) 577-3406

Era mês de junho, faltando quatro dias para a Festa de São Pedro⁷ em Mirassol. Depreende-se que o costume de soltar balões era obedecido à risca na família Coelho. E Armando tinha um *know-how* nessa arte, perigosa, por sinal.

Uma segunda carta de Rozina, já de 18 de agosto de 1926, resolvemos transcrevê-la na íntegra. Armando, entendemos, deveria partir em definitivo para Mirassol. Percebe-se facilmente uma mãe preocupada com a passagem de seu filho por São Paulo.

“Armando,

Saúde é o que desejo a todos. Olha, por estes dois dias chega um registrado com dinheiro para você vir sozinho. As cousas em São Paulo estão muito ruins. E você vá à Polícia Central pedir um salvo-conduto. Põe sua idade 16 anos, se não, não pode embarcar. Vai dinheiro, 100 para você vir, e 100 para mamãe, para ela tirar umas cousas que embarquei na Marítima. Você, quando embarcar na Central, pergunte qual é o trem que vai para São Paulo. Quando saltar em São Paulo compre direito a passagem e pergunte também ao chefe geral sobre o trem para aqui. Recomende ao cobrador das passagens que este explique nas baldeações e tenha cuidado, meu filho. Qualquer pessoa que te perguntar, diga que veio do Rio doente para aqui, casa de seu pai.

Sua mãe, Rozina”

Armando estaria doente de verdade? Ou seria flagrante artimanha carinhosa de mãe diante da longa viagem que Armando empreenderia? São Paulo era uma cidade que inspirava preocupação pelo seu tamanho. Teríamos hoje os mesmos cuidados, guardando-se as devidas proporções.

O sertão paulistano, apesar de desenvolvido, assemelhava-se a um faroeste. E Armando tinha de 17 para 18 anos. Um garoto.

Por que, no entendimento de Rozina, as coisas em São Paulo estavam ruins? Bem, o café estava em baixa. Os produtos no sertão estavam caros. Muito provável a crise econômica⁸ já estivesse se delineando, para atingir o auge⁹ em 1929. No entanto, superestimar “as coisas ruins” podia ser um artifício para que Armando viajasse bem alerta, de olhos abertos...

Setembro, 1926. Os dois apitos longos que anunciavam a chegada a Rio Preto não acordaram Armando.

— Eco, rapaz! – disse a distinta senhora com sotaque italiano carregado, que dividira o assento com Armando, tocando de leve seu ombro. — Daqui a gente não passa, *fñito qua*, finalmente, ó que dor nas costas!

O rapazola cochilara, vencido pelo cansaço. Mas havia conversado bastante desde São Paulo. A agradável senhora até dividira a merenda com ele. Pão com

⁷ S. Pedro é o padroeiro de Mirassol. A Festa de S. Pedro, realizada em 29 de junho, sempre foi um acontecimento concorrido e esperado ansiosamente pelo mirassolense. Além de barracas de todos os tipos, contendo comidas típicas das festas juninas, havia um tradicional *show* pirotécnico.

⁸ No entanto, se em 1921 foram embarcados 3.689.672 quilos de café na EFA, em 1927 seriam 15.545.528 quilos.

⁹ Em 29 de outubro de 1929, o craque da Bolsa de Nova Iorque mergulharia o mundo capitalista na pior depressão de sua história. Viriam falências, desemprego generalizado o temor de revoluções comunistas – *IstoÉ* 1578.

De **1840 a 1850** – Famílias vindas de Minas (Silveira, Carvalho, Ferreira, Gonçalves de Souza, Lemos, Costa, Seixas Ribeiro e outras) começam a ocupar terras tidas nos mapas oficiais como “terras desconhecidas”.

1852 – Luiz Antônio da Silveira e sua mulher, dona Tereza de Jesus, passam a escritura de doação do patrimônio a São José. João Bernardino de Seixas Ribeiro reúne-se com outros pioneiros e juntos decidem construir uma pequena Capela em homenagem ao Santo Protetor. Era dia de São José, 19 de março.

1855 – O inexpressivo Bairro de Rio Preto ganha, em 20 de março, a condição de Distrito de Polícia e de Paz.

1867 – Quando do desmembramento do Município de Jaboticabal do de Araraquara, o Bairro de Rio Preto fica pertencendo ao primeiro. Nesse ano, Rio Preto recebe a visita do Visconde de Taunay, a caminho da Corte. Suas observações constituem o primeiro registro publicado sobre o arraial. O visitante, de passagem, afirma: “na ocasião do recrutamento por todos os habitantes que, como exceção do subdelegado, que era o próprio recrutador, havia fugido para as matas e pontos em que não tornasse possível a exigência do serviço das armas”.

1894 – Conquista da condição de Município, em 19 de julho, através da Lei nº 294, de Bernardino de Campos, então Presidente de São Paulo.

1904 – A 9 de junho é criada a Comarca, instalada em outubro do mesmo ano. A Vila assume a categoria de Cidade, com o nome de Rio Preto. O nome do padroeiro ficaria omitido por décadas.

1912 – Chega o trem de ferro em maio, com inauguração oficial do novo trecho da EFA em junho. Rio Preto é a boca do sertão (de Avanhanda) ou o fim de linha, num enfoque popular e pejorativo. Mas o acontecimento era um impulso decisivo para o desenvolvimento da região.

1918 – As estradas de rodagem começam a ganhar força, expandindo-se para o oeste. Feliciano Salles Cu-

mortadela e refresco de groselha, em boa hora. Dissera que vinha do Rio, onde morara com a avó depois que os pais partiram para Mirassol havia sete anos. Falara sobre o início da construção de um enorme Cristo no morro do Corcovado¹⁰. Ele, Armando, agora vinha para ficar definitivamente no interior de São Paulo.

— Sua *camicia* nova está chamuscada. Eu lhe disse para fechar a *finestra*... Agora, sua última “baldeação”. Pegar a jardineira da *Melhoramentos*, chegar a Mirassol.

Armando agradece, estende a mão e se despede. Penteia os cabelos, veste o paletó que estendera por sobre a mala.

Rio Preto era o fim da linha da EFA – Estrada de Ferro Araraquarense¹¹, cujos trilhos só alcançariam Mirassol sete anos mais tarde, em 1933. Para a vizinha cidade – com pouco além de 6 mil habitantes na sede e mais de 43 mil na área rural –, ia-se de jardineira, a ser tomada na rodoviária da Companhia Melhoramentos¹², de propriedade de Feliciano Salles Cunha. A Melhoramentos produzia em oficinas próprias as jardineiras, transformando carrocerias de caminhões Ford. Os bancos de madeira eram estofados, a cobertura era de lona, laterais abertas, como as dos bondes. Partida, claro, era na base da manivela. Uma das primeiras mostras do caráter empreendedor¹³ de Feliciano foi a estrada Rio Preto/Mirassol, até então inexistente.

O calor sufocante era igual ao do Rio. Com certeza a poeira era bem mais intensa, pensa

¹⁰ O Cristo Redentor, de 38 m de altura, 30 de envergadura, a 710 m acima do nível do mar, foi idealizado por Guilherme Marconi. Só foi inaugurado em 12.10.1931, após cinco anos de construção.

¹¹ EFA – Estrada de Ferro Araraquara, segundo o *Album da Comarca* – matéria de 1927, pág. 459.

¹² Companhia de Transportes e Melhoramentos Rio Preto.

¹³ Feliciano Salles Cunha mereceria, como recebeu, um destaque no *Album da Comarca*. Mas os patrocínios, de que seus criadores Abílio Abrunhosa Cavalheiro e Paulo Laurito tanto precisavam, incorreram em exageros. Eis, numa única matéria do *Album*, as referências a Feliciano: *denodado lutador, dotado de perseverança nunca desmentida, coragem pouco comum, espírito inteligente, empreendedor, de grande alcance e descortino, recomendado à posteridade como uma das mais fortes expressões de atividade e uma das mais autênticas glórias da história econômica de Rio Preto. O nome de Feliciano nunca deveria ser esquecido pelas futuras gerações rio-pretenses, se quisessem perpetuar algum nome honrado.*

Armando, enquanto se dirige com sua mala a um praça¹⁴. Não imagina que talvez uns dez praças como aquele, apenas, garantiam a lei no Município de Rio Preto, que era imenso.

— Para Mirassol? Vá seguindo por ali – aponta o homem. — É perto. Mas acho que a de Mirassol foi essa que arremessou poeira em nós. Vai ter que esperar pela outra. E não tire o olho de sua mala, moço.

A sinalização de trânsito que vigorava era a que havia sido definida em convenções internacionais realizadas em Genebra, em 1925 e no ano em curso, em Paris, pelo Conselho da Liga das Nações.

O movimento nas imediações da estação de Rio Preto era grande. Da garagem da Melhoramentos, seguiam em todas as direções, além das jardineiras, automóveis-lotação e até tratores. Eram mais de 180 jardineiras, 50 automóveis e cinco tratores. Artigo do engenheiro Eduardo Campoó no *Álbum da Comarca*, ao tempo em que alçava Rio Preto à condição de “maior centro agrícola¹⁵ do País”, caracterizava a cidade também como maior centro de irradiação do *interland* paulista. O Sistema Rodoviário permitia “ir-se muito bem de Rio Preto a Cuiabá em apenas cinco dias, viajando-se somente 10 horas por dia a uma média de 35 km/h”. De Rio Preto a Mirassol, eram 18 quilômetros.

Armando subiu então a imponente e convidativa escadaria em frente à estação. Garantiu o bilhete para Mirassol. Teria que esperar uma hora e meia. Disseram que andaria pouco mais de cem metros para chegar até a Praça do Comércio. Lá poderia tomar uma gasosa. A boca estava seca.

— Coloque a mala naquele canto. De qual gasosa você quer, meu rapaz? – indagou o homem com sotaque que parecia de sírio ou turco.

¹⁴ Soldado de polícia.

¹⁵ Gráfico de 1927 sobre produção no País, áreas cultivadas e número de pés de café (p. 822, *Álbum da Comarca*) mostram São Paulo como o primeiro produtor e Minas Gerais como o segundo. A produção da região de Rio Preto representava 10% da produção do Estado.

nha e Laurentino Arroyo abrem quilômetros de estradas para os *fordecos* da época e para as famosas jardineiras.

1924 – A Companhia Melhoramentos de Transportes, instalada na rua General Glicério, faz chegar suas jardineiras e caminhões aos lugares mais longínquos do sertão. O escoamento da produção vai deixando de lado os carros de boi.

1929 – Criação do Bispado. Toma posse o Bispo Dom Lafayette Libânio. Em 1931, Rio Preto assume a condição de Sede de Bispado, concentrando e irradiando para toda a região as funções religiosas.

1932 – Ano conturbado. Mais de mil jovens da cidade e região partem para os campos de combate. Era a Revolução Constitucionalista que pretendia reconduzir o País à democracia.

1938 – Getúlio Vargas visita a cidade e é aplaudido pelo povo defronte a casa do Dr. Leonam Sellmann Nazareth. Conclama o rio-pretense à “Marcha para o Oeste”, na conquista de novos espaços do território nacional.

1940 – Prosseguem as campanhas para a edificação da Basílica Menor Nossa Senhora Aparecida, do Seminário Menor e da Igreja de São Benedito, iniciados em 1938.

1942 – A fábrica Swift é inaugurada, transformando algodão, milho, mamona e amendoim em óleo bruto para ser levado aos centros de refino. É um marco inicial do processo de industrialização da cidade e região.

1944 – Festejos dos 50 anos de criação do Município, com muitos eventos culturais. Inaugurações importantes acontecem: Mercado, Matadouro, Seminário, Alarme, Ala Feminina da Santa Casa de Misericórdia. A população luta para não ter o nome da cidade alterado para Iboruna (rio preto, em tupi-guarani). A cidade vem a retomar seu nome original, em 1946 – São José do Rio Preto.

— Prefira a de Mirassol. Tanto faz a do Treme como a do Fortunato Latine. São saborosas – disse um homem de terno, que se abanava com um pedaço de papel, dirigindo o olhar para o rapaz. A ascendência portuguesa era flagrante.

— Um ano só nesta terra e o senhor sabe coisas que muita gente que nasceu aqui não sabe – comentou o dono do bar, dirigindo-se ao português.

Armando sentava-se a uma mesa rústica, naquele misto de bar e armazém, conferindo as horas no relógio de parede, com os ouvidos atentos à conversa dos dois. O homem de terno, olhos pequenos e cavados, aparentando uns 35 anos, pasta de couro embaixo do braço, denotava não se preocupar com a continuidade imediata da conversa. Observador, olhava as pessoas expostas ao sol causticante de Rio Preto, e de soslaio para o rapaz tomando soda. Seu olhar fixou-se num ponto que extrapolava o “jardim velho”, como o povo chamava a Praça do Comércio, e disparou um comentário, como que pretendendo passar algo de impercível a quem o ouvia.

— Olhem para esta cidade, antes um lugarejo, de má reputação. Os cidadãos hoje são mais bondosos, pensam no interesse coletivo. Os tempos de estagnação, em que Rio Preto era desnorteada, se foram. O que se vê tem bases no suor. Gente sem pó-de-arroz, sem libras esterlinas, só a alma cheia de sonhos. Gente vencedora – filosofou aquele homem que devia, na avaliação de Armando, pelo seu jeito de falar, ser muito culto, um jornalista talvez.

E o encalorado homem prosseguia: — Mas pouco valor se dá à História. Ter-se consciência do que fomos, do que somos, nos permite caminhar com os pés no chão... E o homem jamais deve parar de estudar. Quem se banha na luz espiritual do saber está sempre a descobrir cousas. Quem não estuda e não lê, fica estagnado, como uma árvore... vendo impassível a existência desfilar diante de si. Se bem que até as árvores se mexem, ao sabor do vento...

O árabe descansou o cotovelo no balcão e, mão no queixo, tentava imaginar os rumos da conversa, lançando seu foco também para o horizonte em que os olhos do homem da pasta de couro se perdiam, como se lá residisse a fonte de sua sabedoria e inspiração. Armando sorvia devagar o último copo do refresco.

— Esta cidade, melhor dizendo, esta região tem muito futuro. Quanto à história de Rio Preto, é de se lamentar que quanto mais velha, mais confusa. E quanto mais lhe mexem, mais se estraga. Estamos carecendo de historiadores, e sérios, que não acrescentem “pontos aos contos¹⁶”, para botar ordem nessa confusão sobre a fundação de Rio Preto. As pessoas só se entendem quando dizem de João Bernardino de Seixas Ribeiro, nem sei se mineiro ou paulista, e quando se fala da data de fundação: 19 de março de 1852, dia de São José.

— Já ouvi falar do homem – diz o árabe, enquanto enxuga um copo. — O que levantou uma casa de pau-a-pique e sapé entre o rio Preto, o Borá e o Canela, que formou um povoado, que formou a cidade.

— Bem, os louros da fundação são atribuídos também a Luiz Antônio da Silveira, aquele que teria doado o patrimônio. Mas não se pense que João

¹⁶ “Quem conta um conto, acrescenta um ponto” – dito popular.



Rua Bernardino de Campos, Praça Rui Barbosa – 1926



Agência Ford e Estação de Embarque da Cia. Melhoramentos de Rio Preto em Mirassol – 1926

Bernardino estava sozinho por essas bandas. A extensa região, dizem, estava ocupada por cerca de 160 famílias. Antes disso, só os “coroados”¹⁷ e as feras, no meio da mata ericada. E os dinossauros, quem sabe... em tempos que se vão.

Hoje sabemos que alguns habitantes “de peso” andaram amassando a relva da região há 60 milhões de anos. Quando, na década de 60, se abria a Rodovia Assis Chateaubriand (Rio Preto/Guapiaçu), foram encontrados enormes fósseis, na altura do Jardim Yolanda. Após muitas averiguações, os estudiosos chegaram à conclusão de que os ossos pertenciam a um titanossauro, uma espécie nativa na região, de aproximadamente cinco metros de altura, por doze de comprimento.

Voltemos àquela tarde de setembro de 1926.

— E você, meu rapaz, vai para onde? – perguntou de supetão o homem a Armando que, absorto, interessava-se pela conversa.

Armando percebeu que podia falar um pouco de si. As pessoas pareciam confiáveis.

— Estou vindo morar com meus pais em Mirassol. Meu pai se chama Aristides, minha mãe, Rozina. Eles têm um açougue, fazem lingüiça, salgam couro. Eu estava no Rio de Janeiro, com minha avó Maria Rosa.

— Ora, ora! Se seu pai for irmão do senhor Alcides Coelho, acho que o conheço. Viajo muito por essa região. Sou representante de algumas casas comerciais. Mundo pequeno esse!

— Alcides é meu tio. Meu pai trabalhava no Palácio Guanabara até vir para cá. Foi convidado para ser administrador de uma fazenda de um tal de Dr. Portugal. E veio, com minha mãe e meus irmãos pequenos. Três irmãos – somos sete – já nasceram por aqui.

Sobre esse assunto, é Ivete, irmã de Armando, que quase 70 anos depois, em agosto de 1995, faria um comentário estranho: “Em 1919, papai foi convidado para ser administrador da Fazenda da Lima, do Dr. José Portugal Freixo, que era parente. Lá chegando, recebeu uma missão que ele não aceitou – matar dois sobrinhos do Dr. Portugal, Cândido Brasil Estrela e Basileu Estrela. Papai era muito honesto e tinha uma base moral rígida. Era assunto de testamento, de herança. Papai e tio Alcides se mudaram, então, da fazenda para Barra Grande, onde nasci. Aliás, mamãe quando saiu do Rio, estava grávida de mim. E foi o doutor Portugal que acabou sendo assassinado num cartório de Mirassol. Por causa de coisas erradas como essas é que papai nunca ficou tão amigo dos parentes ricos.” Afirmações da tia Ivete que, entre outras coisas, diz o nome das pessoas que mataram o Dr. Portugal Freixo, assunto que não era segredo na boca do vulgo. Em 1926, ela completava sete anos.

O diálogo no bar é interrompido por um menino de uns doze anos, trazendo um recado ao homem de terno. Pela respiração ofegante, parecia ter vindo a galope.

¹⁷ Nome da tribo que consta ter habitado a região.



Praça do Comércio (Jardim Velho). Ao fundo, bairro do Cemitério Novo – 1926



foto acn

Praça D. José Marcondes, Correios, Rodoviária, Vila Maceno – mar/2000

— Seu Abílio, mandam avisar que seu Laurito deixou um recado para o senhor lá no escritório. E o seu Demonte deixou dois retratos dentro de um envelope em cima da sua mesa.

— Obrigado, menino, já estou indo. Armando, em breve você vai ver uns cartazes por aí com letras garrafais escarlates anunciando uma obra histórica que estamos realizando sobre esta nobre região. Será lembrada por décadas a fio. Conterá cousas que terão graça e valor para uns. Para outros nem uma coisa nem outra, já que nunca se pode agradar a gregos e troianos. Boa sorte para nós todos!

Nesse momento, Armando se levantava também para tomar a jardineira. Não sabia que o homem falava do *Álbum Ilustrado da Comarca de Rio Preto*, que já povoava seus sonhos e de outro companheiro desde 1925. E que engrenava agora. Consumiria, ao todo, quase quatro anos de trabalhos ininterruptos, com edições sucessivas até 1929.

Setenta anos depois, em 24.08.1999, a historiadora Nilce Lodi faria observações importantes quanto ao Álbum da Comarca. “Os organizadores, Abílio e Laurito, foram infelizes ao homenagear Washington Luís no exato momento em que Getúlio¹⁸ assumia o poder. Os exemplares ficaram encalhados. Tiveram prejuízo e os familiares contam esse fato com tristeza.” E prossegue: “Eles levaram alguns anos arregimentando patrocinadores para a publicação, conquistando autores para os diversos assuntos e financiando o trabalho fotográfico do Demonte. Isso tudo ficou caro e o retorno financeiro não veio...”

Em março de 2000, Lelé Arantes¹⁹ veio a fazer um comentário sobre o fato de os autores terem sido ‘infelizes’ quanto ao momento político do lançamento: “Vejo tudo com muita naturalidade – Washington Luís deu lugar a Getúlio. Seu livro, por exemplo...” – referia-se a este – “suponhamos que faça uma homenagem ao Liberato Caboclo²⁰ e ele não se reeleja para a próxima gestão. Não podemos concluir que você foi infeliz ao citá-lo. Nem por isso seu trabalho perde o valor a partir de 2001.”

Em conversa com J.B.Crispim²¹ sobre a efervescência desse período, julgamos importante juntar alguns fatos históricos.

Em 1918, com o término da Primeira Guerra Mundial, o mundo estava mudado. Os EUA ocupavam a liderança no Ocidente como nação mais poderosa.

¹⁸ Getúlio Dornelles Vargas nasceu em 19.04.1882, em São Borja, RS, suicidando-se em 24.08.1954, no Rio. Pela Revolução de 1930, foi alçado à presidência, governando o País de 1930 até 1945, quando foi deposto, em 29 de outubro, por um golpe militar. Voltaria ao poder pelo voto direto em 1950.

¹⁹ Lelé Arantes (Antônio Arantes Neto), jornalista, nasceu em Bálamo, SP, aos 19.06.1959. Trabalhou como editor e redator nas principais revistas e jornais de S. José do Rio Preto, no jornal *A Cidade de Votuporanga* e na *Folha de São Paulo*. Foi assessor de imprensa da Câmara (1997/88), membro do Conselho Municipal do Plano Diretor de Desenvolvimento – CPDD 1994/96. Sob sua direção, a Editora Rio-Pretense materializou importantes projetos de comprovado valor histórico e literário em Rio Preto. É de sua autoria o *Dicionário Rio-Pretense 1997/2000*.

²⁰ José Liberato Ferreira Caboclo, médico, escritor, nasceu no Rio de Janeiro, aos 14.03.1938. Prefeito de Rio Preto (1997/2000), já foi deputado estadual e federal. Foi diretor da Funfarme-Hospital de Base. Sua especialização e atuação envolvem importantes universidades no Exterior. É professor universitário e cursou pós-doutorado na Suécia.

²¹ João Benedito Crispim, nasceu em Monte Santo, Minas Gerais, em 31.03.1941, de onde foi para São Paulo, capital. Além de historiador amador, é representante comercial em Brasília desde 1966.



Ponto de Automóveis Rio Preto – Praça Rui Barbosa – 1926



Trecho da rua General Glicério, em frente às Casas Moysés e Suriani – 1926

No Oriente, a Revolução Russa tentava edificar a primeira sociedade socialista da História. O mundo passava a depender das relações entre as duas novas potências.

No Brasil, parcelas da população, até então excluídas, começaram a pressionar o Governo para influir nos destinos do País. Os movimentos operários foram intensificados, mas quase sempre reprimidos à força pelos militares. A burguesia urbana, nascida com a industrialização, e setores jovens das Forças Armadas passaram a combater o sistema vigente, onde predominava o coronelismo e a política do “café-com-leite” (revezamento de presidentes entre os Estados de Minas Gerais e São Paulo).

Em 1922, Artur Bernardes fora eleito Presidente da República, num ambiente muito nervoso. O Governo enfrentava os inconformados, empregando o Estado de Sítio e a intervenção federal nos Estados.

No Rio Grande do Sul, a oposição, cansada de tentar impedir pacificamente as reeleições do Presidente Borges de Medeiros, resolve recorrer à luta armada. O Governo Federal consegue um acordo entre as partes em luta, denominado Acordo de Pedras Altas, pelo qual ficava proibida a reeleição do chefe do Executivo Estadual.

Em São Paulo, em 1924, é deflagrada uma nova revolução militar, desta vez na capital, contando com o apoio da maior parte da Polícia Militar e da Guarnição Federal instalada na cidade. O Palácio do Governo nos Campos Elísios foi bombardeado e o Governador Carlos de Campos obrigado a retirar-se para o subúrbio de Guaiaúna, enquanto forças federais esmagadoras sitiavam a capital. Após lutarem por 22 dias, os revoltosos furaram o cerco, fugindo com suas armas e bagagens em trens da Paulista para Bauru, e dali para a região do Rio Paraná, onde iriam aguardar os revoltosos do Rio Grande do Sul.

O movimento teve repercussão em vários Estados, como Sergipe, Manaus, Belém. No Rio de Janeiro, entre outubro de 1924 e maio de 1925, aconteceram várias tentativas de revoltas. No Rio Grande do Sul, algumas guarnições sublevaram-se, comandadas por Juarez Távora, Luiz Carlos Prestes e João Alberto. Prestes era capitão do Batalhão de Engenharia de Santo Ângelo. Estas tropas, em torno de dois mil homens, reuniram-se aos paulistas que os esperavam na região do Rio Paraná, daí resultando a famosa Coluna Prestes, que saiu lutando, aparentemente sem um objetivo definido, pelo interior do País, centro, norte, nordeste, indo até o Maranhão, acoçada de forma acirrada pelos legalistas. Cobriu mais ou menos 30 mil quilômetros, deixando por toda parte ecos de heroísmo e desprendimento.

Apesar de toda a agitação, Artur Bernardes resistiu com toda bravura cívica e chegou prestigiado ao fim do mandato, podendo assim coordenar a candidatura de seu sucessor Washington Luís²², escolhido para presidir o País no quadriênio 1926-1930. Este foi recebido com as maiores esperanças, após um longo período

²² Washington Luís Pereira de Souza nasceu em Macaé, em 26.10.1869. Estudou em Barra de São João e no Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro. Formou-se em Direito na cidade de São Paulo, fazendo toda a sua vida pública no Estado de São Paulo, por isso ficando conhecido como “paulista de Macaé”. Foi vereador e Presidente da Câmara Municipal de Batatais, Deputado Estadual em São Paulo, prefeito e Governador do Estado.



fotos acn

Prefeito José Liberato Caboclo
Gestão 1997/2000 – mar/2000



Lelé Arantes, jornalista – julho de 1999

de agitação política. Seu *slogan* era “governar e abrir estradas”. Deu início a um grande plano rodoviário, sendo as suas duas principais realizações nesse campo as estradas Rio-São Paulo e Rio-Petrópolis.

Em seu governo, já em 1929, houve o craque da Bolsa de Nova Iorque, o que afetou diretamente o Brasil e sobretudo o café, que era nosso principal produto de exportação. Não havia como vendê-lo e o Governo que acumulava um estoque de 27 milhões de sacas não tinha mais como financiar os produtores. A quebraadeira foi geral.

Junto com esta crise, havia chegado o momento de Washington Luís indicar seu sucessor para o quadriênio 1931-1934. O dedo apontou para Júlio Prestes, seu líder no Congresso e, no momento, Presidente de São Paulo, em virtude da morte de Carlos de Campos.

Essa escolha não agradou Antônio Carlos, então Presidente de Minas Gerais, e que tinha certeza de que ele seria o indicado. Vendo-se frustrado em suas pretensões, resolve junto com os Presidentes dos Estados da Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Sul, formar uma frente para contrapor-se ao Governo Federal, chamada Aliança Liberal, apresentando uma chapa formada por Getúlio Vargas e João Pessoa, para disputar com Júlio Prestes e Vital Soares. A chapa do Governo Federal saiu vitoriosa na eleição, que logo foi tida como fraudulenta. A revolta se instala de imediato nos Estados de Paraíba, Pernambuco, Minas Gerais e Rio Grande do Sul. O assassinato do Presidente da Paraíba, João Pessoa, fez com que a situação piorasse em definitivo, chegando a revolta aos quartéis do Rio de Janeiro, onde as Forças Armadas exigiram a deposição do Presidente WL, em 24.10.1930. E este só entregou o poder após longos entendimentos e mediante a intervenção do arcebispo do Rio, Dom Sebastião Leme.

No comando da Revolução vinha Getúlio Dornelles Vargas, então Presidente do Rio Grande do Sul, e que a partir de então seria o Presidente da República do Brasil.

“Washington Luís era sério, muito competente. Mas escorregou, faltou-lhe habilidade política quando deixou Antônio Carlos de lado, indicando como seu sucessor o Júlio Prestes. Outro azar que ele teve foi a quebra da Bolsa de Nova Iorque”, comentaria Crispim, em 19 de setembro de 1999.

Esse o cenário político em 1926 – o que acontecia e o que estava por vir. O Presidente era Washington Luís. O prefeito de Rio Preto, Alceu de Assis. O de Mirassol, Coronel Vítor Cândido de Souza. O Município de Rio Preto já havia sido enorme, mas nessa época Mirassol já se desvinculara de Rio Preto, conforme anotações da escritora Dinorath do Valle²³.

No âmbito mundial, estava em vigor na Itália a ditadura fascista de Benito Mussolini, iniciada em 1922. A animosidade entre fascistas e não-fascistas em Rio Preto passava até por “desafio a duelo”. A crise financeira internacional abalaria a comercialização do café a partir de 1929. Num futuro próximo, nosso principal produto ficaria encalhado, quando viria a Revolução de Outubro,

²³ *Jornais de Rio Preto*, de Dinorath do Valle.



Rua Bernardino de Campos, trecho entre ruas Siqueira e Tiradentes – ao fundo, parte do bairro Boa Vista – 1926



A Casa Coelho, em foto de 1926. Funcionou de 1918 até os anos 50 na esquina da rua Coronel Spínola (antiga Rua do Comércio, 88) com rua Independência

trazendo Getúlio Vargas que assumia o poder em 3 de novembro de 1930, como presidente provisório.

A Casa Enxoval era fundada em Rio Preto, na Praça Rui Barbosa. Havia na cidade apenas um cinema, o Phenix, e estava sendo construído o Cine São José, em prédio projetado especificamente para esse fim, local onde funcionariam mais tarde as Lojas Americanas, esquina da Siqueira Campos com General Glicério.

O *Álbum da Comarca de Rio Preto* era uma idéia que tomava forma e os autores já estavam em campo à cata de material e de patrocinadores. Entraria “no forno” no ano seguinte. Os jornais *O Município*, *A Notícia*, *Diário de Rio Preto*, *Jornal de Mirassol* não eram diários ainda. A lepra era objeto constante dos noticiários, na forma de artigos, campanhas, estatísticas. Pode-se dizer que foi a AIDS dos anos 20.

A revista *Phalena* já havia noticiado a inauguração da Gruta de Mirassol. A credulidade inconseqüente em profecias catastróficas e a verve sensacionalista também campeavam pelo interior, o que, bem possível, levou o jornal *Norte Paulista* a noticiar que o mundo acabaria²⁴, infalivelmente, em 1926. Só que, em 1926, o mundo estava era começando para muitas pessoas... Exemplo disso era Armando, que iniciava uma nova etapa de vida. A vida é um suceder de recomeços.

Memória

Catanduva – ex-Vila Adolfo
Ibirá – ex-São Sebastião da
Cachoeira
José Bonifácio – ex-Cerradão
Planalto – ex-Avanhandava
Nova Granada – ex-Pitangueiras
Potirendaba – ex-povoado de Três
Córregos
Guapiaçu – ex-Ribeirão Claro
Bady Bassitt – ex-Borboleta
Ipiguá – ex-Curupá

²⁴ O último eclipse solar total do milênio foi observado por milhões de pessoas, em 11 de agosto de 1999. Muitos, novamente, acreditaram tratar-se da anunciação do fim do mundo. Mas o planeta continua resistindo aos alarmes falsos.

Anos 50 – pela ótica de um garoto

.....

Meu pai, carioca de nascimento, adotou Mirassol como sua nova cidade ao chegar, em 1926. Mirassol também havia aceitado de bom grado a família Souza Coelho. Meus avós Aristides e Rozina tiveram ao todo sete filhos²⁵. Armando conheceu Mariangela²⁶ e casaram-se nos anos 30. Mudaram-se para Rio Preto nos anos 40. Nasci em 1949.

A princípio, imaginei que tão-só uma sessão de hipnose me ajudaria a relembrar o meu mundo de criança. Mas não foi preciso. Prova disso é que me vejo sentado, ainda neném, tomando banho numa bacia na cozinha da velha casa da Coronel Spínola, 3701, em Rio Preto, enquanto minha mãe fazia um comentário com uma vizinha, recostada no portal, que a tudo assistia “de camarote”. Disse que eu era um porcalhão. Onde já se viu, fazer cocô na própria bacia... Existem teorias que nos dizem da percepção dos bebês, aliás significativamente expandida. Os bebês, assim, chegariam a entender muito bem o que se passa à sua volta, a captar até as mais reprimidas reações de aversão ou de aceitação de alguém em relação a ele, mesmo nos primeiros momentos de vida. Se o leitor se interessar pelo tema, recomendo o livro *Nossos Filhos São Espíritos*, de Hermínio C. Miranda. Ele passeia, brilhante, por esse campo. Segundo Hermínio, na medida em que crescemos, tal percepção vai diminuindo. Mas o embotamento dessa faculdade varia em grau, de pessoa para pessoa. Nos que possuem uma maior sensibilidade, é evidente que ela não só permanece, como se amplia.

Ainda em 1950, as boiadas passavam dentro de Rio Preto, usando de preferência as ruas Independência, Benjamin Constant e Imperial. A famosa Estrada Boiadeira²⁷, segundo Genésio Seixas, foi aberta em 1915, num percurso de 315 km, entre Barretos e Taboado. A estrada foi de grande importância para o desenvolvimento socioeconômico da região de Rio Preto e se confunde com a conhecida Estrada do Taboado que os engenheiros Olavo Hummel e Ugolino Ugolini vieram traçar nos idos de 1890.

²⁵ Armando (21.10.1908-26.04.1989 – casou-se com Mariangela Bertuca), Edílio (17.06.1913–18.08.1975 – casou-se com Wanda Justiniano), Ivete (16.12.1919 – casou-se com Ivan de Amorim Silva), Octacílio (03.02.1911–28.06.1977 – casou-se com Maria Gonçalves), Ilka (16.06.1916–03.07.1980 – casou-se com Joseph Toth), Uzenir (10.04.1922–28.01.1957 – casou-se com William Zeitune) e Pedro (20.04.1925–18.01.2000 – casou-se com Eunice Isiqie).

²⁶ Mariangela Bertuca, apelido Angelina, de Santa Adélia, irmã de Amélia e Giuseppina, filha de Theodoro Bertuca e Ana Pauli, italianos. Casada com Armando, teve dois filhos: Aristides Coelho Neto (que se casou com Elise Leine do Carmo Fernandes Costa) e Unezir de Souza Coelho (que se casou com Fernando Lourencin).

²⁷ A Estrada Boiadeira vinha de Barretos, passava por Rio Preto, Tanabi e enveredava sertão adentro para atingir o Porto Taboado e dar passagem no rio Paraná rumo a Coxim, no atual Mato Grosso do Sul — *Dicionário Rio-Pretense*.

Em 04.03.1952, uma organização chamada Memorial das Donas de Casa solicitou à Câmara a adoção de medidas para o barateamento do custo de vida na cidade. A crise de carestia se prolongaria até a década de 60, provocando a indiferença (e até o apoio) da maior parte da população ao golpe militar de 1964.

Foi em junho de 1954 que a Câmara Municipal aprovou lei que dava início a um moderno processo de calçamento em Rio Preto – o asfalto. Com o prefeito Andaló, em 1956, a cidade entraria de vez em novos tempos. Até então, a pavimentação era feita em paralelepípedos de granito. Os historiadores convergem ao dizer que o acelerado progresso de Rio Preto foi deflagrado por Andaló. Prova disso é que ao final dos anos 50 a cidade toma um inusitado impulso, o que a leva a receber em 1957 o título de Município de Maior Desenvolvimento no Brasil.

O ciclo do algodão, como o denominou Roberto do Valle, iria até o fim da década de 50. Foi o algodão que possibilitou a instalação da Swift e da Anderson Clayton em Rio Preto. Mas em 1954, o comércio de Rio Preto era digno de menção. A região produzia café, arroz, milho, algodão e carne bovina enquanto que novas culturas eram introduzidas. O Diário da Região preconizava que Rio Preto “seria um dos maiores centros econômico, educacional, hospitalar e cultural do Estado paulista no ano 2000”, mas estabelecia algumas condições para tal que incluam o planejamento, o incentivo à indústria, ao comércio, à agropecuária.

Era costume na região ir-se à Cachoeira de Marimbondo, onde aconteciam animados piqueniques. A cachoeira desapareceria para dar lugar à represa e à Usina de Marimbondo.

Mas, como era de se esperar, meus limites iam pouco além do trecho da Coronel Spínola entre Penita e Independência. Era um quarteirão duplo. Meus pais sempre viveram com uma certa apreensão de que a Prefeitura desse continuidade à rua Mirassol. Se assim feito, a Mirassol passaria justo no lugar em que se situava a minha casa, dividindo o quarteirão em dois outros, nas medidas tradicionais de cem por cem. Minha casa ficava a quatro quarteirões do Córrego Borá, onde mais tarde surgiria a avenida Bady Bassitt.

Minha infância, não a troco com ninguém. Era jogar pião, encerar feira, biroca (bola de gude), estilingue com forquilha natural, papagaio²⁸ que eu mesmo fazia, brincadeiras de mãe-da-rua, salva-pega, ricotrico (esconde-latinha). De vez em quando, dar uma olhada no jogo de bocha²⁹, comum naquele tempo. Ser um moleque de rua não tinha o significado de hoje, de abandonado ou sem família. Era aquele que falava palavrão, briguento e que brincava mais na rua do que no, geralmente, acanhado quintal de casa.

Melhor que assistir a um jogo, era promover o nosso próprio. Não havia televisão para sermos atrofiados diante da telinha. Era criar o lazer. A TV Tupi³⁰ instalou-se no Rio só no começo de 1951. Ao final do ano foi lançada a

²⁸ Pipa, pandorga.

²⁹ Jogo popular na Itália e em regiões aonde afluíu a imigração italiana. É jogado entre duas ou mais pessoas, utilizando-se nove bolas de madeira dura e maciça (uma pequena e oito maiores). Na pista forrada de areia, a disputa para aproximar as bolas grandes o máximo possível da pequena, que é o alvo.

³⁰ Em 1953, entrava no ar a TV RJ, no Rio e a Record, em S. Paulo, que alcançava a marca de 2,7 milhões de habitantes.



Rio Preto de 1949

Paisagem Infelizmente Velha

Minas Kuyumjian Neto

Nenhum monte.
Puro horizonte.
Algodoados
de nuvens
no céu azul.
Cafezais
a perder
de vista
– incendiados
de sol.
Credenciais
do interior
paulista.

primeira telenovela – *Sua Vida me Pertence*. São Paulo contava então com 375 televisores³¹. Faltava muito para a televisão chegar a Rio Preto, a 436 km da capital.

A agente não balançava, “balangava”. Virar de ponta-cabeça era “virar cambota”. Não pegava carona, “pegava beira”. Foi um escândalo o meu primeiro corte de cabelo num barbeiro da Independência. Pudera, aquelas máquinas que mordiam o couro cabeludo...

Vivia trepado nas goiabeiras e mangueiras “manteiga”, “bourbon” e “espada” que havia em nosso quintal. Fiz casas de Tarzan suspensas que contavam com carretilhas que facilitavam o envio de provisões, já que super-herói não é de ferro. Dava mais emoção e autenticidade à habitação de homem-macaco, digo, menino-macaco. Minha identidade com os animais era grande. Dois sagüis apareceram por aquelas bandas. Pacientemente, ensinei-os a comer na minha mão. Tive também um tatu-galinha que era um verdadeiro sucesso na redondeza, pois me acompanhava aonde quer que eu fosse. Escovava vez ou outra o seu casco, durante o banho no tanque. Gatos, tive vários. Meu papagaio era mesmo do vizinho, o Parise. O bichinho fugia para a minha casa e jamais queria voltar para a dele.

O negro Tomé, que cortava lenha, segundo se dizia, havia sido escravo. Sua íris esbranquiçada denunciava que ele devia ser muito velho.

Meus amigos eram, não digo pobres, mas quase isso, de origem humilde. Possuir um rádio portátil ou bicicleta motorizada ou um trenzinho elétrico importado era sinal de que a família do garoto era abastada. A amizade tinha um valor singular, vindo em primeiro lugar, independente da situação econômica da família. Os preconceitos, na maioria das vezes, as crianças adquirem, pelo mau exemplo que lhes passam.

Eram poucos brinquedos, que por serem assim, duravam muito. Criatividade para criar carrinhos de rolimã³², aqueles que estouravam

³¹ Em dezembro de 1999, *IstoÉ* nº 1578 apontava o Brasil como o quarto país do mundo onde mais se vende televisão.

³² Rolamento de ferro.

MILHÕES DE CONVALESCENTES E ANÊMICOS...
têm sido beneficiados pelo

Biotónico FONTOURA



Este é o mais completo e mais eficaz dos produtos de origem vegetal, com o qual se consegue obter resultados superiores aos de qualquer outro produto semelhante. É especialmente indicado para os casos de anemia, debilidade, falta de apetite, insónia, nervosismo e a todas as doenças de origem "neurótica".

Indicações para o uso:
1. Anemia
2. Debilidade
3. Falta de apetite
4. Insónia
5. Nervosismo
6. Doenças de origem "neurótica"

Indicações para o uso:
1. Anemia
2. Debilidade
3. Falta de apetite
4. Insónia
5. Nervosismo
6. Doenças de origem "neurótica"

Biotónico FONTOURA

O MAIS COMPLETO FORTIFICANTE



foto João Martins

Mulher nua em revista era coisa rara – A Ninfa do Ártico, O Cruzeiro, 13.09.1952

os dedos da gente. O meu chegou a ter almofada e freio com borracha de câmara de ar, tudo feito por mim. Para se ter uma idéia de como os brinquedos resistiam, a bicicleta Hélbria verde, pneu balão, que ganhei em 20 de dezembro de 1958, foi vendida quando eu já tinha vinte anos de idade. Certa vez, eu estava com ela no centro da cidade, entrou-me um “lacerdinha”³³ no olho. Foi difícil chegar em casa!

Convivi rapidamente com o ferro à brasa. E com um chuveiro, que depois de ser enchido de água quente, era guindado ao teto e amarrado. Havia na sala de casa um forro de lona com um céu desenhado. Quando surgiam goteiras, transformava-se num bolsão de água. Isso tudo antes da reforma da antiga casa da Coronel Spínola em que morávamos.

Quase todos se conheciam em Rio Preto nos anos 50. As pessoas ainda se sentavam em cadeiras nas calçadas após o jantar para conversar, fumar o tão comum cigarro de palha ou simplesmente coçar o pé e ver gente passando. Ou caminhavam, para “fazer o quilo”.

Os eletrodomésticos dos anos 50 não eram descartáveis. Nossa Frigidaire nos acompanhou por décadas. O liquidificador Epel então, nem se fala. Hoje até podemos pensar: “O que vou querer com uma CPU de microcomputador que dure décadas? Quero é um mais moderno daqui a três meses...”

Um grande amigo foi o William³⁴, filho do seu Nhonhô, o senhor gorducho que entendia como poucos do esquisito “rabo-quente” que estava chegando ao Brasil, um tal de Volkswagen³⁵ – quem se recorda das setas que levantavam e encolhiam? O que mais me marcou, na oficina improvisada do seu Nhonhô, foi o cheiro da solda de carbureto.

A DKW (decavê) já não fez tanto sucesso como aquela baratinha com motor atrás – que coisa estranha, motor atrás! No momento em que os *Das Kleine Wunder* começaram a ser fabricados no Brasil o nome passou a DKW Vemag, com uma parte somente das peças produzidas aqui. Isso foi ainda na década de 50, em 1956. Já que falamos de carros, o primeiro carro de fabricação nacional foi a Romi-Isetta (1955), carro tipo miniatura, de dois lugares, que quando se abria a porta pela frente, vinha junto o volante. Mas, os preferidos pelos garotões na década de 50 eram os rabos-de-peixe.

Apelo para a memória e me vem uma prova de coragem a que William e eu nos submetemos. Era Quaresma. Comum fazer “caveiras” com mamão verde. Uma vela acesa por dentro e pronto – colocar na escuridão onde as pessoas pudessem ver... e assustar-se. Dizia-se que na Quaresma era freqüente aparecerem lobisomens, sacis e outros seres indesejáveis e assustadores. Munimo-nos, William e eu, de vários artefatos de defesa e fomos dormir lá no fundão de nosso quintal, no galinheiro, dentro de um tambor. Uma espécie de desafio particular à coragem.

³³ Nome popular da praga que, naquele tempo, acometia as árvores de Rio Preto, numa alusão a Carlos Lacerda.

³⁴ William Corrêa de Andrade, filho de Nhonhô (João) e Aparecida. Irmão de Maria Rita, João, Vera e Rosana.

³⁵ Os primeiros “fuscas” foram fabricados em 1936, na Alemanha. Para o Brasil, vieram em 1950. Foram trinta unidades a desembarcar no Porto de Santos. Em 1953, começavam a ser montados os primeiros modelos no Brasil, de 1.200 cilindradas. Antes de 1953 os motores eram de 1.100 cilindradas. Em 18 de novembro de 1959, tínhamos o primeiro fusca 100% nacional.



Selo comemorativo de 1957



Indústrias Pignatari – fundadas em 1932

COMPANHIA VALEANTISA DE ENERGIA E LUM
 APRESENTADO EM: 08 MAI 1956
 END. PARA VERIFICAÇÃO DELE DAS
 CONTAS MENSUAIS E TRIMESTRAIS: 6 JUN 1956

ARMANDO S COELHO
 RUA C SPINOLA 3701 1

313344
 DEBITO R\$ 150

34960611103901
 1205 60 54 921 108 46

ATENÇÃO: 151%
 RECIBO

AVISO IMPORTANTE

De acordo com o At. N.º 25, de 30-6-1953, prorrogado pelos de Nos 34 de 31-12-53 e 41 de 13-8-1954, do Departamento de Água e Energia Elétrica, o consumidor que ultrapassar a COTA DE CONSUMO ou a COTA DE DEMANDA indicada nesta conta, ficará sujeito às seguintes consequências: a) Advertência na primeira falta; b) Suspensão do fornecimento de corrente elétrica por 3 (três) dias consecutivos na residência; c) Corte de fornecimento de corrente por tempo indeterminado, se se verificar nova reincidência.

Pelo ato N.º 18 de 11-8-53 também prorrogado pelos de Nos 34 de 31-12-53 e 41 de 13-8-1954, não é permitido aumento no fôlego de novas cargas. Os infratores estão sujeitos às penalidades acima.

Rio Preto, consumo de energia controlado – 1956

Bateu um vento, as velas se apagaram e não deu outra – pernas para que te quero. Feliz de quem correu com mais garra para o aconchego de sua casa. Era o tempo das conversas, das histórias, no quintal, na cozinha, na calçada. A mãe do seu Nhonhô, avó do William, contava histórias de assombração de arrepiar...

Um grande amigo também foi o Seichi³⁶. Êta japonezinho inteligente! No primeiro ano do grupo escolar, tirou o segundo lugar. Mal sabia, ainda, o português. Foi o único ano em que tirei o primeiro... Foi Seichi dominar a língua e ser o melhor sempre. Fui muito à chácara dos pais dele, ficava “depois da rodovia”. A gente seguia pela Coronel Spínola no sentido inverso à mão de hoje, passava pela chácara do Maurício Goulart³⁷, atravessava a pista que levava a Mirassol e andava um bom pedaço. Ia-se a pé ou de bicicleta.

Eu trazia peixes da chácara do Seichi para casa, enguias, carás, lambaris que, no afã de preservá-los com vida, jogava na cisterna que havia em casa, resquício do tempo em que o casarão velho, das portas altíssimas, não tinha água encanada. Conta ele que, ao chegar ao Brasil, empanturrrou-se de banana já nas imediações do porto de Santos. Banana era coisa rara no Japão. Aqui, além de popular, banana era vendida a “preço de banana”.

A professora do primeiro ano de grupo – hoje 1º grau – padecia comigo porque eu já havia sido alfabetizado em casa por minha mãe e minha irmã. Freqüentara só dois dias o Jardim de Infância, fugindo em seguida. A solução foi atendimento doméstico. Cartilha adotada na década: *Caminho Suave*. No primeiro ano de escola, além do Seichi, tínhamos como colega o Adilson Schiavinatto, cujos pais tinham uma tinturaria na Coronel. E havia um garoto, de apelido Gaguinho, que escalava os postes e que virava as pálpebras, imitando cego pedindo esmola. Era 1956. Cursava o primeiro ano numa extensão do 5º Grupo que funcionava na esquina da Coronel com a Saldanha. A sede da escola era na Coronel com Independência.

No Grupo Escolar, foram quatro professoras³⁸. Era difícil um professor do sexo masculino. Como hoje. Ninguém chamava professora de “tia”. Coisa rara também era uma classe mista. Trabalhos meus constavam com ênfase: “3º ano masculino”. Outro colega da época: Romildo Sant’Anna³⁹. No quarto ano tudo mudou (para melhor) – era misto.

³⁶ Seichi Tamashiro, japonês, filho de agricultores, veio do Japão com a família no navio Brasil Maru. Na década de 50, foram quase 34 mil japoneses que chegaram ao Brasil.

³⁷ Maurício Goulart (1908–1983), advogado, jornalista, escritor, foi deputado federal por duas vezes na década de 60. Ativista político, esteve auto-exilado em Buenos Aires, juntamente com Prestes e outros revolucionários. Foi preso político em 1934/36. Responsável pela construção da ponte Mendonça Lima, sobre o rio Grande (ligação São Paulo/Minas), foi fundador da cidade de Fronteira, MG. Fundou também a Rádio Clube de Fronteira e a Rádio Independência AM, em sociedade com Júlio Cosi. Autor dos livros: *Escravidão Africana no Brasil*, *Joana*, *Homens de São Paulo*.

³⁸ Etelvina L. B. Marques, Judith Silva, Olinda Gabriel Fortes e Durvalina Porta Nicoletti.

³⁹ Romildo Sant’Anna, professor, escritor, crítico de arte, cineasta, nasceu em S. J. do Rio Preto, em 28.10.1948. Foi presidente do Conselho Municipal de Cultura, diretor do Teatro Municipal Humberto Sinibaldi, diretor-fundador do Museu de Arte Primitivista José Antonio da Silva. Autor do livro *Silva: Quadros e Livros – Um Artista Caiçara* (premiado em Cuba) e *A Moda é Viola* (premiado pelo Governo do Estado de S. Paulo). Recebeu 22 prêmios nacionais e internacionais em teatro, cinema e crítica. Foi co-diretor do filme *Canabrava*, premiado em Cuba, em 1986. Colaborador *free-lance* na Rede Globo e em jornais de Rio Preto e de Goiânia.

Eu era bom de leitura. Certa vez fui passar uns dias num sítio em Córrego São Pedro, região de Nhandeara, onde minha irmã, dez anos mais velha, era professorinha de escola rural. Fui assistir a uma aula dela. Os alunos, todos da roça, liam com dificuldade, engasgando no texto. A professora Unezir, em dado momento, pediu que eu lesse. Deslanchei, com a desenvoltura de um menino de cidade. Minha forma de ler os divertiu. E eles caíram na risada. Fiquei sem entender. Se por um lado eram desletrados, por outro, eram matreiros. Não me avisaram dos marimbondos no pasto. Levei mais de trinta picadas. Também caí da garupa do cavalo. Fiquei sem fôlego, minha irmã, sem voz.

Quanta gente operava das amígdalas por aqueles tempos! Até eu, em 1957, julho. E justo às vésperas do segundo domingo de mês, dia de Festival de Tom & Jerry no Cine São Paulo. O médico foi o Dr. Barbato⁴⁰. Sentei no colo de um japonês forte, que prendeu meus braços. Veio o Dr. Barbato e com um alicatão resolveu tudo, inclusive adenóide. Não gostei.

À nossa vizinhança, agora. Nossos limites mais imediatos – Coronel, 3701, entre Penita e Independência.

Logo que nasci, minha primeira visita foi o vizinho Liráucio⁴¹, que morava ao lado. Não sei por que cargas-d'água perguntou para minha mãe se eu era japonês. Tinha um cão bassê que atendia por Dog, segundo ele, presente do dono das Lojas Peri. Onde já se viu? Um cachorro chamado Cachorro. O pai do Roberto Liráucio, seu Ranulpho Camargo, me dava o nome de Coelhoinho. Sotaque forte de Piracicaba, orelhas pontiagudas, fumante de cigarro de palha, era mecânico de motocicletas. Seu Camargo era criativo. Construiu uma motoquinha para o Liráucio movida a motor de bomba-d'água. Gostava de caçar.

Água Potável

Minas Kuyumjian Neto

Ninguém
ensina.
Todos nascem
sabendo
beber água
da mina.

Pequeno Detalhe

Que beleza!
O pingo
grosso de chuva
rola na terra
e vira
uma agüinha
à milanesa.

⁴⁰ Orlando de Arruda Barbato, médico, professor de Química, viria a falecer em 01.07.1997. Foi vereador, Presidente da Câmara, presidente do Rotary Clube, diretor do Instituto Adolfo Lutz, inspetor de Saúde Pública, diretor da Santa Casa.

⁴¹ Liráucio Roberto Camargo, casado com Inês, filho de Ranulpho Camargo e Etelvina.

“Continuando pela linha férrea, veremos o grande centro de toda esta vasta zona pioneira. É *São José do Rio Preto*, onde a estrada de ferro só chegou em 1912. É verdade, porém, que esta é a mais antiga povoação destes sertões. As primeiras casas aqui se levantaram em 1850. De qualquer forma, o progresso de Rio Preto tem sido espantoso. O município conta mais de 70 mil habitantes, e a cidade, 40 mil, o que a coloca como a décima de todo o Estado!

A princípio, o desenvolvimento foi devido ao café: 20 milhões de pés. Depois, passou a ser sustentado pelo algodão, cereais e criação de gado bovino, equino e suíno. Muitas fábricas também já aqui se estabeleceram: de óleos, de produtos alimentares, de artefatos de couro...”

Viagem Através do Brasil, v. 9, de Lourenço Filho

Cachorrões e cachorrinhos,
Grandalhões e pequeninos,
Luluzões e luluzinhos
Sem-vergonhas e honestinhos
Saíam de nosso caminho
Por favor, deixem em paz
Nosso escuro jardimzinho.

Ebrahim Ramadan, 1956

Muitas vezes, à noite, a oficina de motocicletas se transformava no Cine do Seu Camargo. Em bancos improvisados, assistíamos a *Flash Gordon*⁴², *John Dellinger*, *Buck Rogers*, *Roy Rogers*⁴³, *Hopalong Cassid*, *Randolph Scott* (1903-1987) e outros, hoje considerados clássicos. Projeção em 16 mm, filmes da distribuidora do Douglas Leal, irmão do Valter, da Selaria Mexicana. Liráucio cobrava ingresso, simbólico, mas cobrava.

Outro vizinho foi o Jurandir, conhecido como Di, filho da dona Carmem. Moravam onde posteriormente veio a se instalar seu Sebastião Vitorazzo e dona Alice. Num belo dia, o Di caiu na privada – fossa negra mesmo. Emocionante, ver aqueles bombeiros todos. Foram seguidos banhos e vidros de perfume. Passado o susto, o caso do mergulho na fossa foi um sucesso. Rendeu conversa.

Ainda para o mesmo lado ímpar da Coronel, a casa dos Volpe, senhor José e dona Dionízia. Ela havia tido um sério problema de saúde e quase não aparecia. Foi Luiz Volpe quem fez um caminhão-carreta, de madeira maciça, que ganhei de presente de meus pais.

Rua do Cortiço. Alguém criava um porquinho dentro de casa, como se fosse um cachorro. Delson Gonçalves, irmão do Onofre, morava na tal rua. Veio a ser porteiro do Automóvel Clube. Era mais velho que todos os meninos e nos falava das coisas da vida que nossos pais não ousavam falar. Aquela escola mundana, que cursávamos com os olhos brilhantes e arregalados de interesse. Na chamada Rua do Cortiço, morava também o seu Paulino, que vendia doce e amendoim na porta do Cine Rio Preto.

Havia ainda a Edna Damas, filha de Artur Damas, que tinha um irmão que se chamava William. E um senhor Álvaro, eletrotécnico, com um filho do mesmo nome que brincava conosco.

Para o outro lado de minha casa, o João Parise e dona Maria. Passado o tempo, deram

⁴² *Flash Gordon* em quadrinhos foi criação de Alexander Raymond.

⁴³ Leonard Slye (1911-).



A arte de Lopes, o artista do Pão de Açúcar que morava na rua Pasteur, nº 520 – 1959



Armando de Souza Coelho e filho – Pão de Açúcar, Rio, julho de 1959



Pato Donald – Ano I – nº 1, julho de 1950 – Colecionador: Marco Antonio Ferreira – (61) 399-1798

lugar ao seu Geraldo Parise e dona Aparecida. Nunca me esqueço de quando o filho do seu João, que também era João, no trajeto que fazíamos de volta da piscina da Terceira Baixada – pela estrada que passava pela Chácara do Maquininha – ralou-se todo num tombo de bicicleta. Muito safado, o enfermeiro do Pronto Socorro Municipal pintou a cara dele inteirinha com mercurocromo. Era um misto de palhaço e índio em pé de guerra. A família, quando viu, por pouco não morreu de susto.

Na casa ao lado dos Parise, o seu Paulo Saletti, dona Nenzinha, os filhos Valéria e Paulinho. Posteriormente, seu Brasil e dona Lourdes. Brinquei muito com Cidinha (filha de João e Maria Parise) e Valéria. Se de casinha e de médico? Não me recordo. Nessa época era comum ver as meninas entoando cantigas de roda. O baixinho apelidado Du, da família Saletti, falava e eu pouco entendia. Caminhando-se um pouco mais, a casa dos Pazzini.

Atravessando-se a rua tínhamos o seu Sérgio Gasparine e dona Lourdes. Cheguei a brincar nos buracos dos alicerces da sua casa em construção, na Coronel, 3700. Seus filhos eram Alcília, Airton José, Ana e Alda. Quase namorei a Alcília. Poderia dizer que as mulheres são complicadas. Em verdade, a timidez não deixou.

Seguindo, vinha a casa de seu Osvaldo e dona Dora, pais de Zé Antônio e Lu. Nos fundos, dona Mocinha e seu marido, que consertava máquinas de costura e tinha uma perna mecânica que fazia um compassado nhec-nhec quando ele passava pela calçada.

O Campineiro era um homem chato que assustava toda a criançada. Eu vivia atrás do “verde” do dia-a-dia para os meus coelhos. Certa feita, sem querer, cortando mato, decepei o pé de abóbora do Campineiro. A bronca que ele me deu foi tremenda e cheguei a fazer xixi nas calças. Minha mãe foi lá e assumiu minhas dores, como sempre. Mas com razão. Ora, onde já se viu... fazer isso com o coitadinho... Falando de invasões a terrenos alheios, roubar frutas podia resultar num tiro de sal, se o dono fosse malvado. Ao invés de chumbo, sal. Nunca vi uma vítima, mas imagino que deve doer.

Nos anos 50, criávamos coelhos. As gaiolas usadas tinham o piso de madeira, removível, num sistema de gavetas. Não me agradava limpar o piso toda semana e nem ir à feira com carrinho de mão perguntando sobre as sobras para os bichos. Outra parte que não gostava – fim de ano, no Natal, sacrificava-se um ou dois coelhos que eram preparados “à passarinho”. Achava uma judiação. Afinal, coelho tem muito a ver com Coelho...

Ainda na Coronel, além dos limites do quarteirão, o salão de barbeiro do seu Moretti, o homem que cortava e soprava, que soprava e cortava. Nossos pais – Glostora. Nós outros – Gumex. Eu mesmo preparava. Era só seguir as instruções e misturar o pó avermelhado ao álcool. O cabelo ficava como tábua.

Bem perto, a escola de datilografia, com aquelas Remington que hoje valeriam uma fortuna nos antiquários. O Bar do Pancieira, a Selaria Mexicana, do seu Amâncio e do Valter Leal, da bondosa dona Chiquinha, esquina da Coronel Spínola com Independência. Atravessando a rua, lado par, a Casa Coelho, armazém que tinha de tudo, até o tal do sorridente e simpático seu Clemente que brincava com a gente levando a mão lá embaixo, onde não devia, que coisa chata! Na

Independência, a Padaria do Polotto, que produzia o delicioso sorvete de coco queimado. Mais acima, na esquina, o Bar Santo Antônio. Em frente ao bar, o posto de gasolina dos Braga.

A gente tomava Crush, do tempo da garrafa marrom. Outras marcas sobreviveram: óleo de fígado de bacalhau Emulsão de Scott – que a criança tomava obrigada –, polvilho anti-séptico Granado, Maizena, Kolynos. Olhava-se para o céu tentando ver o Sputnik⁴⁴. Os soviéticos estavam na frente na corrida espacial. Era o primeiro satélite artificial. E, depois disso, vieram com a assinatura russa: a primeira nave capaz de se aproximar da lua, o primeiro cão astronauta, primeiro homem e primeira mulher. No entanto, em julho de 1969, Neil Armstrong, um americano, seria aquele que primeiro calcava o pé no solo lunar⁴⁵.

Era mania entre a criança colecionar carteiras de cigarro vazias. Luiz XV, Beverly, Fulgor, Negritos, nem sei se ainda existem. Minha mãe não gostava. Dizia que cigarro era sujo. Concordo que era um *hobby* não muito perfumado. Lápis de propaganda, caixas de fósforos, moedas, selos eram também outras coleções, herdadas do meu pai. Xerox, coisa do futuro. Fotocópia era fotografia mesmo, reduzida, com a qualidade sempre comprometida.

Nos cinemas, em alta as chanchadas⁴⁶. Frequentes os nomes de Cyll Farney (1925-) Anselmo Duarte (1920-), Eliana⁴⁷, Oscarito⁴⁸ e

Receita de Roubar Tamarindo

Minas Kuyunjian Neto

Tamarindo
é coisa
que não se pode
comprar: só roubar
– azedinho –
em pomar
de vizinho.

O vizinho
não pode deixar:
precisa gritar
– furioso –
e ameaçar
com tiro de sal
– senão tamarindo
roubado faz mal.

⁴⁴ Sputnik: primeiro satélite artificial da Terra, lançado em 4 de outubro de 1957, pela URSS. Sua massa era de 83 kg. A ele, seguiu-se o Sputnik II, em 3 de novembro do mesmo ano. Em 31 de janeiro de 1958, os EUA lançavam o Explorer I.

⁴⁵ Decorridos mais 30 anos desde a conquista da Lua, os russos estão fora da corrida espacial. A nova fronteira, em 2000, é Marte e, em princípio, os EUA não têm concorrentes – *Correio Braziliense*, 31.12.1999.

⁴⁶ O gênero comédia musical trouxe para as telas ídolos do rádio como Carmem Miranda, Cauby Peixoto, Agnaldo Rayol, Ivon Curi, Jorge Goulart. Mas não só de chanchadas se estruturava o cinema brasileiro. Em 1953, *O Cangaceiro*, de Lima Barreto/Cia. Vera Cruz, foi o primeiro filme brasileiro a projetar-se internacionalmente, fazendo sucesso em Cannes. A Vera Cruz foi à falência, em 1954. O Cinema Novo brasileiro teve início a partir de *Rio 40 Graus*, em 1955, sofrendo influência do neo-realismo italiano e caracterizando-se também como o reflexo de um quadro agitado: a realidade social e política do Brasil de então.

⁴⁷ Eliana Macedo – Ely Souza Macedo (1926-1990).

⁴⁸ Oscarito – Oscar Teresa (1906-1970).

Amor Pedestre

Minas Kuyumjian Neto

O fúti

era o *footing*

– fútil

mas útil:

moços parados

em sinal

de amor

e moças

desfilando

em corredor

na rua

principal.

Amassar

barro

era jeito

de namorar

sem carro.

Coreto

Ser cafona

Não era moda.

O povo

ficava em roda

do coreto

sem pagar nada

só para ouvir

a sanfona

de Luiz Gonzaga.

Águas Passadas

Não tenho mágoas

mas jamais consegui

ser aquilo

que na verdade

eu sempre quis:

o homem

que toda tarde

– sem alarde –

ligava as águas

do chafariz.

Grande Otelo⁴⁹, Ankito. Mazzaropi⁵⁰ começou a aparecer em dezembro de 1952, quando lançou *Sai da Frente*. A década de 50 foi a das grandes produções da Metro, aquela do leão. Filmes épicos como *Ben-Hur*, *Quo Vadis*, *Sansão e Dalila*. Com este último, fiquei fã do Victor Mature⁵¹. Enormes as filas no Cine São Paulo para se assistir ao comovente *Marcelino Pão e Vinho*⁵² e também *Sissi*, com Romy Schneider⁵³. Grande sucesso foi o *Vinte Mil Léguas Submarinas*⁵⁴ e o *Melodia Imortal*, com Tyrone Power (1913-1958). Registrem-se os nomes de Tom Mix, de Rin Tin Tin (1916-1932), de Maciste. O Gordo e o Magro⁵⁵, Os Três Patetas, Bob Hope (1903-), Abbott & Costello⁵⁶, Carlitos⁵⁷, o mexicano Cantinflas⁵⁸, filmes que ninguém perdia. Quem deixaria de ver uma comédia romântica com a dupla Doris Day (1924-) e Rock Hudson (1925-1985)?

Já ao final da década, era comum constar nos cartazes dos cinemas se o filme era colorido – em “*technicolor*, *cinemascope*” – ou preto e branco. E a gente continuava vibrando, muitos dos filmes eram velhos, com feras como Sidney Poitier (1927-), Anthony Quinn (1915-), Glenn Ford (1916-), Jerry Lewis (1926-), James Stewart (1908-), Ava Gardner (1922-1990), Clark Gable (1901-1960), Sophia Loren (1934-), Gina Lollobrigida (1927-), David Niven (1909-1983), Yul Brynner (1915-1985), Burt Lancaster (1913-1995), Rita Hayworth (1918-1987), Charlton Heston (1923-), Elizabeth Taylor (1932-), Lana Turner (1921-1995). Alguns então veteranos,

⁴⁹ Grande Otelo – Sebastião Bernardes de Souza Prata (1915-1993).

⁵⁰ Amácio Mazzaropi (1912-1981).

⁵¹ *Sansão e Dalila* (1949). Victor Mature contracenou com Hedy Lamarr (1914-).

⁵² Ator principal: Pablito Calvo, falecido em 01.02.2000, com 51 anos.

⁵³ Romy Schneider (1938-1982) estreou Sissi, em 1956. Seguiram-se mais dois da série.

⁵⁴ *20,000 Leagues Under the Sea* (USA, 1954), com Kirk Douglas 1916-), Peter Lorre (1904-1964), James Mason (1909-1984).

⁵⁵ Laurel e Hardy (O Gordo e o Magro) eram Stan Laurel – Arthur Stanley Jefferson (1890-1965) e Oliver Hardy (1892-1957).

⁵⁶ Abbot & Costello – William A. Abbott (1895-1974) e Louis Francis Cristillo (1906-1959).

⁵⁷ Carlito ou Carlitos era Charlie Chaplin, que nasceu Charles Spencer Chaplin (1889-1977).

⁵⁸ Cantinflas – Mário Moreno (1911-1993).

outros, começando. Uma inovação interessante foi o cinema em terceira dimensão. Na entrada, recebiam-se óculos em celofane verde e vermelho.

Cine São Paulo, Rio Preto e Boa Vista. Domingo de manhã, 10 horas, sessão Ziguezague (era Zig Zag), mais para criancinhas. À tarde, a famosa matinê (por que matinê se era vespéral?), que além dos filmes, levava os seriados de *Nioca a Rainha das Selvas*, *Hopalong Cassid*, *Jim das Selvas*, *Tarzan*⁵⁹, *Capitão Marvel*, *O Homem-Foguete*, *Zorro*. Ir à matinê era sagrado. Namoro e cinema, coisas inseparáveis. Antes de começar a sessão, um verdadeiro *footing*, que só terminava quando se apagavam as luzes e a platéia começava a gritar “senta aí”. Aparecer o condor da Condor e todos a gritar “Xô”. Piscar tinha altos significados. Trocava-se gíbi⁶⁰ na saída. Figurinhas também. Jogava-se “bafo”, onde se ganhavam ou se perdiam as repetidas.

Um depoimento sobre o Cine São Paulo. “Sou do tempo em que no domingo, era obrigatório paletó e gravata nas sessões”, comenta Jonir, o Jacaré⁶¹.

A primeira apresentação cinematográfica de Rio Preto ocorreu em agosto de 1908. A Éden Parque, casa de espetáculos com cinema, foi inaugurada em 1912, no quarteirão onde é hoje o Banespa. A Pathé Cinema foi a primeira empresa do gênero estabelecida em Rio Preto, em 1911. Em 1912, vendida, passa a Phenix Cinema. Em 1929, o Phenix muda de dono e agora chama-se Capitólio, já com adaptações para teatro. Imaginem quantos filmes de Rodolfo Valentino não foram projetados nessas telas.

O Cine São José começou a funcionar em 1928, na esquina da Siqueira Campos com General Glicério. O Cine Boa Vista foi inaugurado em 1954. O Ipiranga, em 1956, com 610 lugares, e o Esplanada, em 1958. Falemos um pouco do mais antigo, o maior deles, o Cine Rio Preto. Hoje, em seu lugar, um *shopping* que chegou a render homenagem ao cinema mais famoso de Rio Preto, expondo sua máquina de projeção que tantas alegrias nos trouxe. O Cine Rio Preto foi inaugurado em 24.12.1940, na Bernardino de Campos, com frente para a Praça Rui Barbosa. Tinha platéia e balcão.

Sobre o folclórico cinema da Praça Rui Barbosa, compartilhemos da genialidade de Minas Kuyumjian Neto⁶², em *Memórias do Cine Rio Preto*⁶³ e sobre o cinema, da de Rita Lee e Roberto Carvalho, na música *Flagra*.

⁵⁹ Personagem criado por Edgar Rice Burroughs. O mito e a lenda de Tarzan tinha por cenário a África. O primeiro filme falado da série foi por Johnny Weismuller (1904-1984). Sucederam-se a ele na década de 50, no papel de Tarzan, os atores Lex Barker e Gordon Scott.

⁶⁰ Em alta até então os personagens *Mandrake* e *Fantasma*, de Lee Falk, *Dick Tracy*, de Chester Gould, *Super-Homem*, de Jerome Siegel e Joe Schuster, *Capitão Marvel*, de C. C. Beck, *Batman e Robin*, de Bob Kane, *Homem-Borracha*, de Jack Cole, *Namor, O Príncipe Submarino*, de Bill Everett, e outros. Mas a década de 50 foi marcada por campanhas contra os quadrinhos, alegando-se que prejudicavam o aprendizado das crianças ou “criavam vícios no raciocínio abstrato do público consumidor”. O *Pato Donald*, de Walt Disney (1901-1966), foi lançado no Brasil pela Editora Abril, em 12 de julho de 1950.

⁶¹ Jonir Fernandes de Souza, barbeiro.

⁶² Minas Kuyumjian Neto, jornalista, escritor, formado em Filosofia, nasceu em 30.09.1946. Trabalhou em Rio Preto nos jornais *Diário da Região*, *A Notícia*, *Folha de Rio Preto*. Foi redator no *Diário de São Paulo*, *Diário da Noite*, *Edição Nacional*, *Notícias Populares*, revista *Visão*. Autor de *Os Intrusos*, *O Baile*, *Sociedade Anônima*, *na Hora Agá*, *PréTextos*, *Na Capital do Lambari*, *Palavras*, *Aquarela do Brasil – Expectorante Azulaniil & Secreções*, *O Papagaioauro que Falava De trás-pra-frente*, *Homo Erectus*, *Dois Pestinhas*.

⁶³ *PréTextos* – Cap. *Ruminessências* (Ed. 1991)

Minas assim nos transporta aos bons tempos:

No gueto
escuro
do Cine Rio Preto
impuro
me tornei.

Juro
que meu pai
foi Rock Hudson
e minha mãe
foi Doris Day.

Naquela fase
de menoridade
o cinema era quase
maior
que a cidade.

Estar vivo
era antecipar-se
ao apagar-se da luz
e altivo ficar só
– cumulativo
sob o capuz
do coletivo –
cativo do momento
e preso à tela:
aquela
grande janela
sem fundo
em *Vista Vision*
escancarada
para o mundo.

Lá pululavam
mulheres louras
de peitos pontudos
e superiores
que friamente
beijavam *cow-boys*
bandidos e heróis
discriminadamente.
Eram anos
repletos
de grandes homens
americanos
– perfeitos
corretos
feitos pela Cia
para sua clientela
a partir
da melhor costela
da Democracia.

Tempos idos
coloridos
com cores

ou preto-e-branco
em que marinheiros
dançavam
e sapateavam
granadeiros
e a vida eterna
morava na caserna:
diversão era beber
como loucos
e depois
– como antigos
bons amigos –
muitas vezes
trocar socos
na velha tradição
dos irlandeses.
Ninguém pegava
doença venérea
mas em compensação
como sempre
a Força Aérea
se ria
da Infantaria.

Guerrear
não passava
de uma idéia:
com soldados
farda e marujos
vamos à Coréia
salvar os ditos-cujos
do cutelo
dos amarelos
sujos.
Nas trincheiras
ninguém perde
as estribeiras:
o soldado
admira o sargento
que é temente
ao tenente
com aval
do general.
Escoteiros à beira
da fogueira
lendo fãrtas
cartas
da distante
ruiva
que se ama:
sofrer na guerra
é só
suportar o pó
cavar a terra

e dormir na lama.
Sem esquecer
jamais
a lição dos pais:
bondade e lealdade
hão de vencer
a maldade.

Um desatino
de hino
a Calvino:
amplos sorrisos
brancos
porte viril
de brancos
alvos amores
brancos
– e uma orgia
de flores
que noite e dia
sempre chegavam
não se sabe de onde
para os atores.

Sexo
era utopia
que nas cenas
de modo complexo
apenas
se prometia.
A cama
ainda indecente
era então
inversamente
proporcional
à fama:
mas quando ocorria
logo flanavam
cortinas
e esvoaçavam gazes
e as câmeras
audazes
ou subiam
ou desciam:
em vez do macho
– o capacho
em vez dela
– a janela.

O tempo passava
entre aspas
como caspas
embranquecendo
pelagens
nas tēmporas

dos personagens
– ou era então
o ventinho diário
que ia arrancando
as folhinhas
do calendário.

Fora desfila
a fila
para ver
Sansão e Dalila.
Dentro o escuro
transforma a tela
num muro
monumental:
arena fatal
onde o Bem
gloriosamente
sempre e sempre
vencia o Mal.

Na rua cartazes
sem truques
ou *spots*
mostravam ases
e seus paladinos
muques: de Allan Ladd
a Mazaroppi
de John Wayne
a Randolph Scott.

Domingo
na matinê
Zorro era *gag*
de gringo
na *Sessão*
Zig-Zag: gritávamos
em festa e coro
quando a espada
riscava um Z
na maldosa testa
de *Don Del Oro*.

À noite
imperava o cetro
do Leão da Metro
– *raurrr!*
e entrava
o *Ben Hur*.

Quanta
choradeira
na Semana
Santa!
Um Cristo
(Mephisto?)
com ar de Carlito
cumpre o malsinado
rito

de ser supliciado:
não há milagre
que apague
dois mil anos
– cravados –
à mercê
daqueles romanos
exagerados.

Toda sessão
tinha sempre
a tutela
do *Jornal da Tela*:
uma atriz
que virou rainha
trocando a cama
e o esplendor
da fama
pelo mais puro
e desinteressado
amor
– um *play-boy*
que deixa as delícias
do dinheiro
e se casa
na Candelária
com a milionária
no Rio de Janeiro.
Depois
– antes do *short*
do Jean Manzon –
vinha o esporte
no *Pathé News*
– que em preto
e algum meio-tom
mostrava por sua vez
como seria bom
ter nascido
francês.

Ninguém
se ressentia
se a notícia
não é recente:
basta habitar
– fictícia –
o branco vazio
da nossa mente.
Também o filme
enfim
não precisava
ser bom
nem ruim: sucesso
era o suspiro
da platéia
quando nascia
o louro bebê

– terrível sentença
em papiro se lê –
alguém achava ouro
ou cercado
por mil azaléias
o príncipe
contrariava a Corte
e beijava
os lábios de uma
plebéia.

Naquele lugar
– naquele tempo
a vida corria
bem devagar.
No som
a oração
– na imagem
a vertigem
do altar.

Toda fita
tinha gosto
de bala *Chita*.
No fundo
o mundo
se estilhaçava
em milhares
de novos lares.
O mundo
era ainda
pequeno e bom:
tinha setecentos
lugares
– sem falar
do saguão
e do balcão
de namorar.

Mas quem
entende por que
a maldita luz
sempre acende
quando aparece
o *The End*?

Flagra

Rita Lee e Roberto Carvalho

No escurinho do cinema
Chupando drops de anis
Longe de qualquer problema
Perto de um final feliz

Se a Deborah Kerr⁶⁴ que o Gregory Peck⁶⁵

Não vou bancar o santinho
Minha garota é Mae West⁶⁶
Eu sou o sheik Valentino⁶⁷

Mas de repente o filme pifou
E a turma toda logo vaiou
Acenderam as luzes, cruzes!

Que flagra!
Que flagra!
Que flagra!

Quadrinhos

Durante muito tempo as histórias em quadrinhos foram tidas e havidas como uma sub-literatura prejudicial ao desenvolvimento intelectual das crianças. Sociólogos apontavam-nas como uma das principais causas da delinquência juvenil. Aos poucos, porém, foi-se verificando a fragilidade dos argumentos daqueles que investiam contra os quadrinhos: uma nova base metodológica de pesquisas culturais conseguiu estruturar a sua evolução crítica, problematizando-os a partir do relacionamento entre a reprodutibilidade técnica e o consumo em massa, que criariam novas posições estético-informacionais para a obra de arte.

Moacyr Cirne (*A Explosão Criativa dos Quadrinhos* – Ed. Vozes)

Cabe aqui reprisar algumas considerações de Farani⁶⁸ sobre o cinema, feitas em 31.12.1999.

“A indústria cinematográfica foi precursora da chamada indústria do entretenimento, baseada quase que totalmente na linguagem audiovisual. Tecnicamente, o setor audiovisual nunca parou de evoluir, criando sempre maior potencial para o setor do entretenimento. Marshall MacLuhan foi um dos primeiros a perceber a importância do audiovisual e analisar seus efeitos sobre a sociedade. Ao preconizar a ‘aldeia global’ como resultado da massificação cultural, ele decretou a hegemonia da linguagem audiovisual ao afirmar que ‘o meio é a mensagem’.

“O cinema resistiu ao avanço tecnológico do mundo audiovisual, integrando à sua indústria aquelas que pareciam ser suas maiores ameaças – a televisão e o vídeo, hoje nichos de mercado do filme. Grandes inovações tecnológicas, no entanto, já estão sendo cogitadas, como por exemplo, um sistema de distribuição de filmes via satélite. Assim como na televisão, as imagens seriam transmitidas diretamente para a tela da sala de cinema, eliminando não somente o projetor e a película, mas também o projetorista, mais uma vítima da globalização e da tecnologia.”

Farani ainda relaciona Internet com cinema: “A Internet representa o mais novo desafio para a indústria cinematográfica. Com ela e sua *World Side Web* surge a conjunção entre as linguagens escrita e audiovisual, que oferece novas possibilidades de comunicação⁶⁹.”

Retornemos aos anos 50. Tivemos coleções primorosas de figurinhas, como *Bambi* e *A Dama*

⁶⁴ Deborah Kerr (1921-)

⁶⁵ Gregory Peck (1916-)

⁶⁶ Mae West (1892-1980)

⁶⁷ Rodolfo Valentino (1895-1926)

⁶⁸ Marco Farani é diplomata, exibidor e programador do Cine Academia, Brasília.

⁶⁹ O desenvolvimento do setor multimídia vem deslocando o novo mercado de comunicação de massa da indústria cinematográfica e televisiva para uma convergência entre computador, meios de telecomunicações e grande mídia em geral. Hollywood vai, assim, perdendo sua primazia para uma nova indústria, a da mídia interativa – *Correio Brasileiro*, 31.12.1999.

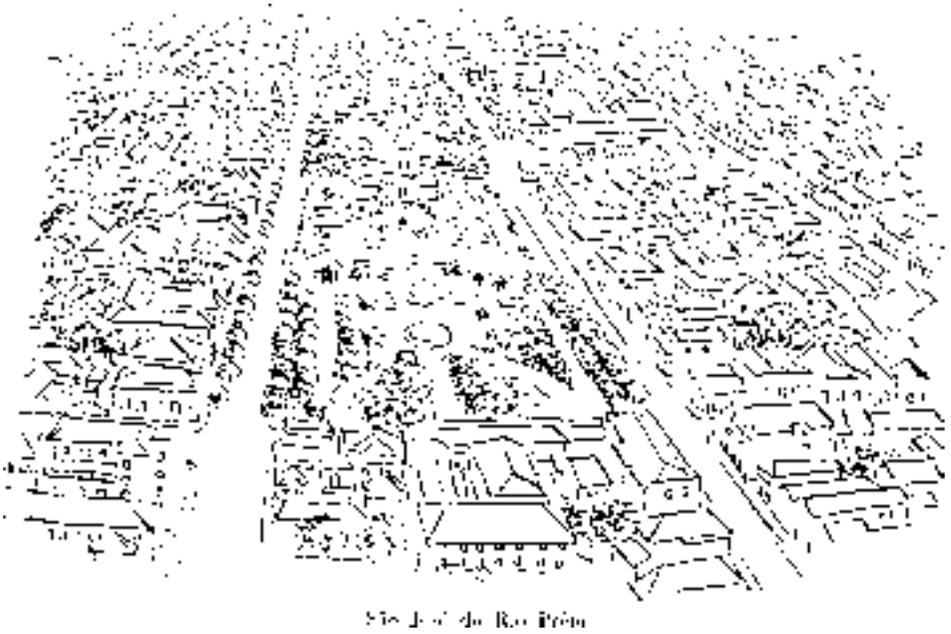


Ilustração de Percy Lau, 1954



Vista de R. Preto – Praça Rui Barbosa. Vista dos prédios onde funcionaram dois cinemas de Rio Preto: cines Ipiranga e Rio Preto – 13.03.2000

e o *Vagabundo*, de Walt Disney e *Da Floresta Misteriosa aos Abismos do Mar*, todos lançados pela Vecchi. O filme *Marcelino Pão e Vinho*, com Pablito Calvo, também gerou um álbum, em 1957. Passados quarenta anos, numa locadora de Brasília, tive a oportunidade de saber que *Marcelino* está disponível em vídeo.

Naqueles tempos remotos, a Livraria Martins Editora lançara Figurinhas Trópico – Série “Animais”. Distribuidora, vejam só, já era a Fernando Chinaglia.

Localizei nas caixas empoeiradas que havia trazido de Rio Preto, uma série de publicações em quadrinhos da *Ebal*, sobre Raposo Tavares, Anchieta, Rondon, Oswaldo Cruz, Machado de Assis, que considero verdadeiras preciosidades. Ainda da Ebal, *Ciências em Quadrinhos*, de abril-maio de 1958, enfocando *Thomas Edison – A História da Luz*.

Não registro nenhum *frisson* quanto à Copa do Mundo de 54. Pudera, estava com cinco anos de idade. Sabe-se que o Brasil caiu de posição, em relação a 1938 e 1950. A Alemanha Ocidental levou a taça. Em 1958, Copa da Suécia, foi diferente. Foram lançadas balas com figurinhas estampando os jogadores, nossos heróis. Tanto chupar e colecionar quase nos deu indigestão. As carimbadas eram mais difíceis e valiam mais. Uma carimbada chegava a valer dez das comuns.

A transmissão foi pelo rádio. Imagem, só depois, quando os documentários de Carlos Niemeyer, Severiano Ribeiro, Herbert Richers (1923-) passassem para nós no cinema. Rio Preto ainda não tinha repetidoras de tevê. Televisão funcionava na capital⁷⁰. O Brasil impôs-se como um futebol moderno, criativo, e o melhor do mundo. Juntaram-se aos nomes de Nilton e Djalma Santos, Didi, Zito, a arte imprevisível de Garrincha que deixava os adversários com cara de bobo. E o Pelé, com 17 anos!... Um garoto... Nunca fui fanático por futebol, mas Copa é Copa. Brasil 5 x Suécia 2. Os adultos pulavam, eu pulava também. Na boca de todos, os nomes de Gilmar, Djalma Santos, Belini, Orlando, Nilton Santos, Zito, Didi, Garrincha, Vavá, Pelé e Zagalo. Jogaram ainda De Sordi, Dino Sani, Joel, Mazzola e Dida. O treinador era o Vicente Feola.

Nilton Santos, em 1998, estaria em Brasília, cuidando de uma escolinha de futebol.

Nessa mesma década – tão festejada com a vitória do Brasil, em 1958 – em Rio Preto, os torcedores vibraram com os times locais do América e Rio Preto, que se enfrentaram por 22 vezes, alternando os *derbies* nos estádios Victor Brito Bastos e Mário Alves Mendonça.

Cresci ouvindo muito falar em Chico Landi⁷¹, o paulista campeão de Fórmula I. Quanto a Olimpíadas, na década de 50, só em 1952 e 56, o Brasil enviou atletas. Foram 105 em 1952. Trouxeram uma medalha de ouro. Em 1956, o Brasil mandou 44 atletas, conquistando mais uma.

⁷⁰ Em 1958, já funcionavam muitos canais em São Paulo. Em 1956, a TV Tupi já havia transmitido ao vivo por cabos retransmissores, do Maracanã para São Paulo, o jogo entre as seleções do Brasil e da Itália. O videotape já havia sido introduzido (1957) pela TV Rio – os programas já não precisavam ser ao vivo.

⁷¹ Landi ganhou seis GPs entre 51 e 56. Gino Bianco, outro paulista, ganhou 4 GPs em 1955. Hernando da Silva Ramos, meio brasileiro, meio francês, ganhou 7 GPs entre 56 e 57. Fritz d'Orey, paulista, ganhou 3 GPs em 1959.

— 11 — ALMAÇAQUE — 1957 — DE VIDA INFANTIL

DIZ, SEU FILHO!

EU QUERO O MELHOR

BASTA VOCÊ ESCREVER!

É só lhe remetermos pelo reembolso postal este brinquedo maravilha

PREÇO DO PROJETO: Cr\$ 480,00
cada filme Cr\$ 12,00
sem taxa de entrega

Cine-projetor BARLAM INFANTIL

Cada projeto BARLAM é fornecido com licença de exploração e leva uma seleção de filmes já existentes, incessantemente em renovação.

Fezidas pelo consórcio o
CINE PROJETOR BARLAM INFANTIL
Cafes Postal 291 — Rio de Janeiro
R. Paula R. Barros de Desprelados, 22 - S. S. 922 - Tel. 24-8224
PARA REVENDA: - Distribuidor - Produtores Físicos S.R. Ltda.
Rua Sousa Soares, 22-A - Telefone 25-1873 - Rio de Janeiro

— 12 — ALMAÇAQUE — 1957 — DE VIDA INFANTIL

JOE, o herói do Far-West

ALMEÇAQUE

DE VIDA INFANTIL

BOOM

Criançices

Minas Kuyumjian Neto

Melhor
que caderno novo
e fuçar em armário
só mesmo
procurar palavão
no dicionário.

Nossos grandes palhaços eram Fuzarca e Torresmo, Arrelia e Pimentinha, Carequinha.

Lia-se amiúde *O Tesouro da Juventude* e as sempre fascinantes histórias de Monteiro Lobato. Os pequeninos habitantes do Reino de Lilliput, de que se falava em *As Viagens de Gulliver*, povoaram os meus sonhos por muito tempo. Como seria bom encontrar aqueles homenzinhos em miniatura...

Enciclopédia em fascículos nas bancas de Rio Preto: *Trópico – Enciclopédia Ilustrada em Cores*. Era quinzenal. Deve ter começado em 1955, só concluindo a série de 100 exemplares quinzenais em 1963.

Os estudiosos de Quadrinhos, certamente iriam deliciar-se com o *Almanaque 1957 – Vida Infantil*, com capa de Joselito. Será que os desenhistas brasileiros que constam da publicação decolaram? Joselito, Domingo Cervera eram, ambos, do Rio. Tinham talento suficiente para fazer sucesso semelhante ao de Maurício de Souza. Na publicação, excelentes trabalhos de Menico, Lino, P. Olivier, C. Arnal, Ken Champin, Hube Karp.

Nomes como Maria Esther Bueno⁷² (nossa campeã de tênis), Éder Jofre⁷³ (do boxe), Martha Rocha, Adalgisa Colombo – concursos de misses agitavam os noticiários – eram objeto das reportagens da revista *O Cruzeiro*⁷⁴, que com o passar dos anos constituíram verdadeiras pilhas no nosso quartinho dos fundos. Revejo fotograficamente as imagens em preto e branco de Ava Gardner e de outros personagens, inclusive as de Ronaldo, um *playboy* que teria assassinado Aída Curi. Cheguei a recortar todas as reportagens

⁷² Maria Esther Bueno tinha 18 anos quando venceu, em 05.07.1958, o torneio de duplas femininas de Wimbledon. Daí em diante, conquistaria 170 títulos internacionais

⁷³ Éder Jofre era filho de Aristides “Kid” Jofre.

⁷⁴ O primeiro número da revista *O Cruzeiro*, a primeira semanal do Brasil, é de dezembro de 1928. Criada por Assis Chateaubriand, representava um salto enorme na história da imprensa no Brasil. Em 1958, atingiu tiragem de 800 mil exemplares. Seus colaboradores de maior destaque, entre outros: David Nasser, Jean Manzon, Péricles, Millôr Fernandes, Luís Carlos Barreto (então fotógrafo). Foi editada até 1974.

que saíram sobre discos voadores⁷⁵. Colecionava também *O Amigo da Onça*, de Péricles (1924-1961). Diz-se que quem inventou a expressão “amigo da onça” foi um caçador, que mentia muito. Este contou que, certa vez, fora acuado por uma onça. Estava desarmado. Deu um grito tão alto que a onça fugiu apavorada. Um dos presentes não engoliu a lorota, afirmando que não podia ser verdade, que naquelas condições o caçador estaria frito. Nessa hora, o contador da história pergunta: “Afinal de contas, você é meu amigo ou amigo da onça?”

Criativas as charges do Carlos Estevão⁷⁶. Famosas as *Certinhas* do Stanislaw Ponte Preta e a seção *Pif-Paf*, de Millôr Fernandes, que atuava com o pseudônimo de Vão Gogo.

Foi a *Manchete*⁷⁷ que publicou a famosa “foto do calendário” de Marilyn Monroe⁷⁸ nua, original para aqueles tempos, sobre um veludo vermelho. Esse exemplar de meu pai ficava bem escondido, mas um dia achei, embaixo de uma gaveta da escrivaninha. Eu era impressionadíssimo com a Anita Ekberg⁷⁹, com seus enormes seios. Mas a Jayne Mansfield não era de se jogar fora. E nem a Brigitte Bardot (1934-). Mulher pelada era uma coisa rara nas revistas. Basta consultar as fotos da época. Já repararam no recato do maiô da Miss Brasil 1958? Dentre os símbolos sexuais da década de 50, além de Marilyn, podemos incluir James Dean (1931-1955) e Marlon Brando (1924-).

Revistas de que me recordo excetuando-se as já citadas: *Seleções Reader's Digest*, *Cinelândia*. Numa outra linha, a *Revista d' O Pensamento*. Esta, de formato pequeno, era publicada pelo Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento, voltada ao crescimento interior. Incrível como a nossa memória nos surpreende. A chamada *Chave da Harmonia*, contida na minúscula revista, continua fresca em minha mente – “*Desejamos Harmonia, Amor, Verdade e Justiça a todos os nossos irmãos do Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento e a todos os seres. Com as forças reunidas das silenciosas vibrações dos nossos pensamentos, somos fortes, sadios e felizes, formando assim um só elo de fraternidade universal. Desejamos que todos os seres realizem as suas mais íntimas aspirações. Damos graças ao Pai Invisível por ter estabelecido a Harmonia, o Amor, a Verdade e a Justiça entre todos seus filhos*”

Moda. A moda para mim nos anos 50 foi um *short*. Dispensei a camisa. Sapato, nenhum, na maior parte do tempo. Para passear, usava-se o suspensório. As moças, vestido saco, tubinho, balão. Meu pai andou usando chapéu por uns tempos. Chapéu discreto, elegante. Esse acessório masculino foi muito vendido

⁷⁵ O fotógrafo Ed Keffel teria registrado, em 1953, a presença de um *Óvni* na Barra da Tijuca. Nunca se soube se foi truque ou realidade. E nem técnicos da Nasa souberam decifrar as imagens publicadas em 16 páginas da revista *O Cruzeiro* – *Época*, 10.08.1998.

⁷⁶ Durante o período de construção de Brasília, houve charge de Carlos Estevão (1921-1972), em *Perguntas Inocentes*, em que o sujeito descia de um avião envolto numa nuvem de poeira e alguém perguntava: “Está vindo de onde?” A pergunta era inocente porque poeira era sinônimo de Brasília.

⁷⁷ A revista *Manchete* foi lançada pelos irmãos Bloch, em 26 de abril de 1952.

⁷⁸ O nome verdadeiro de Marilyn Monroe (1926-1962) era Norma Jean Mortenson. Foi o grande símbolo sexual dos anos 50. Alguns de seus filmes: *Os Homens Preferem as Loiras* (1953), *O Pecado Mora ao Lado* (55) – da famosa cena do vestido esvoaçante –, *Nunca Fui Santa* (56), *O Príncipe e a Corista* (57), *Quanto Mais Quente Melhor* (59), *Os Desajustados* (1961).

⁷⁹ Jorginho Guinle namorou Anita Edkberg. Considerou-a a mais burra de suas célebres namoradas – *Flash Fora do Ar*.

A VOLTA DO CORSO AO CARNAVAL PAULISTA

“O Memorial do Imigrante irá promover novamente um evento que relembra os antigos Carnavais Paulistas – o Corso.

Do início do século até meados dos anos 40, era tradição na cidade de São Paulo um Corso, ou desfile de carros, abrindo as comemorações do Carnaval. Pessoas fantasiadas desfilavam pelas ruas com seus carros enfeitados, mas o mais aguardado era o Corso da Avenida Paulista, onde a ‘nata da sociedade’ competia pelo orgulho de ter o carro mais enfeitado ou com os carnavalescos mais animados. A população participava criando uma guerra de confetes e serpentinas, com muita alegria e colorido.

O desfile do ano passado, com seus carros antigos e foliões fantasiados, fazendo uma alegre ‘guerra de confetes e serpentinas’, foi uma atração inesperada e bem-vinda para todos os paulistanos que estavam no trajeto. Os mais velhos olhavam saudosos para o cortejo, lembrando a infância e adolescência. Os mais novos eram ‘atacados’ de surpresa com punhados de confete.

Não é para menos. Imagine um velho Ford ‘bigode’ lotado de portuguesas, sendo dirigido por um pirata? E um conversível dos anos 20 cheio de palhaços e chinesas? Talvez essa seja a essência do Carnaval – a brincadeira sem a preocupação com rótulos ou algum compromisso com o cotidiano. Manda-se a realidade ‘às favas’ e o ‘caia na gandaia’ é o lema do folião. Os tempos mudaram, os bailes não são mais ‘de família’, os blocos e escolas de samba foram confinados numa passarela de concreto e o povo, nas arquibancadas, com o mundo todo (até mesmo os brasileiros) acompanhando as evoluções dos passistas e o som da bateria pela TV. A função principal desta volta do Corso é a de criar mais uma atração para que esta parcela da população,

na década de 50, em função de Frank Sinatra⁸⁰, que acabou ditando moda. Houve tempo em que, para os íntimos, a indumentária de meu pai era camiseta branca sem mangas e tamancos. Minha mãe abominava. Todos faziam a barba com navalha, mas isso nada tem a ver com moda...

Havia uma figura em Rio Preto que tinha o mesmo nome de meu pai: Armando de Souza Coelho. Tinha o apelido de Boneco Elétrico, alusão talvez a um fim de ano em que o senhor homônimo arrumou um emprego de boneco. Ficava exposto, imóvel, numa vitrine de loja do centro.

Carnaval⁸¹. Sinto-me um privilegiado por ter tido a oportunidade de assistir ao famoso corso da Bernardino. Pessoas fantasiadas nas ruas, outras em blocos ou pequenos grupos, desfilando pela cidade nos improvisados carros abertos e enfeitados. Brincadeiras de um mau gosto até inocente de colocar água com limão nas bisnagas, atingindo o olho dos outros. Lança-perfume da Rhodia, em embalagens metálicas amarelas, era para lançar nas costas das garotas. Os malvados jogavam no olho também. Cheirar lança? Nada disso ainda⁸². Só mais tarde a coisa virou moda. *Rio Preto em Revista*, em 1958, diante da possibilidade de a General Glicério ser escolhida para abrigar o corso, em lugar da Bernardino, proclamava: “uma medida acertada, que deverá se posta em prática este ano, beneficiando aos foliões e espectadores”. Gritos de Carnaval antecediam a “festa momesca”. Hoje,

⁸⁰ Em 60 anos de carreira, Frank Sinatra, nascido em 1915, o mais popular cantor norte-americano, gravou mais de duas mil canções e cerca de 700 discos. Embalou incontáveis romances. Manteve seu estilo açucarado acima de qualquer influência musical. Viveu entre a fama e o desprezo, mas sempre cercado de mulheres. A voz do século XX se calou aos 82 anos de idade – *Correio Braziliense* – 31.12.1999.

⁸¹ Diz-se que o Carnaval existe no Brasil desde 1641. Mas nos últimos 100 anos o Carnaval mudou muito. Passou de autêntica manifestação de rua para um evento rentável. O primeiro desfile de escolas de samba no Rio aconteceu em 1932.

⁸² O lança-perfume seria proibido em 1961, por Jânio Quadros – Decreto 51.211, de 18.08.1961. Nem fabricação, nem comércio, nem uso, em todo o território nacional. Mais tarde, um Decreto e uma Lei, de Castello Branco versavam sobre o mesmo assunto – respectivamente, Decreto 55.786, de 22.02.1965, e Lei 5.062, de 04.07.1966.

sabemos, grita-se antes, durante e depois. Na Bahia, principalmente.

Era tradicional a presença dos dois palhaços, com seus sapatos compridões, que desciam a Coronel Spínola correndo atrás dos moleques, dando-lhes “cacetadas”. Protagonistas: Mayo Gimenes e seu irmão.

Paródia era coisa que o rio-pretense apreciava. Era comum cair no gosto popular, mais que a música original. De velhos carnavais ficou famosa: “Eva coava o café que Adão tomava, Eva coava! Coava, coava, coava, mas agora não Eva coa mais. Um dia o coador furou e nunca mais Eva coou...”

Boa hora de falar de um compositor de música carnavalesca de Rio Preto – Messias Mattos⁸³. Nossos desencontros em Brasília (ele mora na cidade-satélite Núcleo Bandeirante) duraram um ano e meio. Minha intenção era produzir uma matéria sobre ele e sua esposa Maria Lúcia, que cantara em Rio Preto. Com ele, o intuito era falar sobre rádio. Mas, além de radialista, o criativo e dinâmico Messias enveredara, para minha surpresa, também pelo terreno da música de Carnaval. No entanto, seu forte foi atuar como “homem-agência” em propaganda e promoção, na criação e elaboração de textos, *jingles* e *spots* para rádio, na de anúncios e *releases* para jornal. Ou seja, homem de *marketing*, de alto calibre.

Em seus tempos de Rádio Difusora, ganhara o concurso de Carnaval com a marcha

que fica presa na frente da TV, gaste alguns minutos de seu tempo numa brincadeira saudável, com seus filhos e avós que, por certo, relembRARÃO com carinho de sua juventude.

Dessa forma estamos convidando a população de São Paulo a relembRAR esta tradição esquecida. Acreditamos que devemos isso ao Carnaval, que precisa ter de volta a participação de toda a população. Afinal, ele não é um espetáculo ‘para gringo ver’, mas para podermos esquecer, por breves quatro dias, as agruras do dia-a-dia. Com o apoio do Clube do Fordinho, o Corso acontecerá nesse sábado, dia 4 de março de 2000, às 14 horas, saindo do Memorial do Imigrante e circulando pelas ruas próximas, em automóveis da década de 20.”

Informativo do Memorial do Imigrante, São Paulo, de 02.03.2000

⁸³ Messias Mattos, radialista, advogado, jornalista, publicitário, compositor, nasceu em Rio Preto, aos 25.04.1932. Começou sua carreira como locutor em Uchoa. Em Catanduva, atuou como locutor da Rádio Difusora. A marchinha *Catanduva Uva*, é de sua autoria, em parceria com Hamilton Caetano de Mello. Em São Paulo, trabalhou na Rádio S. Paulo, onde também fez “pontas” em radionovelas. Em 1959, de volta a Rio Preto, atuou na Difusora como agenciador de propaganda, produtor e apresentador. Dentre seus programas temos: *A General Comanda*, *Encontro Martone*, *Sua Memória Vale Ouro* (de auditório). Apresentou *Café da Manhã* e *Tribuna do Povo*, respectivamente com Maria Helena e José Eduardo do Espírito Santo. Em Votuporanga, foi gerente da Rádio Piratininga. De 1963 a 1970 foi Diretor Comercial da Rádio Independência. Assumiu, depois, a gerência da Rádio Difusora Riopretense (rede coligadas). Fez a *Coluna do Rádio* no Diário da Tarde. Em Rio Preto, conquistou vários prêmios com suas composições carnavalescas. Indo para Brasília em 1973, deixou o rádio.

Vai de Grito

Messias Mattos

Canta: Heber e Malinã

Apita, apita, apita
Apita quem pode apitar
Grita, grita, grita
Você que precisa gritar.

Quem tem dinheiro pra se virar
Vai de apito na boca
Quem só tem boca
Não tem apito
Abre a boca e vai de grito.

Saudade

Marcha-rancho de Messias Mattos

Era uma noite de lua
Eu a encontro na rua
Nasceu um grande amor
Teve a existência da flor.

Saudade, quando a alma invade
Faz triste a beleza
Faz bela a tristeza
Maestro, eu peço um minuto
Em compasso de luto
E letra de saudade.

O Maior Homem do Mundo. Philadelpho era o prefeito. Os concursos de misses (lamentavelmente, o culto infeliz à beleza externa) estavam em alta. Antes de Amaury Júnior, era Messias quem os apresentava no Automóvel Clube. “Foram alguns concursos. E o bastão foi passado para o Amaury, que também aceitou meu convite para apresentar o *Encontro Marcado*, na Independência.”

Messias Mattos começou sua carreira de locutor em Uchoa, no Repórter Uchoense da praça principal. Estava com quinze anos apenas. Já em Catanduva, atuou na Rádio Difusora. Sua verve de compositor já se fazia notar. Em 1953, compôs *Catanduva Uva*, gravada por José Astoriano, da Orquestra Marajoara. O vocal foi feito pelas irmãs Giglio. Seguiu para São Paulo, passando por experiências diversificadas, o que incluiu até radionovelas. Em 1959, retornava às origens, passando a produtor e apresentador na Rádio Difusora. Egydio Lofrano⁸⁴, então diretor, estava montando sua equipe e estruturando a grade de programação. “Egydio era bem liberal”, comenta. “Deu oportunidade a muita gente. E fazia-se coisa de qualidade, com entusiasmo, diga-se de passagem. Os programas de auditório, sempre lotados, eram uma festa.” Dentre outros, seu programa de maior repercussão foi *A General Comanda* – comerciantes da rua General Glicério jogando pesado com os da Bernardino de Campos, na conquista da clientela.

A cabeça de Messias sempre andou a mil. Paralelamente às suas atividades no rádio, na década de 60, ele produziria músicas de Carnaval como: *O Maior Homem do Mundo* e *Só um Minuto (Gigante do Progresso)*, cantadas por Jaime Ferreira, *Sem Querer Chatear* (Heleninha Leporace), *Marcha da Buzina* (cantada por Antônio Netto), *Um Soldado Pra Cada Rosa* (cantada por Nenê Homsi), *Marcha do Sapateiro* (Antônio Netto), *Saudade, Voró Queimou o Talco, Já é Noite*. As mais cantadas foram *Marcha*

⁸⁴ Egydio Lofrano, radialista, nasceu aos 20.02.1929, em Mirassol, SP. Foi gerente da PRB-8, Difusora de Mirassol, Difusora de Rio Preto, Rádio Brasiliense de Ribeirão Preto, Rádio Piratininga, Brasil Novo. Ocupou a direção do Departamento do Interior da Rede Piratininga e foi diretor da Rádio Mayrink Veyga do Rio de Janeiro.

A CASA SÃO SEBASTIÃO apresenta:
MESSIAS MATTOS PARA O MAIOR CARNAVAL DO INTERIOR
DO BRASIL – O CARNAVAL DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO!..

O maior homem do mundo

MARCHA

de MESSIAS MATTOS

canta: Jayme Ferreira

Eu sou o maior
homem do mundo
trabalho tanto
ainda você
vem me chamar de vespundão

II

Faço e comido
e também a mamadeira
balanço o baby
que chora a noite inteira
Não vou a festas
e não faço serenata
ainda você
vem me mandar plantar batata

SÓ UM MINUTO Gigante do Progresso!

SAMBA

MESSIAS MATTOS

canta: Jayme Ferreira

Só um minuto eu peço)
praquela que foi (bis
gigante do progresso)

II

Ruas são saudades
praças recordações
hoje praças suas
recebem mil cordões
de foliões

WHISKY NÃO

MARCHA

MESSIAS MATTOS

canta: Maria Lúcia

Não quero whisky não
Não quero whisky não
alcoól estrangeiro me faz mal
não quero whisky não
não quero whisky não
cachaça dá bem pro meu carnaval

II

Vodka é
bebida pro russo
sequê lique lá pro Japão
Não posso beber
pois me dá soluço
a cervá que faz o alemão

GRUPO X

SAMBA

MESSIAS MATTOS

canta: GRUPO X

Faz onze anos
que o Grupo X
está mandando
vê lá quem bate
vê como bate marcando
vê tamborim
tan-tan e frigideira
cábrocha bem faccira
mostrando seu valor
vê tamborim
tan-tan e frigideira
vê gente brasileira
na paz do Redentor

Casa São Sebastião

oferece o maior estoque de brinquedos, biju-
tertas, perfumes, plásticos, armarinhos e, ago-
ra, Plásticos com formas Carnavalescas.

—Rua General Gilcério, N.º 2627 — TELEFONE, 1041—

Marketing

Minas Kuyumjian Neto

Nas porteiras
nos barrancos
em muros
cercas e torres
no tronco das árvores
em pilares de pontes
paredes de casas
e choupanas
na grama dos montes
– enfim
até dentro
de canas
amendoins
e bananas
era fatal: você
leria a frase
branca de cal:
Casas Pernambucanas.

do Cachecol (interpretada por Baltazar) e *Vai de Grito* (por Heber e Maliná). O “gigante do progresso” a quem Messias se referiu em *Só Um Minuto* era nada mais nada menos que Alberto Andaló.

Foi a vez de Votuporanga desfrutar do arrojo de Messias, que o pinçou em 1960. Fundava-se a Rádio Piratininga, sob a sua gerência, abençoada por D. Lafayette Libânio⁸⁵ na inauguração. “Mas foi Jânio Quadros assumir e a licença da rádio foi cassada”, declara Messias. “E ficou fechada por seis meses”. Em 1962, Messias voltava para Rio Preto, contratado pela Independência, assumindo, em 1963, a diretoria comercial, a convite de Júlio Cosi. “Eu assumia o posto do nosso Zacarias...”, elucida. “O competente, versátil e sempre lembrado amigo Zacarias era um dublê de poeta e ator. Era também um grande contador de ‘causos’... no mais saboroso linguajar, interpretação genuinamente caipira.”

Agora, além da direção comercial, Messias partia para a apresentação dos programas *Bom Dia Rio Preto*, *Têleteste Americanflex* e a série *O Show é de Graça*, *o Show é na Praça*. Ancorava as reportagens externas de Carnaval, eleições e outros eventos sociais e comunitários. Produziu até festivais de MPB e as interessantes vinhetas para a programação da rádio.

Mandei-lhe o texto que eu fizera e Messias me ligou no domingo à noite. “São tantas as pessoas com quem convivemos que a gente acaba deixando de falar em algumas que foram importantes no dia-a-dia daqueles tempos.” Pego a caneta e anoto as frases dele: “João Novaes de Toledo⁸⁶ e seu filho Murilo sempre estiveram a postos para as intermináveis gravações de comerciais, músicas e vinhetas, que muitas vezes entravam pela madrugada. Wanderley Telles se

⁸⁵ Lafayette Libânio, sacerdote, nasceu em Pouso Alegre, MG, aos 01.10.1886, falecendo em Rio Preto, aos 26.07.1979. Foi o primeiro bispo da Diocese de São José do Rio Preto, nomeado, em 08.08.1930, pelo papa Pio XI.

⁸⁶ João Novaes de Toledo, radialista (Olimpia, SP, 17.01.1918–S.J. do Rio Preto, SP, 04.07.1996), começou na PRB-8 em 1936. Passou pelas rádios Piratininga e Brasil Novo. Foi diretor da Gravadora Toledo.

desdobrava em dois para manter a emissora no ar. Em tudo colocava a sua competência”, conclui.

Messias considera o advento da Rádio Independência como um marco na história do rádio em Rio Preto. Sabe-se que nos anos 60, o rádio teve duas fases – antes da Independência e depois da Independência. Com a chegada da nova emissora, vivemos uma verdadeira guerra pela audiência, o que gerou em todas as outras uma atividade inusitada, frenética, em busca de qualidade e identificação com o público ouvinte. E nessa concorrência sadia, reconhecemos, quem ganhou foi o ouvinte. “A Independência não só revelou novos profissionais, relançou valores consagrados”, nos diz Messias. Faz questão de declinar: “Tive o privilégio do convívio com Júlio Cusi, Elisa Cusi, Maurício Goulart, Zacarias Fernandes do Valle, Alexandre Macedo, Nelson Antônio, J. Hawilla, José de Alencar, Mário Luiz, José Eduardo do Espírito Santo, Walter do Valle, João Roberto Curti, Amaury Júnior, José Guerreiro, Nhô Véio, Gentil Rossi, Jaboran, Roberto Toledo, Sidney Quartier, Antônio Carlos Bottas, Maria José Aziz, Virgílio Brito, Fábio Marcondes Homem de Mello, José Haddad, Dinorath do Valle, Walter Rodrigues, Petrônio de Ávila, João Albano, Anísio Nicoli, Amílcar Prado, Rubens de Oliveira Campos, Pedro Lopes, Luís Carlos dos Santos, Sérgio Frota.” O pessoal da retaguarda técnica não é esquecido por ele: “Edmar Pimentel, Miguel Carlo, Pradella Júnior, Celso Lui, Sebastião de Paula, Manoel Caparroz, as discotecárias Leny e Maria Luísa, e outros tantos. Era um timaço”, finaliza, como que a render homenagem a essa nata de profissionais. Messias revela ser metucioso, personalidade forte. Mas é notória a sua preocupação em não dizer coisas que possam melindrar pessoas. A expressão nostálgica que assume ao falar dos tempos de rádio em Rio Preto é visível. O material acondicionado em sua casa é suficiente para escrever um livro, dos grandes. “Messias, por que não faz uma coluna semanal em Rio Preto sobre o rádio? Com a Internet as coisas ficam simplificadas”, sugiro eu. Ele desconversa, e fico sem saber se está matutando ou não...

Nos anos 50, os médicos ainda não estavam tão especializados como hoje. Ouvia-se com frequência falar em parteiras e médicos da família, que entendiam um pouco, ou muito, de tudo. Os farmacêuticos eram pessoas importantes e respeitadas. E faziam concorrência com a classe médica. Diante de qualquer problema de saúde, recorria-se, lá em casa, ao seu Alberto⁸⁷, da farmácia. Mas minha mãe chegou a me levar a benzedeiças. Havia “simpatia” para tudo, desde dor-d’olhos a bronquite. E leite com manga fazia mal, tomar algo em copo alheio dava “sapinho”. Menstruação era um problema (proibido pisar no ladrilho frio, lavar a cabeça). Fazer xixi contra o vento não era bom (o fantasma da sífilis). Meninas, cuidado! Uma gravidez indesejada podia surgir na forma de usar o banheiro... Ainda se morria de nó-nas-tripas. Equivocadamente, aqueles que imaginavam que a morte é o fim, desavisados quanto às conseqüências do suicídio no mundo espiritual, tomavam com frequência formicida Tatu ou soda cáustica.

As casas comerciais mais conhecidas eram, pelo menos para mim, a Livraria Martins, a Casa dos Dois Mil Réis, Casas Bueno, Lojas Americanas, a Casa

⁸⁷ Alberto Olivieri, farmacêutico, nascido na Itália em 24.08.1912, morreu em 18.03.1983. Foi vereador rio-pretense e subprefeito de Macaúbal. Deu nome a avenida no bairro Solo Sagrado.

Combate, Casa de Couros Saletti, Casa Cal, Ramenzoni, Selaria Mexicana, Casas Pernambucanas e outras, que extrapolavam os limites acanhados da vizinhança e da minha “autonomia de vôo”. Mas nós, crianças, íamos até que bem longe, sozinhos, nas andanças fora da barra da saia da mãe.

Folheando o *Almanaque 1957 – Vida Infantil*, propagandas do sabonete Dorly – *Querem saber os coelhinhos, meus queridos amiguinhos, porque estou contente assim... O Ano Novo vem aí e eu perfumeo o meu corpinho com sabonete Dorly!* – do Biotônico Fontoura, do projetor Micron XXV de 16 mm, do cine-projetor e da televisão Barlam.

Já que citei há pouco a Casa Combate, um parêntese. Em julho de 1998, enquanto esperava na fila do cinema, com meu filho Daniel, para assistir ao *Godzilla*, fui abordado por uma velhinha bem aparentada e bem vestida. Ofereceu-me uma caneta, ali nas proximidades do antigo Cine São Paulo. Pediu um real. Dei-lhe o que pedira. Ela levou a mão às costas, escondendo a caneta. Pediu-me mais um real. Eu percebi a brincadeira e dispensei a caneta, deixando o dinheiro com ela. Alguém ao meu lado comentou: “Ela é rica. Usa dessas artimanhas ingênuas para conseguir dinheiro.” A velhinha morava num apartamento bem ali perto, na Bernardino e era nada mais nada menos que uma das irmãs, donas da antiga Casa Combate. Sua imagem de mais de trinta anos passados me veio à mente.

Década de 50 outra vez. Falemos do cine-projetor Barlam. Havia sessões na casa de quem tinha um, em que até se cobrava ingresso. Era uma fita num papel especial (mas nem tanto), cujos temas achavam-se relacionados num catálogo. Os mais criativos faziam suas próprias estórias para projetar. Em minha casa havia uma geringonça que pretendia ser também um projetor de imagens. Uma caixa de madeira prateada, com uma luz dentro e um sistema de espelho. Um esboço doméstico de retroprojetor.

Oswaldo Neves, Alcir Bianchi, José e Victalina Signorini, Álvaro Carramona, Saletti, Moura, Lucchato, Darcy e Nena Camarero, William Camargo e Adília Signorini eram nomes de amigos de minha família que eu ouvia falar constantemente. Já de figuras mais ilustres, eu ouvia pronunciar nomes como Dr. Gumerindo Sanches e Waldemiro Nafah. A essa altura meu pai já havia trabalhado como viajante de Antônio Blundi, em Mirassol, como vendedor da Casa Moysés⁸⁸ (1942-1952), como vendedor da CAIO – Companhia Americana Industrial de Ônibus e da CIRASA. Mais adiante, seria vendedor do Germano Sestini, representante Ford em Rio Preto.

Nos anos 50, andei viajando nas férias escolares para Santos, casa de minha avó materna Anina⁸⁹, que morava com minha tia Fina⁹⁰. Numa das viagens, conheci o cruzador Almirante Tamandaré, que começou a ser fabricado em 1884 – será que estou enganado? Ou construção de navio também é como de catedral?

⁸⁸ Funcionou na esquina da General Glicério com Marechal Deodoro. Casa Moysés pertencia a Moysés Miguel Haddad (1884-1955) em sociedade com Jorge Mussi.

⁸⁹ Ana (Anina) Pauli, posteriormente Bertuca, era filha de Santo Pauli e Giuseppina Loiacano Pauli. Nasceu em Vibo Valentia, na Itália.

⁹⁰ Giuseppina Eugênio, casada com Oswaldo Eugênio.

Em 1955, Carlos Luz, presidente da Câmara, em virtude do afastamento por doença súbita do presidente Café Filho, assume a Presidência, no início de novembro. Luz (PSD) e Carlos Lacerda (UDN) eram favoráveis a não deixar JK e João Goulart, eleitos em data recente, assumirem o Governo. Luz era refratário à posse dos eleitos. Lacerda pregava escancaradamente o golpe. No movimento chamado contragolpe, os generais Lott e Odílio Denys, em 11.11.1955, tomam os pontos nevrálgicos do Rio, cercando o Catete. Luz e Lacerda se refugiam no cruzador Tamandaré – a Marinha era golpista.

Na praia, maiô era regra geral, apesar de o biquíni⁹¹ ter sido inventado em 1946. A foto pioneira do biquíni no Brasil aconteceu no Arpoador, em 1951. Era a vedete Hirene Hosko, posando para a revista *Voga*, de Millôr Fernandes⁹².

A primeira vez que fui ao Rio foi em 1958, é claro que de trem. Todos viajavam de trem. Aliás, meu pai tinha uma tal de Caderneta Quilométrica, que valia por um ano ou 12 mil quilômetros. Chamavam-me a atenção aquelas xícaras e pratos grossos em que as coisas eram servidas no vagão-restaurante. Ah! A paisagem passando pela janela... Viajar de leito e acordar perto de São Paulo... A imponência da Estação da Luz...

Cheguei a viajar em trem com locomotiva maria-fumaça. Deixar a janela aberta e as fagulhas podiam queimar a nossa roupa. Mais tarde, vieram as imponentes locomotivas a *diesel*. De Rio Preto a São Paulo, primeiramente, baldeação em Araraquara, onde se pegava o trem da Paulista. Mais tarde ainda, de Rio Preto a São Paulo havia, durante o percurso, não mais baldeação, mas uma troca de locomotiva de a *diesel* por elétrica. Foi de trem que viajamos para Votuporanga, quando faleceu minha tia Uzenir⁹³. Estávamos em 1957, 29 de janeiro. Durante o trajeto, perguntei por que estávamos viajando. Minha mãe explicou que tia Zêni (como a chamávamos) havia “falecido”. Eu não conhecia essa palavra. Imaginei então que tivesse “desmaiado”. Só lá é que percebi.

A gripe asiática⁹⁴ havia tomado conta de Rio Preto em 1957. Minha irmã fora “premiada”. A *Notícia* anunciava – “em 26 dias, em Rio Preto, o Posto de Saúde atendeu a oito mil gripados.”

Os trilhos da estrada de ferro chegaram a Rio Preto em 1912. Sabe-se que houve muita festa, começando ao som da banda Lira Riopretense e terminando com um banquete no Hotel Luso-Brasileiro. A estação da Estrada de Ferro Araraquarense – EFA, em Rio Preto, foi inaugurada em 09.06.1912. O trem inaugural chegou com três horas e meia de atraso. Segundo o *Álbum Ilustrado da Comarca*, à época de sua elaboração (1926 a 1929), a antiga Araraquarense, que tinha agora o nome de Estrada de Ferro Araraquara⁹⁵, depois que passara à

⁹¹ Louis Reard (1897-1984), francês, criou o traje de banho de duas peças, batizando-o com o nome do lugar onde se realizou o primeiro teste da bomba atômica, o atol Bikini, no Pacífico Sul. Mas há notícias de que trajes de banho de duas peças existiram desde 1.600 anos a.C. – *1000 Que Fizeram o Século 20* (IstoÉ, *The Times*).

⁹² *Ela é Carioca* – Ruy Castro.

⁹³ Uzenir Coelho Zeitune, esposa de William Zeitune. Deu nome a uma escola de Votuporanga.

⁹⁴ Outro surto de gripe, a espanhola, em 1918, dizimou mais de 20 milhões de pessoas no mundo. Matou cerca de 15 mil pessoas no Rio de Janeiro em apenas um mês. Uma das vítimas foi o presidente eleito Rodrigues Alves.

⁹⁵ Em momentos distintos, no próprio *Álbum*, a EFA é chamada das duas formas.

Estação do Trem

Minas Kuyumjian Neto

Não fosse
a mordada
do medo
as crianças
entre a fumaça
gritariam vivas
à enorme força
das locomotivas.

direção do Estado estava de cara renovada. O dinamismo do administrador⁹⁶ de então havia operado prodígios, transformações radicais, inclusive no quadro de funcionários, “cuja semelhança com o antigo pode ter a comparação do ovo com o espeto”. Na fase de agora, trilhos e dormentes haviam sido substituídos, novas estações construídas, outras reformadas. A produção agrícola exigia cada vez mais e maiores armazéns. Da mesma forma, reparos no leito e em pontes, para receber recentes e possantes locomotivas “em substituição aos velhos cacarecos” e luxuosos vagões de passageiros e de carga.

Trinta e nove anos mais tarde, em 1951, aconteciam protestos em Rio Preto pelo fechamento da XV de Novembro para a construção da nova estação. Foi em 30.09.1955 que a EFA inaugurou a bitola larga⁹⁷. Em 1956, o deputado estadual Aloysio Nunes Ferreira sugere a interligação de Rio Preto à futura cidade de Brasília por via férrea. Foi o vereador Daud Jorge Simão que sugeriu, em dezembro do mesmo ano, a formação de uma comissão especial para a articulação política da construção desse ramal da EFA.

De volta às viagens. No Rio, um trabalho artístico que me chamou a atenção foi o de um desenhista chamado Lopes, que guardo até hoje. A gente, ao subir ao Pão de Açúcar, encomendava um desenho, com nosso personagem preferido. Ao voltar do passeio, vi-me então encarnado no Possante (um super-rato dos desenhos animados), todo colorido, com as minhas iniciais no peito e no calção.

Às vezes, ia para Nova Granada, onde morava a tia Amélia⁹⁸. Ônibus da Viação Dragão. Meu tio Elias tinha um bar e eu adorava ajudar a vender sorvete. Os recipientes ficavam mergulhados na salmoura. A pá com que se preparava o sorvete era enorme. As quermesses de Granada eram animadas.

⁹⁶ Manoel da Rosa Martins

⁹⁷ Bitola (distância entre os trilhos) estreita era de 1,20 m. A bitola larga era de 1,60 m, permitindo aumento na velocidade dos trens, de 50 para 100 ou 110 km/h.

⁹⁸ Amélia Bertuca, que passou a Mugaiair, ao casar-se com Elias Mugaiair. Teve três filhos: Edna, Maria Eugênia e Elias Júnior.

O aeroporto de Rio Preto, da Avenida dos Estudantes, foi inaugurado em 1959. Desde a década de 30, os aviões utilizavam o “Campinho” para pousos e decolagens. Ficava por ali onde é hoje a Casa da Cultura. Foi em 1950 que o improvisado aeroporto foi interdito. Ia sofrer adaptações para receber aviões Douglas DC-3. A iniciativa deu início a um movimento na cidade para a construção de um aeroporto de verdade em Rio Preto. Mobilizaram-se vereadores, constituiu-se comissão, mas a empreitada entrou em hibernação. Foi, em 1956, que o assunto começou a ferver, através do vereador Daud Jorge Simão. Desta vez o que se queria era um outro local para um aeroporto condizente com o desenvolvimento da cidade. Em 1958, o então prefeito Alberto Andaló concretiza a mudança. Desapropria, no mesmo ano, um terreno de João Reverendo Vidal e amplia a pista do novo aeroporto, com vistas à conclusão da obra. No entanto, a VASP atuava em Rio Preto desde 14.04.1934, quando foi inaugurada uma linha que interligava Rio Preto, Ribeirão Preto, Uberaba e São Paulo.

Meu pai chegou a viajar para São Paulo pela Real Aerovias. Ainda tenho um brinde: chaveiro do Corcundinha da Real. Trouxe-me uma vez uma bala que parecia chiclete mas que a gente “podia engolir”. Um primo do mentex.

Íamos quase regularmente nos fins de semana para Mirassol, onde a casa de meu avô Aristides era um ponto de encontro da família. A estrada era de terra, ônibus da VAP – Viação Aprazível Paulista. Levava-se muito tempo até o pontilhão. O tal pontilhão sempre me chamou a atenção. Porque o trem passava em cima dele, porque considerávamos como a metade do caminho Rio Preto-Mirassol.

Meu avô fazia maçãs assadas no fogão de lenha. A fisionomia dele era mansa. Marcaram-me alguns traços da personalidade daquele que me emprestou o nome. Era respeitável, não por ser enérgico, mas por ter fibra, por ser compreensivo e amoroso. Sua vida foi de luta incessante, começando por Santa Maria Madalena, passando pelo Rio, terminando em Mirassol. Nomes do seu círculo de amizades mencionados com constância pela família: Luiz Neves, Sicard, Covizzi.

Quando fomos a Tambaú, por um problema relacionado a minha avó, viajamos num ônibus fretado da Circular Santa Luzia⁹⁹, que explora o setor em Rio Preto há muitos e muitos anos. Padre Donizeth estava fazendo milagres por lá. Uma das curas do padre é relatada por Amaury Júnior em seu livro *Flash Fora do Ar*. Joelmir Beting, quando tinha sete anos, quase morreu afogado. O trauma lhe acarretou uma gagueira e um mutismo por quase seis meses, curados pelo bom padre, que está sendo beatificado pelo Vaticano. Joelmir acabou sendo coroinha do santo homem, que se simpatizou com o garoto. “Passou a orientá-lo, despertando-o para a leitura e para sua real vocação, o jornalismo... Foi responsável por transformá-lo num jornalista”, relata Amaury.

Falava-se muito em Rio Preto dos Festivais de Fanfarra. A disputa era grande. O Colégio São Luís, campeão estadual. As paradas de Sete de Setembro eram um acontecimento importante. Eu adorava as balizas, aquelas garotas lindas, do corpo bem-feito que iam na frente da fanfarra, garbosas, saias curtinhas, roupas com franjinhas, botas sensuais e com quepes imponentes de soldadinho

⁹⁹ A Circular Santa Luzia foi fundada em 1947, inicialmente para atender aos bairros Maceno, Boa Vista e Ercília. O primeiro ônibus da empresa tinha carroceria fabricada em Mirassol, por Bazzani. Em 1954, possuía 15 ônibus. Em 1999, sua frota era de 200.

de chumbo. Uma muito bonita, Vera Lúcia, morava perto dos Volpe, na minha rua. Liráucio Roberto, meu vizinho e amigo, era tocador de zabumba. De acordo com José Luiz B. Jacob, Bernardino “abusava” da arte e usar os pratos e Netinho Casseb era o *expert* dos solos de corneta.

Cultivavam-se as bandas. Que coisa engraçada, o enorme baixo-tuba. Havia uma letra irreverente que algum engraçadinho fez para certa música de banda. Bem possível que a letra haja popularizado ainda mais a melodia, um dobrado. O indecoroso daquela época era muito ingênuo, devemos reconhecer, se comparado com a liberdade de hoje. Antes da letra, façamos um prefácio. E antes do prefácio, um parêntese.

A maioria destes relatos flui de forma natural. No entanto, em determinados momentos há que se recorrer a algumas pesquisas, para que os detalhes dêem um brilho maior à narrativa. Assim é que fui tentar descobrir o verdadeiro nome da música que gerou a tal paródia. Qual o único recurso? Cantarolar a melodia.

— Éder¹⁰⁰, aqui é o Ari. Preciso de um favor seu, já que é músico: o nome de uma música de banda que é assim – e cantarolei a melodia. Ele riu.

— Nunca ouvi. Deve ser muito antiga.

Recomendou-me ligar para um outro professor, de mais condições, por ser mais velho.

— Mas tudo isso é para quê?

— Por causa de uma paródia que quero fazer constar numas coisinhas que ando escrevendo.

Dia seguinte, liguei para o tal professor. Atendeu a esposa, ele não estava. Perguntou se podia ajudar em algo, uma maneira gentil de filtrar o assunto. A besta aqui, entrando em detalhes dispensáveis, falou em escrever sobre asteróides, anos 60. Ela perguntou se eu era astrônomo. Anotou meus números. O marido não me deu retorno. Liguei de novo. Estava falando no outro telefone com uma empregada que queria botá-lo na Justiça. Aguardei, aguardei, desliguei.

Esperei por um tempo. Quando voltei a ligar, consegui falar. Divagamos por assuntos de empregada, das minhas experiências, dei-lhe conselhos, tive que desligar, necessitava sair para levar as crianças ao colégio.

Ele então me ligou no celular. Fui conversando pelo estacionamento. Foi já perto do elevador que comecei a cantarolar a melodia para ele. Quando percebi, havia uma dezena de pessoas me olhando, uns rindo, outros com ar de piedade. Fiz de conta que havia me esquecido de alguma coisa e retirei-me de fininho do saguão.

Ele reconheceu a música. Tínhamos a mesma idade. Mas não sabia o nome. Se conseguisse voltaria a me ligar. Indicou-me procurar o Mário Garófalo¹⁰¹.

¹⁰⁰ Éder Camuzis, arranjador, professor da Escola de Música de Brasília, então regente do Coral da Comunhão Espírita de Brasília.

¹⁰¹ Mário Miguel Nicola Garófalo, jornalista e radialista, nasceu em Fortaleza, CE, aos 16.06.1920. Começou sua carreira em 1946 como repórter do *Correio da Noite*, no Rio. É dono da Brasília Super Rádio FM, emissora que foge ao padrão da maioria das FMs, pelo estilo da programação – muita música orquestrada e clássica. É casado com Lúcia Batista (S.J.Rio Preto, SP,10.02.1945), radialista, pedagoga, advogada, irmã de Irene Batista, que estudou no IEMG, na década de 60. O segredo da disposição e dinamismo de Garófalo, com 80 anos em 2000, é o trabalho incessante, segundo ele.

Procurei por Garófalo e Lúcia, sua esposa. Não estavam. Conversei com o discotecário Moreira, perto de aposentar-se. Grandes chances de conhecer. Cantarolei. A paródia também. Ele riu. Não conhecia. Logo ao sair, encontro o casal. Conversamos, falei do projeto. Cantarolei. Cantarolei com a letra também. Eles riram. Prometeram alguns telefones de regentes de bandas. Quem sabe um tal de Lincoln. Rememoraram um outro nome de pessoa que gostava de marchinhas e dobrados.

Prezado leitor: sentiu como fica difícil querer ser perfeccionista? O ideal seria uma equipe, mas não tenho cacife. Mas ainda não terminou a epopéia.

Dirigi-me ao Corpo de Bombeiros. Procurei o maestro da banda, Tenente Ebes. Cantarolei. Falei da molecagem da letra. Ele também riu. Conversamos bastante sobre a diferença entre regência de coral e de banda. E sobre música. Foi muito gentil, deu dois telefonemas, indicou-me procurar a Ordem dos Músicos de Taguatinga ou o Ponto dos Músicos ou o prof. Fio do Colégio EIT. Comecei pela Ordem dos Músicos. Quando consegui falar com Juliana, ela não tinha autorização para fornecer o número do professor. Ficou com o meu. Retornou-me. Ele me ligaria. Não ligou. Liguei de novo. Ligação ruim. Até que consegui.

Expliquei, justifiquei, disse que ele era uma das últimas cartadas. Cantarolei. Ele disse: *Quarto Centenário*, dobrado, autoria de Mário Zan¹⁰², acordeonista. Ufa! Agradei. Ele ficou de procurar a partitura. Voltei a falar com Moreira, da Super Rádio FM. Disse o nome do dobrado. Ficou de procurar a gravação com o tal de Lincoln.

Agora que você teve uma noção das dificuldades, apresento a famigerada letra. Sei que está curioso. Fica mais interessante se o leitor, nos intervalos, fizer a parte da tuba, enchendo as bochechas:

*Sonhei com a imagem tua
Caguei nas calças, joguei na rua.
A merda endureceu,
Passou um carro e furou o pneu.
Veio um guarda da Prefeitura
E descobriu que era merda pura.
Me levou para o xadrez,
Me deu vontade, eu caguei outra vez.*

Sintonizemos 1954. Uma rio-pretense, Inalda Vieira de Carvalho, seria contratada para atuar no cinema, na Atlântida. Inaugurava-se o Ibirapuera e a Catedral da Sé¹⁰³. Stroessner assumiria como Presidente do Paraguai, posto de que gostou, e ao qual se grudaria durante 35 anos. Por duas polegadas¹⁰⁴ a mais

¹⁰² Mário Zan – nome artístico de Mário João Zandomenighi –, italiano de nascimento, nascido em 09.10.1920, radicou-se no Brasil. Em parceria com J. M. Alves compôs o dobrado *Quarto Centenário*. Mas, tem muitas outras músicas de sucesso. Zan é o autor da música *Chalana*, em parceria com Arlindo Pinto, regravação por Almir Sater. Sua música *Nova Flor* transpôs as fronteiras do Brasil, recebendo os nomes de *Love me like a stranger* e *Los hombres no deben llorar*. O LP de 1989 *Quarenta Anos de Sucessos*, de Mário Zan, traz as seguintes músicas dele sozinho ou em co-autoria: *Quarto Centenário*, *Chalana*, *Rabo de Galo*, *Segue teu Caminho*, *Orgulhoso*, *Os Homens Não Devem Chorar* (*Nova Flor*), *Capricho Cigano*, *Festa na Roça*, *Só Para Você*, *Trem de Ferro*, *Sapecando* e *Silvino Rodrigues*. A única música do *long-play* que não é de autoria de Zan é *Bicho Carpinteiro*.

¹⁰³ Foram 13 anos de construção.

¹⁰⁴ A versão oficial do “excesso” de duas polegadas nos quadris foi desmentida por Accioly Netto, médico, jornalista, em seu *O Império de Papel – Os Bastidores de O Cruzeiro*. Tudo não teria passado de invenção do fotógrafo João Martins.

de quadris, a nossa baiana Miss Brasil Martha Rocha, perdia o título de Miss Universo¹⁰⁵. Vargas suicidava-se, em agosto, com um tiro de revólver no peito, no Palácio do Catete, no Rio – “... Lutei contra a espoliação do Brasil. Lutei contra a espoliação do povo... Saio da vida para entrar na História.” Assumia o vice Café Filho. JK lançava em novembro a sua campanha para a Presidência.

Em minha mente as comemorações de aniversário de 400 anos de São Paulo. Música, festas, álbum de figurinhas, que avivavam o sentimento patriótico entre os paulistas.

Jóia que considero rara é o álbum *Coleção Aquarela do Brasil no IV Centenário de São Paulo*. Apesar de no verso da capa constar que “coleccionar instrui, educa e diverte” e que “cria em nosso espírito o hábito da ordem, do capricho e da necessidade de sempre atingirmos o final de uma tarefa iniciada” e que “coleccionar figurinhas é presentear-se a si mesmo”, acho mesmo que meu pai comprou este álbum empolgado com a possibilidade de ganhar a geladeira no valor de Cr\$ 20 mil¹⁰⁶, ou a máquina de costura, ou a bicicleta, enceradeira, liquidificador, ou as 100 bonecas ou as 100 bolas de câmara¹⁰⁷. Ele tinha uma enorme queda por sorteio, loteria, jogo do bicho.

À página 4, uma figurinha de Rio Preto com a legenda: *...com 1.087 km² e uma população de 55.852 habitantes. Criada pela Lei Estadual 294 de 19 de julho de 1894, desmembrado do Município de Jaboticabal*. Em página dedicada à tevê e teatros, é apontada a Tupi como a pioneira em televisão na América do Sul. Os quatro estúdios da TV Record eram dotados de “moderníssimo” aparelhamento GE, com capacidade de montagem de 10 *sets* simultâneos.

Interessantes as figurinhas da página *Cenas e Atores do Teatro e da Televisão*. Vemos Rodolfo Mayer, Lourdes Mayer e André Vilom numa cena de “*Obrigado pelo amor de vocês...*”, exibida no Teatro Cultura Artística. Também o elenco do Teatro Permanente da Criança, apresentando a peça *Pinocchio*¹⁰⁸, no Teatro Íntimo Nicete Bruno. Tônia Carrero e Paulo Autran, na peça “*Uma Mulher Doutro Mundo*” no TBC. Sérgio Cardoso e Nydia Lícia, numa cena de “*D. Pedro e Ignês de Castro*” da série “*Romance*”, um dos programas de mais sucesso do Canal 7.

À página 10, uma homenagem “aos que lutaram por São Paulo na Gloriosa Arrancada de 32”, uma figurinha sobre a homenagem de São José do Rio Preto –

¹⁰⁵ Martha Rocha até gravou uma marchinha: “Por duas polegadas a mais, passaram a baiana para trás. Por duas polegadas e logo nos quadris. Tem dó, tem dó, seu juiz.”

¹⁰⁶ Em outubro de 1942, o Brasil abandonou, em definitivo, a linguagem do “conto de réis” para entrar na era do cruzeiro. Desde 1926, ficou provado que o real, então nosso padrão de moeda – e seu múltiplo, o mil réis –, só dificultava a circulação do dinheiro. Isso porque o real não admitia submúltiplos necessários para avaliar grandezas inferiores à própria unidade, ou seja, era difícil comprar uma mercadoria no valor de ½ real. Era preciso adotar um novo padrão monetário e, em janeiro de 1941, foi sugerida a adoção do cruzeiro. Mas só em 1942, finalmente, o cruzeiro passou a ser a nova moeda brasileira, dividida em centavos e tendo como símbolo o Cr\$. Um cruzeiro valia um mil réis e foram constituídas também novas divisões: em moedas de 1, 2 e 5 cruzeiros, e 10, 20 e 50 centavos; em papel-moeda, 10, 20, 50, 100, 200, 500 e 1.000 cruzeiros (fonte: *Oitenta Anos de Brasil* - Cap.4 - p. 58).

¹⁰⁷ Conhecidas como “capotão”.

¹⁰⁸ Temos o costume de ligar Pinocchio a Walt Disney. No entanto, seu criador é Collodi (Carlos Lorenzini), escritor, jornalista, autor de várias histórias infantis. Collodi nasceu em Florença, Itália, em 1826, morrendo em 1890.

São Paulo de Pé. Pelo Brasil aos Mortos de 32 –, aos heróis voluntários de Rio Preto, Totó Duarte e Carmo Turano¹⁰⁹.

À página 33 – Praças e Jardins das Cidades Paulistas – uma figurinha estampando a Praça Rui Barbosa em São José do Rio Preto. Em primeiro plano, a fonte. Em segundo, um coreto. Em terceiro, a Catedral de São José, de estilo renascentista que, como sabemos, foi abaixo, de 1973 a 1975, para dar lugar a uma outra de estilo arquitetônico indefinido e gosto deveras duvidoso, “espécie de bangalô chinês, que funciona como Catedral, mesmo sem torre nem campanário”¹¹⁰. À página 36 – Camisas e Emblemas de Clubes Paulistas –, a camisa do Rio Preto Esporte Clube, fundado em 21 de abril de 1919.

Guardo ainda preciosidades como a *Coleção Colorida Trópico – Série Raças e Costumes*, da Martins Editora, adquirida pela família, em 06.07.1954. Aos colecionadores de tais figurinhas¹¹¹, a chance de ganhar um dos 100 rádios “da afamada marca Philips” modelo BR 207 U (ondas curtas e médias, 5 válvulas, com 7 funções, voltagem 110 e 220), fornecidos pela Casa Ouvidor Importadora S.A.

Vamos trazer um texto, possivelmente de 1956, da última página de *Eis o Brasil*, um retrato daqueles tempos:

“Brasil — É o nosso país o terceiro do mundo em área territorial, com 8.511.189 km² de superfície. (...) Não apresenta as quatro estações do ano, mostrando apenas duas bem definidas: a das chuvas e a da seca. (...) As maiores culturas são as de produtos tropicais como o café, o milho, arroz, algodão etc. Sua população, agora com quase 60 milhões de habitantes, conta com 25 milhões de indivíduos de cor branca. (...)

¹⁰⁹ Totó Duarte era comerciante. Nasceu em Tambaú, em 1905. Soldado constitucionalista, morreu em 04.09.1932, em Itapira, SP, durante a retirada no Morro do Gravy. Seu nome verdadeiro era Antônio Duarte da Fonseca. Carmo Turano, também soldado constitucionalista, nasceu em 04.10.1910, morrendo em 15.09.1932, durante a retirada, em Itobi.

¹¹⁰ Júlio Cezar Garcia, em *Do Ranchinho aos Prédios que Refletem a Força da Cidade* – Diário da Região, 19.03.2000.

¹¹¹ Dizeres da *Aquarela*, no seu 4^o Álbum – *Eis o Brasil* — “Por que editamos álbuns de figurinhas?” Porque “o que a palavra escrita não consegue traduzir, a imagem fala” e porque “o que mil palavras não explicam, uma imagem esclarece.”

Viram os meninos, ao sobrevoar a cidade, muito extensa, a grande Igreja matriz, ao centro de uma bela praça ajardinada, e, em outros pontos, os edifícios da Prefeitura, do Fórum, de grandes colégios e hospitais. Largas avenidas arborizadas cortam a cidade.

A partir de São José, os trilhos, que vinham mantendo a direção de noroeste, agora se voltavam um pouco para sudoeste, fugindo ao vale mais baixo do *Ribeirão da Barra Grande*.

— Nessa direção, explicou o Sr. Damião, vamos encontrar Mirassol, outro centro que rapidamente se desenvolveu. A cidade, de belo aspecto, tem 12 mil habitantes, e todo o município, 45 mil.

Viagem Através do Brasil, v. 9, de Lourenço Filho

Marvada Pinga (Moda da Pinga)

Ochelsis Laureano¹¹²

Com a marvada da pinga é que eu me atrapaio

Eu entro na venda e já dou meu taio

Pego no copo e dali num saio

Ali mesmo eu bebo ali mesmo eu caio

Só pra carregá é que dou trabaio, ôi lá!

Venho da cidade e já venho cantando

Trago um garrafão que venho chupando

Venho prôs caminho venho tropicando

Chifrando os barranco venho cambetiando

E no lugar que eu caio já fico roncando, ôi lá!

O marido me disse, ele me falô

Largue de bebê peço por favô

Pra prosa de home nunca dei valô

Bebo com sol quente pra esfriar o calô

E bebo de noite é pra fazê suadô, ôi lá!

Cada vez que eu caio, caio diferente

Meaço pra trás e caio de repente

Vou de corropio vou deretamente

Mas sendo de pinga eu caio contente, ôi lá!

Pego o garrafão e já balanceio

Que é pra mode vê se está mesmo cheio

Quando era Colônia de Portugal, a população do Brasil era muito reduzida; dois terços dela eram de escravos. A economia se baseava principalmente na cultura da cana de açúcar e da exploração do ouro. (...)

O Brasil é uma república federativa, composta de 20 estados e um Distrito Federal, onde se encontra a Capital da nação, a cidade do Rio de Janeiro. É uma democracia. Três são os poderes: O Executivo, exercido pelo presidente da república, auxiliado pelos ministros que nomeia e demite livremente; o Legislativo, exercido pelo Senado e pela Câmara de Deputados; o Judiciário, cuja personalidade máxima é o presidente do Supremo Tribunal Federal. O Brasil empenha-se atualmente na construção de sua nova Capital¹¹³, Brasília, no planalto goiano.”

Estávamos na Era do Rádio, que marcou as décadas de 40 e 50. Nosso Telefunken era enorme e tinha um então moderno “olho mágico” que indicava a melhor posição de sintonia no *dial*. Época das válvulas. Transistores¹¹⁴, ainda não. A Rádio Nacional era a mais ouvida. “Criava mitos, ditava modas e moldava a opinião pública” (*Isto É* 1578). Eram concorridos concursos de Reis e Rainhas do Rádio mobilizando as massas.

Ah! as radionovelas que minha mãe acompanhava... Mais tarde vim a saber que a sonoplastia dos programas de rádio envolviam uma parafernália de instrumentos – e situações engraçadas também. Uma consagrada radionovela foi *O Direito de Nascer*¹¹⁵. De outra novela, ficou-me na lembrança o nome de uma tal Soraia como uma personagem muito má. Sei que as Soraias não são más, mas ficou a associação. Não perdia as *Histórias do Tio Janjão*, *Jerônimo o Herói do Sertão* e o

¹¹² Ochelsis Aguiar Laureano substituiu o Mota, na dupla sertaneja Mota e Motinha, formada em 1939.

¹¹³ Em 19.09.1956, o projeto de mudança da Capital é aprovado no Congresso – Lei 2.874. Em 16.10.1956, fica pronta a ligação rodoviária Brasília/Anápolis. Em janeiro de 1957, já havia 2.500 homens trabalhando em Brasília. Ao final, seriam 30 mil. Em 3 de fevereiro, fica pronto o aeroporto. Em março de 1957, define-se o projeto urbanístico vencedor como sendo o de Lúcio Costa, falecido em 1998, aos 96 anos. Para aqueles que não são da área de arquitetura e urbanismo, recomendo a leitura do Memorial, escrito por Lúcio. Em 1º de setembro de 1959, JK inaugura as primeiras residências definitivas do Plano Piloto. Em 21 de abril de 1960, a festa de inauguração da nova Capital.

¹¹⁴ O primeiro transistor foi inventado em 1947, nos laboratórios Bell.

¹¹⁵ *O Direito de Nascer*, sucesso de 1951, pela Nacional, era cubana.

famoso *Moleque Saci*, O Sombra – ... *ninguém sabe o mal que se esconde nos corações humanos*. O Sombra sabe. Repórter Esso era indispensável. Programas de auditório famosos: *Discoteca do Chacrinha* e *O Céu é o Limite*.

Ouvidos bem próximos – às vezes a transmissão não era das melhores – reuníamos para ouvir o *Balança Mas Não Cai*, que trazia Jararaca e Ratinho¹¹⁶ e os impagáveis Paulo Gracindo e Brandão Filho, fazendo *Primo Rico e Primo Pobre*, dentre outros. Geralmente, criança dormia antes do *Grande Jornal Falado* da Tupi.

Foi através do velho Telefunken que ouvíamos com prazer *Marvada Pinga*, um baião de sucesso. O tecido que cobria o alto-falante vibrava também ao som de *Baiano Burro Nasce Morto*, o baião de Gordurinha, de 1959.

A família costumava ouvir Alziro Zarur¹¹⁷. Nessa época, ele já havia fundado a Legião da Boa Vontade, que anunciara em seu programa na Rádio Globo, em 1949.

No auge, aos domingos, dia da macarronada, os programas de calouros. Nomes comuns: César Ladeira, César de Alencar, Manoel Barcellos, Renato Murce, com seu *Papel Carbono*. Cantoras em evidência: Dalva de Oliveira¹¹⁸, Ângela Maria¹¹⁹, Emilinha Borba.

¹¹⁶ Dupla sertaneja formada em 1927 por José Luís Rodrigues Calazans, o Jararaca (Maceió, AL, 1896–Rio, RJ, 1977) e Severino Rangel de Carvalho (Itabaiana, PB, 1896–Duque de Caxias, RJ, 1972).

¹¹⁷ Alziro Zarur (25.12.1914–21.10.1979), um homem caridoso. Foi um comunicador, defensor da paz e do ecumenismo, fundador da Legião da Boa Vontade. A LBV, cuja prioridade são idosos e crianças abandonadas, contava, em 1999, com 552 unidades no Brasil, estando presente também em seis outros países.

¹¹⁸ Dalva de Oliveira (Vicentina Paula Oliveira), cantora (Rio Claro, SP, 05.05.1917–Rio de Janeiro, RJ, 31.08.1972). Filha do carpinteiro, saxofonista e clarinetista Mário Oliveira. Uma das maiores cantoras brasileiras, Rainha do Rádio em 1952, projetou-se também no Exterior. Atuou em teatro e fez vários filmes. É mãe do cantor Peri Ribeiro.

¹¹⁹ Ângela Maria (Abelina Maria da Cunha) nasceu aos 13.05.1928, em Macaé, RJ. Rainha do Rádio em 1954, era inspetora de lâmpadas na GE. Influía negativamente na produtividade da empresa porque cantava, mobilizando a fábrica. Fugia dos cultos da Igreja Batista, para participar de programas de calouros. Quando esteve no programa de Ari Barroso, levou o auditório ao delírio. O polpudo prêmio que ganhou lhe criou problemas em casa. Os pais, que não sabiam que ela participava às escondidas de programas de calouro, acharam que a filha havia caído no mundo da perdição – EMB e *Flash Fora do Ar*.

Num bebo de vez porque acho feio
No primeiro gorpe chego inté no
meio

No segundo trago é que disvaseio,
oi lá!

Eu bebo da pinga porque gosto dela
Eu bebo da branca bebo da amarela
Bebo nos copo bebo na tigela
Bebo temperada com cravo e canela
Seja qualquer tempo vai pinga na
goela! Oi lá!
(Ê marvada pinga!)

Eu fui numa festa lá no rio Tietê
Eu lá fui chegando no amanheçê
Já me dero pinga pra mim bebê
Já me dero pinga pra mim bebê
Tava sem fervê!

Eu bebi demais e fiquei mamada
Eu caí no chão e fiquei deitada
Eí, eu fui pra casa de braço dado
Ai! De braço dado é com dois
sordado!
Ai! Muito obrigado!

Baiano Burro Nasce Morto *Gordurinha*

Pau que nasce torto, não tem jeito,
morre torto
Baiano burro garanto que nasce
morto
Sou cabra macho, sou baiano toda
hora,
Meio-dia, duas horas, quatro e
meia, o que é que há!?
Cabeça grande é sinal de
inteligência,
Eu agradeço à Providência ter
nascido lá...

PRB-8

Minas Kuyumjian Neto

Uma lembrança
eu imagino
ninguém
me tira:
o programa
caipira
matutino
(antes
das oito)
do Chico
Belarmino
na PRB-8.

Digamos algo de Emilinha¹²⁰. O Carnaval de 1949 nos trouxe a marchinha carnavalesca *Chiquita Bacana*, gravada por ela. Exaustivamente cantada, extrapolou os limites da década de 40, invadindo a de 50, como tantas outras de qualidade. Era de João de Barro e Alberto Ribeiro. Em 1950, *Tomara Que Chova* (Paquito e Romeu Gentil) tornou-se um dos marcos da carreira de Emilinha.

A Difusora¹²¹ – na Bernardino, entre Independência e Saldanha – tinha um auditório pequeno. Foi lá que, no início dos anos 60, vi um magrelo comprido chamado Sérgio Reis¹²², que então nem sonhava cantar música sertaneja. Cantava *rock* e balada. Interpretava *Lana* (... *procuro por Lana, que é meu amor...*) acompanhando-se ao violão. Nesse mesmo auditório, levava-se *Clubinho do Tio Frazão*, do apresentador que não tinha um braço.

A PRB-8, Rádio Rio Preto¹²³, promovia programas de auditório e cheguei a assistir a alguns do César Muanis aos domingos. O *Club da Cirandinha* era patrocinado, se não me falha a memória, pelos Biscoitos Aymoré. Ainda na ponta da língua o *jingle* da Aymoré: *Alô, alô, quem fala? É do armazém do Seu José? Ééé! A mamãe mandou dizer para comprar uma lata de Biscoitos Aymoré...*

¹²⁰ Emilinha Borba (Emília Savana da Silva Rocha), cantora, nasceu no Rio de Janeiro, RJ, aos 31.08.1923. Menina ainda, divertia seus amigos de escola fazendo imitações de Carmem Miranda. Iniciou carreira em programas de calouros. Seu primeiro prêmio, aos 14 anos, foi na Hora Juvenil, da Rádio Cruzeiro do Sul. Seu primeiro disco é de 1939. Até então, fizera parte somente do coro das gravações. A partir de 1944, passaria 27 anos ininterruptos na Rádio Nacional, na fase áurea de sua carreira e da própria emissora. Sua popularidade esteve ligada ao programa César de Alencar. Seu gênero musical era samba, marcha, rumba. Revelou-se, a partir de 1945, tanto quanto sua “rival” Marlene, como um dos primeiros produtos bem-sucedidos do rádio em torno de programas de auditório. Já no cinema, participou de mais de trinta filmes – EMB.

¹²¹ Fundada por Egídio Lofrano, começou a transmitir em 1957.

¹²² Sérgio Basini, cantor, compositor, nasceu em São Paulo, SP, em 23.06.1940. Apresentou-se em público pela primeira vez em 1958. Em 1961, gravou *Lana* (de Roy Orbison, versão de Carlos Alberto Lopes). Firmou-se junto ao público somente na época da Jovem Guarda. Em 1967, gravaria *Coração de Papel*, de sua autoria. Entraria pelos anos 70 inclinando-se para a música sertaneja.

¹²³ Primeira emissora de rádio de Rio Preto e oitava do País. Iniciou suas atividades em 1935, sob a presidência de Raul Silva. Nos primórdios do rádio no Brasil, a PRB-8 era conhecida popularmente como “Rádio Bambu Rachado” ou “Rádio Taquara Rachada” – *Dicionário Rio-pretense*.



fotos acn

Roberto Souza, o Dono da Noite – Rádio Brasil Novo, 16.03.2000



Sebastião de Paula, músico, sonoplasta das Rádios Onda Nova e Brasil Novo – SJRP, março de 2000

Por falar em *jingle*, fez sucesso o das lâmpadas GE: *quando a lâmpada queimar não adianta estrilar; nem bater o pé. O que resolve é ter logo à mão a lâmpada GE. Se você acende...*

Para enriquecer os relatos sobre a Era do Rádio, decidi, em 16.03.2000, procurar pelo Roberto Souza¹²⁴, radialista que mantém o mesmo programa já há 42 anos ininterruptos. Poderia ter procurado o Silveira Coelho, mas o programa dele era muito cedo, e de um gênero musical nem tanto afinado comigo. Mais adiante, falaremos do Silveira. O horário do Roberto era mais plausível: das 20 horas à meia-noite. Cheguei às 21h15.

A porta lateral da Rádio Brasil Novo (sede também da Onda Nova) estava destrancada e entrei. O prefixo era uma música velha conhecida minha, com Bert Kaempfert: *Skokyian*. Programação musical toda com discos de vinil. A luz vermelha acendeu, Roberto deu seus recados, anunciou outra música. Esperei o sonoplasta dar o sinal e entrei. O estúdio também estava aberto. “Faz muito calor aqui”, justificou Roberto. Apresentei-me, sentamo-nos, mostrei-lhe uma versão do livro. Comentamos. Falei-lhe dos sinais positivos que eu recebera naquela semana, quanto à impressão. Olhou atentamente o sumário. Tomamos café. Roberto, camisa desabotoada, acendeu um mesmo cigarro três vezes. “É assim que eu fumo, vou acendendo, vou apagando o mesmo cigarro.” Fiz algumas perguntas, anotei, fotografei. Roberto, prudente, experiente, já tinha elementos para uma avaliação. “Vou colocar você no ar, pra gente conversar”. Foi a primeira vez que *Rio Preto – Na Rota dos Asteróides* foi mencionado no rádio. Achei fantástico que fosse na saudosa e eficiente AM. E o que me surpreendeu: várias pessoas amigas estavam sintonizadas. Irineu Maia disparou: “Ouvi a sua entrevista inteirinha. Aliás, onde vou ouvir música boa? É em AM. Nas FM o pessoal promove uma lavagem cerebral na gente.”

Quando veio para Rio Preto, Roberto Souza estava na Rádio Marconi Neto, em São Paulo. Ficou pouco além de um ano. “Mamãe não estava bem, eu precisava vir. Ela era muito importante para mim”, afirma. “Mas tive uma segunda e uma terceira família aqui: Muanis e Calil”, arremata, reverente, homenageando os amigos que tanto considera.

Rio Preto, na fala de Roberto é “a mais bela e progressista cidade do interior do Estado”, frase de efeito que repete nos intervalos entre as músicas de estilo variado que o sonoplasta Francisco de Paula coloca no ar com precisão. “Aqui, na cidade grande...”.

O amadurecido radialista “dono da noite” diz que não fez outra coisa na vida a não ser rádio. “Rádio é a minha cachaça”, confessa. Mas sabemos que isso não é a pura verdade – cantou na orquestra Paratodos, na Marajoara, com Mário Longhi, com Roberto Farath, o que demonstra a sua versatilidade.

Roberto Souza trabalhou por 28 anos na Independência. Da PRB-8, revela uma saudade imensa. “Era tudo muito precário, mas um rádio humano. Os donos

¹²⁴ Roberto Souza, filho de Emetério de Souza Freire e Maria Angélica de Souza Freire, radialista, nasceu em Januária, MG, aos 05.10.1934. Veio para Rio Preto em 1948. Começou no rádio aos 17 anos. Trabalhou em quase todas as emissoras AM de Rio Preto. Leva o programa *Roberto Souza, o Dono da Noite*, na Rádio Brasil Novo, de segunda a sexta.

eram mais sensíveis. Criou-se hoje um tabu em Rio Preto – não há quem queira aplicar em AM, justo a que tem longo alcance, penetração popular. Meu programa chega até Barretos e Araraquara”, declara nostálgico, ao mesmo tempo orgulhoso.

Na mesa de som do programa, comandada por Sebastião¹²⁵, não notei nada de diferente dos anos 60. Depois de trinta anos com Roberto, ele adivinha seus pensamentos. E vai além: “Roberto não combina com mais ninguém. É azedo às vezes. Só eu pra contornar. Conto uma piadinha e fica tudo bem. Tempo bom aquele da B-8, não é mesmo?” À saída, sua frase é estimulante: “Sempre que vier, não esquece de nós aqui, vem mesmo.”

Quais as chances que esses valorosos profissionais teriam hoje em Rio Preto? Nenhuma, se não fosse a sensibilidade de Luiz Homero¹²⁶.

Para encerrar esse breve relato sobre os meus anos 50 em Rio Preto, em ritmo de conversa, com seus naturais vaivéns, registro que foi na casa do Hamilton Saletti, que se dedicava a aeromodelismo, que conheci uma vitrola, então moderníssima, modelo *Hi Fi (High Fidelity)*. O pai dele botava para tocar para nós, orgulhoso, um disco demonstrativo que continha sons diversos, revelando a perfeição da reprodução. Não era estéreo ainda. Ao final da década é que começaram a chegar a Rio Preto os discos LP, rotações 33 e 45. Estávamos saindo da era dos pesados acetatos de 78 rpm.

Guardo alguns 78 que eram do meu pai. Nas capas simples, os selos bem comuns da Columbia, RCA Victor, Capitol, Copacabana, Odeon, Todamérica, Continental, MGM, Vesuvio, RGE. Dentre as gravações, uma que gostaria de ouvir se ainda tivesse acesso a um toca-discos 78 rpm: *I Love You*, de Cole Porter (1892-1964), interpretada por Billy Eckstine e Sarah Vaughan, com Joe Lipman e sua Orquestra. Discos do Ivon Curi, figura fácil. E outros, como Francisco Alves, o Chico Viola, que morreu em 29 de setembro de 1952. Aconteceu na Dutra, quando seu Buick, a 130 km/h bateu num caminhão. Versátil, interpretava gêneros variados. Sua voz era venerada. Foi considerado um dos cantores mais famosos do Brasil, gravando mais de 900 músicas. A primeira remonta a 1919.

Dessas antigüidades fonográficas chamou-me a atenção um disco contendo a música *Chico Viola*, exaustivamente tocada nas rádios. Tratava-se de uma homenagem a Francisco Alves, o Rei da Voz, num samba de Násara e Wilson Baptista, interpretado por Linda Baptista¹²⁷, Trio Madrigal, com Orquestra e Coro. “*Chora Estácio, Salgueiro e Mangueira. Todo o Brasil emudeceu. Chora o mundo inteiro, o Chico Viola morreu. Na voz do seu candente violão, ele deixou seu coração. Partiu, disse adeus, foi pro Céu, foi fazer, foi fazer companhia a Noel.*”

¹²⁵ Sebastião de Paula, radialista, acordeonista, nasceu aos 09.01.1937. Foi aluno de acordeom de Roberto Farath. Trabalhou nas principais rádios de Rio Preto e na Rádio Globo.

¹²⁶ Luiz Homero de Almeida, advogado, jornalista, escritor, nasceu em Jequitinhonha, MG, aos 01.02.1928. Fundador das rádios Brasil Novo e Onda Nova, das quais é diretor desde 1975 e 1981, respectivamente. Autor dos livros *Encontro e Zé Sem Nome*.

¹²⁷ Linda Batista (Florinda Grandino de Oliveira) e sua irmã de Dircinha Batista (Dirce Grandino de Oliveira) nasceram em São Paulo, SP, em 14.06.1919 e 07.05.1922, respectivamente. Maior sucesso de Linda: *Vingança*, de Lupicínio Rodrigues, em 1951. As duas irmãs, ambas cantoras e compositoras, e suas companheiras Emilinha Borba, Marlene e Nora Ney, são autênticas representantes da fase áurea do rádio carioca.

Cinco Letras que Choram (Adeus!...)

Silvino Neto

Adeus, adeus, adeus, cinco letras
que choram
Num soluço de dor
Adeus, adeus, adeus, é como o fim
de uma estrada
Cortando a encruzilhada
Ponto final de um romance de
amor
Quem parte, tem os olhos rasos
d'água
Ao sentir a grande mágoa
Por se despedir de alguém
Quem fica, também fica chorando
Com o lenço branco acenando
Querendo partir também.

Um grande sucesso de Chico, *Adeus, Cinco Letras que Choram*, samba-canção de Silvino Neto, foi entoado por 500 mil pessoas que acompanharam seu enterro. Sete anos mais tarde, em 1959, ao nos despedirmos do Grupo Escolar Prof. Oscar Arantes Pires – a próxima etapa seria o Ginásio – cantamos na solenidade uma versão especialmente feita para a ocasião, com base naquela melodia:

Adeus, adeus, adeus, cinco letras que choram, num soluço de dor.

Adeus, adeus, adeus, a ti escola querida, que nos preparou para a vida,

De uma saudade, a triste flor.

Adeus, Grupo muito amado, e aos mestres devotados, toda a nossa afeição.

Partimos em caminhos diversos, mas deixando nestes versos,

Toda a nossa gratidão.

Outro desaparecimento que marcou a década de 50 foi o de Carmem Miranda¹²⁸, em 5 de agosto de 1955. Heitor Villa-Lobos partiria também, mas em 1959. A cada perda aparente, podemos contabilizar muitos ganhos. A humanidade recebia, em 1955, a vacina contra a poliomielite, descoberta por Jonas Salk, imunologista e pesquisador americano, para a qual, nos anos 60, Albert Sabin desenvolveria a versão oral. A população brasileira, na década de 50, foi agraciada com a queda da mortalidade infantil de 144 a cada 1.000 nascimentos, para 118. Era o efeito da urbanização, dos serviços de água e esgoto e de um acirrado combate à tuberculose.

Estimava-se, em 1958, para Rio Preto, um universo de 20 mil eleitores. Havia só 11 mil

¹²⁸ Carmem Miranda (Maria do Carmo Miranda da Cunha), cantora, nasceu em Portugal, em 09.02.1909, falecendo nos EUA, aos 05.08.1955. Veio para o Brasil com dois anos de idade. Josué de Barros, compositor, foi seu amigo e padrinho profissional, levando-a, em 1929, para a Rádio Sociedade e a outras emissoras. Em janeiro de 1930, era lançado o seu primeiro disco. A partir daí, sucederam-se gravações de músicas dos mais renomados compositores, além de vários filmes. Já em 32, viajava à Argentina. O sucesso que fazia no Brasil a levou a ser contratada por Lee Schubert, seguindo para os EUA, em maio de 1939. O conjunto que sempre a acompanhava era o Bando da Lua (lá chamado The Moon Gang). Voltou ao Brasil, mas em 1941 transferiu-se para os EUA, ficando por lá até sua morte em Beverly Hills. Consagrada internacionalmente, Carmem, a “A Pequena Notável”, participou de 19 filmes, gravando 154 discos.

The Green Door

Jim Lowe

Midnight... One more night without
sleeping
Watching... Till the morning comes
creeping
Green Door, what's that secret
you're keeping?

There's an old piano and the clatter
hot behind the Green Door
Don't know what they're doing, but
they laugh a lot behind the Green
Door
Wish they'd let me in so I could
find out what's behind the Green
Door (...)

Rock Around the Clock

Freedman e Knight

One, two, three o'clock, four o'clock
rock,
Five, six, seven o'clock, eight o'clock
rock
Nine, ten, eleven o'clock, twelve
o'clock rock,
We're gonna rock around the clock
tonight

Put your glad rags on and join me,
hon,
We'll have some fun when the clock
strikes one,
We're gonna rock around the clock
tonight
We're gonna rock, rock, rock, 'til
broad daylight
We're gonna rock, gonna rock
around the clock tonight

When the clock strikes two, and
three and four
If the band slows down we'll yell for
more,
We're gonna rock around the clock
tonight
We're gonna rock, rock, rock, 'til
broad daylight
We're gonna rock, gonna rock
around the clock tonight
When the chimes ring five and six
and seven (...)

inscritos. Nesse ano, iniciava-se uma campanha de alistamento eleitoral. Ao final da década de 50, era de praxe ouvir-se na madrugada o trotar da cavalaria noturna de Rio Preto, ou o compassado “ploc-ploc” da sua marcha lenta. Os longos apitos dos guardas-noturnos se faziam ouvir. Executavam o seu serviço a pé. Já amanhecendo o dia, outro barulho característico: o da carroça de leite, então acondicionado em garrafas de vidro de boca larga. Os litros de leite entregues de casa em casa eram um convite ao desjejum dos boêmios que voltavam para casa quando amanhecia o dia.

De novo ao assunto dos discos. Uma curiosidade em 78 rpm da Polydor que merece destaque: Agostinho dos Santos, o cantor romântico, da voz aveludada, numa interpretação de *Até Logo Jacaré*, versão de *See You Later Alligator*. Um *rock and roll* gravado ainda no tempo do pesado bolachão preto.

O *rock* tem suas origens na *rhythm and blues* do sul dos EUA, na década de 30. Alabama, Mississipi e Louisiana, para sermos mais precisos. Era o *Deep South*, gênero musical feito por e dirigido aos negros, que atingiu também o norte após a Segunda Grande Guerra. Foi então que passaram a lendários os nomes de Muddy Waters, John Lee Hooker, Howlin' Wolf, B. B. King, Bo Diddley e Chuck Berry.

Com o desenvolvimento industrial, milhares de negros, em busca de emprego, procuraram cidades como Chicago, que acabou se tornando o maior centro difusor do *blues*. Foi essa geração que estabeleceu as bases em que se desenvolveu o *rock and roll* na década de 50. Nascia um gênero de música novo, malicioso, agitado, solto, que ecoou nas guitarras agora elétricas de Waters, de Berry e Little Richard.

A explosão do *rock*¹²⁹ é marcada, em 1956, pela estréia do filme *Rock Around the Clock*, que

¹²⁹No entanto, 1956 marcava também a formação da parceria de Tom Jobim com Vinícius de Moraes, um ponto de partida do movimento musical da bossa nova. A bossa nova chegou mesmo em 1958, quando João Gilberto, acompanhando Elisete Cardoso, introduz a harmonia feita de acordes dissonantes. Em 1959, João Gilberto grava *Desafinado*, cuja letra traduz o movimento e quase que chega a ser um hino do novo gênero.

trazia o ritmo frenético de Bill Halley & His Comets. Ainda nesse ano firma-se para valer nas paradas o jovem Elvis Presley, então com 20 anos. James Dean (1931-1955) passa a influenciar a juventude na maneira de vestir, de cortar os cabelos, de se expressar. Surgia o estilo “juventude transviada”, uma forma de desafio à sociedade.

Foi também em 1956 que Jim Lowe gravou *The Green Door*. Eu ouvia muito a gravação em um disco 78 rpm que tínhamos. Hoje sei que ela alcançou os primeiros lugares nas paradas dos Estados Unidos, juntamente com gravações de Elvis.

Era moda em Rio Preto, nas festinhas, alguma moça, em determinado e esperado momento, mostrar seus dotes artísticos, com vestido espanhol e castanholas. Mas surpreendeu-me assistir, numa festinha da Saldanha Marinho, após a dança flamenga, a um casal dançando *rock*¹³⁰. Aquela dança mexia comigo. Passei a ensaiar alguns passos diante do rádio. Ah! Esse tal de *rock and roll*¹³¹ ...

¹³⁰ Em 16.02.1957, Jânio Quadros, então Governador de São Paulo, proibia o *rock and roll* em bailes...

¹³¹ Fonte de consulta na matéria sobre *rock*: Enciclopédia Mirador.

Rio Preto – Começavam os Anos 60

Início dos chamados Anos Dourados. Eu, um pré-adolescente, transformava-me juntamente com a década. Nova etapa bem-delineada. Ostentando um relógio de pulso Omodox, passara nos exames de admissão ao IEMG e iniciava o ginásio – hoje 5ª série. O Instituto de Educação Monsenhor Gonçalves era escola pública estadual das mais conceituadas, modelo que se sobressaía tanto quanto as particulares renomadas como o São José, um semi-internato de padres que recebia só rapazes, e o Santo André, colégio de freiras, localizado ao lado da Maternidade, que admitia somente garotas.

“Em Rio Preto, no período de 1920 a 49, as escolas secundárias particulares eram as únicas existentes. Não concorriam com as públicas, porque estas simplesmente ainda não existiam na cidade. De 1930 a 49, havia apenas instituições particulares leigas ou religiosas. Já a década de 50 foi da escola pública. E o ginásio do Estado cresce, muda para colégio estadual e escola normal e depois Instituto Estadual de Educação ‘Monsenhor Gonçalves’. Nos anos 60, tem início a equiparação qualitativa, e mais tarde os estabelecimentos escolares do Governo começam a ficar para trás, a perder em qualidade. No entanto, o IEMG era o colégio almejado por todos. Professores competentes, de carreira”, afirmaria Nilce Lodi, em março de 2000.

As mocinhas, bem-comportadas, usavam saias plissadas e conjuntinhos de camisa e cardigã de ban-lon, sempre em tons pastel. Tudo importado, como o *spray* que aprumava qualquer cabelo. “Topetes e coques ‘bolo-de-noiva’ estavam em alta e quem não podia se dar ao luxo de ter um laquê, tinha de se virar improvisando um penteado com as mãos cobertas de sabão” – *IstoÉ* 1578. Muita gente usava cerveja no cabelo. E bom-bril, em posição estratégica, cabelo desfiado, para dar volume.

Desde 1959, Fidel Castro já se instalara no poder em Havana, após depor o ditador Fulgencio Batista. Em 1960, era liberada nos Estados Unidos a comercialização da pílula anticoncepcional. No Brasil, a década seria marcada pela redução visível das mortes por doenças infecciosas. É que as cidades brasileiras ganhariam redes de água e esgoto em grande escala.

Ao fim da década de 50, início da de 60, edifícios de vários andares passavam a ser construídos em Rio Preto. A Galeria Bassitt, na esquina da Marechal Deodoro com a Bernardino de Campos, em 1956, despertara a curiosidade dos transeuntes pela incomum imponência. Antes da Galeria, o edifício Caramuru, nos anos 40, fizera um enorme sucesso.



Coelho News

Boletim Informativo da Família - Ano I - Número 6 - Brasília, agosto de 1995

CONVERSANDO COM MARGARIDA

Pele morena, baixa estatura, traços firmes, mulher dinâmica. O sorriso transmite otimismo, coragem, luta incessante. Essa a impressão que Margarida de Paula Santos, 65, nos transmite logo à primeira vista.

Tarde de quinta-feira, 27 de julho, em Mirassol, Margarida tinha ido guardar o cavalo. Eu já havia procurado por ela no enterro do ex-prefeito "Mainha" - José Maria de Campos Maia. Edi soubera que ela estava no velório. Pela descrição que Edi me dera, fui até lá, pensando encontrá-la.

Estive no funeral, apesar de não conhecer o Mainha. Fiquei por ali, olhando, respeitoso, tentando identificar Margarida. Parentes e amigos devem ter ficado curiosos. Eu era um desconhecido de todos. Nada de Margarida. Fui embora. Mais tarde, fiquei sabendo que havia ido ao velório errado.

Já na porta de sua casa, à rua Prof. Luiz Carlos Donega, 1860, enquanto espero a sua chegada, converso um pouquinho com a neta de Margarida. Posso divisar um senhor de idade, dentro da casa, numa cadeira de rodas. Por que esperi? Quero saber dos Coelho...

Margarida chega, cumprimentando-me com um sorriso aberto. Pergunta se sou o primo da Edi e de quem sou filho. "Do Armando", respondo. Entre na casa simples. Apresenta-me o senhor da cadeira de rodas. É seu pai, José de Paula Santos, 97, que há três meses amputou a perna direita, em função de uma trombose. Ele está sem camisa e tem um olhar vago que se perde pela rua que termina na Donega. Imagino que ele já não mais está atento ao que acontece à sua volta. Puro engano. Mesmo escutando pouco, participo da conversa que tive com Margarida, comple-mentando uma lista de nomes de que a própria Margarida se esquecera, ao conversar comigo.

O pai de Margarida conheceu bem o meu avô Aristides. Veio de Muzambinho para Mirassol em 1922, onde trabalhou com carne de praça. Cheguei a ver uma foto sua de 1957, junto ao seu carro, na praça principal de Mirassol.

Margarida pergunta sobre o que quero conversar.

Explico tudo, deixando claro o meu intuito de resgate da história dos Coelho. "Pode perguntar, então" - diz Margarida, enquanto remove o conteúdo de uma gaveta.

Aos poucos, ela se sinta, apalmando para a memória e lembrando de fragmentos, que precisam ser trabalhados, para despertar um maior interesse do leitor. Traz da gaveta dois livros de Ariovaldo Corrêa, com os quais me apresentei à vida. Tenho a impressão de que seriam necesá-

BAÚ DAS FOTOGRAFIAS



Aristides S. Coelho, William Zeitene, Rosina e o Uzenir com William Junior no colo - 1952



rias mais de uma oportunidade para alinhar um bom relato. Navegação não faltará, pensu.

Benedito Lima, foi o esposo de Margarida, empregado do vovô Aristides no açougue. Três de seus filhos nasceram na chácara onde morou a família do Edílio. A saladeira era lá. Dentre os empregados de Edílio, lembrou-se dos nomes de Zé Memino e de Vital, que segundo Margarida, ainda é vivo e mora em Rio Preto.

Margarida fala das apostas que fazia com Sr. Aristides. Quem acertasse o sexo do bebê que iria nascer, escolhia o nome. Assim é que não sobraram muitas opções para o rebento, diante das convicções de Aristides e Margarida. Veio Luiz Carlos, em homenagem a Prestes. Veio Estalmira, uma mistura de Stalin e Lenine.

Por essas e outras, Margarida esteve presa durante 11 dias, em 1964, juntamente com Vicente Serrano, Covazzi, Péva, Bazzani, Luis Neves, Sicard, Dival, Flores e Ditão da Graça. Esta foi uma das listas de nomes que “seu” José de Paula, lúcido, complementou. Aristides esteve preso em outra época na Ilha das Cobras, mas Margarida não se recorda da data.

Dentre os fatos que relembrou, não pôde deixar de citar as perseguições de Octacílio. “Tinha um apelido engraçado que não me lembro bem. Era um nome de peixe...”, lembra-se. Ri muito quando relembra o episódio de Octacílio angariando fundos para o império da Ilha que, por sinal, estava muito viva morando em São Paulo... □

ACONTECIA EM 1960

Continuação do número anterior: O que mostrava o jornal *Diário da Tarde* no dia em que divulgou o falecimento de Aristides S. Coelho

MANCHETES:

Estadantes riopretenses apoiam a greve - universitários decretam hoje paralisação total no país *(lista de 100 reivindicações estava sendo preparada, com vistas à moralização dos ensino superior no país)*

D.Sarah Kubitschek em visita a Sevilha

Jânio Quadros envia mensagem aos líderes sindicais

JK de regresso *(Joaquino chegou de Portugal)*

Administração: “Bossa Nova” *(preferência ao Governador do Paraná)*

Debates dos candidatos

Saltos teudo morte trágica *(jovem de 26 anos morreu num salto de pára-quedas de 1.300 metros de altura)*

Fatos deploráveis *(algazarra na Assembleia Legislativa de S.Paulo)*

Incidente sério *(acidente era a criação da segunda pista da Via Duvid)*

Tristíssima “bomba” *(bandeira inocente sobre o crime de Sacajá)*

“Baby é aventureiro e play-boy” *(notícia da Cidade do México envolvendo Baby Pignatari, que havia passado 34 horas no mar, e a Princesa Iru de Hohenslohe)*

PIADINHA INTERESSANTE

Essa foi do Martinho Russ, em Rio Preto de Anafaladez. Um posto de abastecimento de gasolina, situado numa entrada do deserto do Arizona, continha cartaz com os seguintes dizeres: “Abasteça-se neste posto. Os outros não passam de miragens”.

FILMES DA ÉPOCA

Os filmes em cartaz, com sessões às 19:40 e 21:30 h, ou sessão única às 20:00 horas eram os seguintes:

Cine Rio Preto: *A Rainha do Circo*, com Romy Schneider e Lilli Palmer

Cine S. Paulo: *Noites no Papagaio Verde*, com a fabulosa Marika Rokk

Cine Boa Vista: *Espadachim Aventureiro*

Cine Ipiranga: *No Silêncio de Uma Cidade*, com Dana Andrews e Rhonda Fleming

Cine Esplanada: *Casalho*, com José Lewgoy

Para sábado e domingo anunciava-se: *Tin Tan em Havana*, *Zorro e o Ouro do Cacique*, *Massagista de Madame*, *Um Fio de Esperança* e *Drama da Página Um*.

Aristides de Souza Coelho era muito caridoso, segundo Margarida. Ela não é a primeira que relata essa qualidade. “Muita gente carente ia pedir um osso para Sr. Aristides”, relata. Era pedir osso e levar carne, pois de acordo com o bondoso homem “osso era para cachorro”. A sabedoria e a sensibilidade de “seu Aristides” ficava patente quando regava o pé de abil da casa da 9 de Julho. — Veja, Margarida, como a árvore fica contente quando está recebendo a água preciosa. Preste atenção como as folhas se agitam agradecemto...

Luz Vermelha

Minas Kuyumjian Neto

De dia
é o lar
das putas.
De noite
o solar
de labutas
onde a cidade
arde
de amor.
Na varanda
cintila
a centelha
da luz
vermelha.
Na cama
geme
a mola.
Na vitrola
a mulher amada
se transforma
em boneca
cobiçada.

Oásis

Com sol a pino
você ia indo
adulto ou menino
pela rua
Bernardino
– maluco
pra tomar
um suco
de tamarindo
e se refrescar
naquele bar
de nome lindo:

*Ao Beber
Sorrindo.*

Calor

O asfalto
derretia.
Tremia
a paisagem.
Todo mundo
lasso
no mormaço.
No alto
um sol
de contrato.
À noite
para dormir
eu precisava
molhar
o lençol.

Tanto quanto a da Galeria, a construção do edifício IPESP, com seus 17 andares, também chamou a atenção. Quem hoje reforma um apartamento dele, depara com paredes quase indestrutíveis de tijolo pó-de-mico, revestidas com argamassa carregada na quantidade de cimento. Revelam o sistema construtivo que não se assemelha aos atuais, em tijolos furados, que se são mais leves, contribuem para a devassabilidade acústica.

As praças delimitadas pela Voluntários, Jorge Tibiriçá, Bernardino e Prudente de Moraes eram o palco da maioria dos acontecimentos da cidade. Lá estava a principal igreja da cidade, o coreto, a fonte. Onde os marreteiros de carro se reuniam, a banda tocava, os fazendeiros punham em dia o assunto, os namorados se sentavam, os pipoqueiros ganhavam a vida. As poesias do escritor e jornalista Minas Kuyumjian Neto, inseridas neste livro, retratam bem a época. Esplanada não era para nós uma planície ou campo largo e descoberto, mas sim a vila que abrigava a zona de meretrício, onde, equivocadamente, a garotada virava homem. O hábito do fumo era adquirido por rebeldia às regras vigentes, ou apenas para ocupar as mãos diante de uma garota. Quando criança a gente fumava talos de chuchu e de bucha. Rio Preto, sinônimo de sol quente, das noites de suadeira, que aliás, nunca me afetaram. Eu estava acostumado.

A mesma edição do *Diário da Tarde* que continha a nota de falecimento de meu avô Aristides de Souza Coelho – aos 75 anos de idade, em 01.08.1960 – nos dava uma idéia da realidade de Rio Preto e do País, naquela quinta-feira, 11 de agosto de 1960. Deparávamos com as seguintes propagandas no *Diário*: Regional, Casa Bueno, Companhia Rio Preto de Armazéns Gerais, Empresa Funerária São José, Arte-Jóias Carrazzone, Casa Constantini, Ressolagem de Pneus Aquino, Frazão Auto-Peças, Bentinho Alfaiate, Tarraf & Filhos – Concessionários DKW-VEMAG, Óticas Santa Luzia e Central, Centro Cultural Brasil-Estados Unidos, TAR – Taxi Aéreo Rio-Pretense.

Os produtos em evidência eram Caninha Katira, Acumuladores Heliar – que “*duram muito mais mesmo!*”, pneus sem câmara Firestone Campeão Supremo, Aspirador de Pó Electrolux mod. Z63, Volkswagen 1960 – oferecido pela Alfaiataria Reis, em sorteio pela Loteria Federal.

Pela programação da Circular Santa Luzia, tinha-se uma idéia de quais eram os principais bairros de Rio Preto. Linhas para Esplanada, Bom Jesus, Boa Vista, Ercília, Ipiranga, Redentora, Maceno, Anchieta, Parque Industrial e Diniz.

Folheando o *Diário da Tarde*, as conexões rodoviárias. Os horários da Viação Aprazível Paulista – VAP mencionavam as cidades de Mirassol, Monte Aprazível, Neves Paulista, Auriflama, Guzolândia, Bandeirante, Pereira Barreto, Macaubal, Nhandeara, Floreal, Magda e General Salgado.

Dentre os médicos que estavam gastando com propaganda e oferecendo os seus serviços, anotamos: Irineu Sanches, Linneu de Alcântara Gil, Arruda Barbato. Dentistas: Darcy Carramona, Jorge Abrahão Cury. No cenário mundial, Richard Nixon era vice-presidente dos EUA, Juscelino era Presidente do Brasil – e estava chegando de Portugal –, eram três os candidatos à Presidência da República: Jânio Quadros, Teixeira Lott e Adhemar de Barros. Ranieri Mazzilli era o Presidente em exercício.

Falava-se em campanha presidencial no *Diário da Tarde*. Devo dizer que meu pai era getulista, adhemarista roxo também. Não gostava do Jânio¹³². A campanha de Lott, apoiado por Juscelino, era simbolizada pela espada. A de Jânio, pela famosa vassourinha – *varre, varre, vassourinha*. Jânio, sempre descabelado e desajeitado.

O ano de 1956 marca o início do Governo Kubitschek, que em 21 de abril de 1960 inauguraria Brasília. Quanto a Juscelino Kubitschek (1902-1976), cabem algumas considerações para que este livro não fique insosso. Você sabia que Juscelino tinha a mania de tirar os sapatos, sem a menor

¹³² Em 31 de janeiro de 1955, Jânio Quadros (1917-1992) tornou-se Governador de São Paulo, derrotando Adhemar de Barros.

Boi em Pé

Minas Kuyumjian Neto

Naquela esquina
os fazendeiros
– de chapéu
e terno
de linho –
toda segunda
falam mal
do governo
coçam a bunda
olham de lado
e negociam
seu gado.

Canguçu, Rei do Sertão

Lá vinha
com ar sem graça
a figura
mais popular
da praça.
A gente falava:
“Sobe no galho
da árvore
e se pendura”.
Ele subia
e se pendurava
de cabeça pra baixo.
Daí a gente
gritava:
“Tá madura!”.
E o Canguçu
– auto-intitulado
Rei do Sertão –
caía de lado
ou então
de cabeça
no chão.

A Praça em Flashback

Minas Kuyumjian Neto

À sombra
das árvores
o assombro
de contemplos
o prédio
de dez andares.
Sentar no banco
tomar sorvete
falar à toa
enquanto a tarde
se escoia.
Numa janela
do hotel
o viajante
olha o céu.

Na rua
os fordes.
O chofer de praça
passa flanela
no *Simca-Chambord*.
As crianças
brincam no coreto
como se fosse
numa casa
de bonecas.

Adhemar

Minas Kuyumjian Neto

Meus caros
patrícios!
Quando eu for
rei
prometo
que multiplicarei
a Zona
do Meretrício!

“... todas as gerações de diamantinenses passearam em sua mocidade pelas ruas silenciosas e encantadas de sua cidadezinha, sobretudo à noite, quando, à luz do luar, os violões acompanhavam os bardos primitivos na criação desse gênero de poesia que hoje é uma característica do velho Tejuco. Uma serenata em Diamantina é mais bela do que uma noite de trovadores em Nápoles. A cidade canta, despreocupada, diluindo na beleza dos sons as angústias comuns da vida. Cada dia as serenatas se tornam mais atraentes. E agora, que o asfalto liga a cidade a todos os pontos do país, veremos se desenvolver um movimento turístico de pessoas que amam, acima de tudo, a poesia das noites cheias de estrelas, embaladas na dolência dos violões que choram.”

Juscelino Kubitschek de Oliveira
(Apresentação do disco *JK em Serenata*, 1968)

cerimônia, em qualquer reunião em que estivesse? No começo da década de 50, ele havia sido Governador de Minas Gerais. Em 1955, já propusera a mudança da Capital¹³³ para o Planalto Central. Mesmo quando se transferiu a Capital do Brasil de Salvador para o Rio de Janeiro, já percebera que ela era vulnerável. Assim, levá-la para o interior era uma medida necessária, por segurança e como forma de estender o desenvolvimento para o resto do País.

Em 24 de agosto de 1960, Rio Preto abatia-se com a tragédia que envolveu a morte de 59 estudantes no rio Turvo, quando a fanfarrinha do Colégio D. Pedro¹³⁴ viajava para uma apresentação em Barretos. Um dos dois ônibus desgovernou-se sobre a ponte, caindo no rio. Das pessoas que estavam no ônibus, apenas cinco se salvariam. Cada rio-pretense viveria o drama de alguém conhecido que perdeu outro alguém, fosse amigo, ou filho, ou parente. O nome Avenida dos Estudantes¹³⁵ foi dado em homenagem a essa rapaziada de Rio Preto, que chorou em uníssono um passamento de forma tão drástica.

¹³³ Mudança da Capital — O assunto começou a ser aventado, em 1761, pelo Marquês de Pombal, a quem se atribui a idéia mais antiga de se transferir a Capital para o interior. A partir de então, várias propostas se sucedem. Em 1808, Hipólito José de Costa, jornalista brasileiro, divulga, em Londres, idéias liberais e sugestões para a interiorização da Capital do Império. Em 1821, já se esboça o sítio da futura Capital (coincide com o local atual). O deputado José Bonifácio, em 1823, faz injunções quanto à necessidade de se edificar uma nova Capital. Sugere até o nome: Petrópole ou Brasília. Um Projeto de Lei de 1852, no entanto, mantém o nome *Brasília* — menciona até custos para a transferência. Em 1877, o historiador Visconde de Porto Seguro faz viagem de reconhecimento ao local onde se situa hoje o Distrito Federal. O famoso sonho profético de Dom Bosco data de 1883. Dizia, dentre outras coisas, da latitude e longitude da futura cidade. Em 1891, a Constituição Federal prevê uma área de 14.400 km² para a nova capital. Em 1892, a Comissão Cruls é designada para demarcação da área. Trinta anos depois, estaria sendo lançada a pedra fundamental da nova Capital. A ratificação das análises e do Relatório Final da Missão Cruls aconteceria em 1947. Os primeiros levantamentos aerofotogramétricos vieram em 1953. O ano de 1954 é marcado pela atuação da Empresa Donald Belcher na realização de estudos de fotoanálise, fotointerpretação, mapeamentos temáticos, estudos topográficos, hidrológicos, geológicos e climáticos. Com a finalização do Relatório Belcher, em 1955, eram selecionados os cinco locais mais indicados para a localização da nova Capital. Em março de 1957, um júri, com Niemeyer à frente, estava escolhendo o projeto urbanístico de Lúcio Costa para Brasília.

¹³⁴ Escola Técnica de Comércio D. Pedro II, antigo Ateneu Riopretano.

¹³⁵ Projeto de lei da Câmara Municipal alterou, em 30.08.1960, o nome da então Avenida Mirassol para Avenida dos Estudantes.

Em 12 de abril de 1961, a URSS enviaria o primeiro homem ao espaço, o russo Yuri Gagarin, a bordo da Vostok 1. Reuníamos-nos à noite na rua para olhar para o céu, na tentativa de detectar a nave passando.

Celly Campello fazia sucesso com o rock *Estúpido Cupido*, uma versão de Fred Jorge¹³⁶ para *Stupid Cupid* (Neil Sedaka e H. Greenfield). “*Oê Cupido, vê se deixa em paz, meu pobre coração já não agüenta mais...*” Quando se falava em versão, sempre se associava os nomes de Fred Jorge e Rossini Pinto. Os violões começavam a dar lugar às guitarras. Todo o planeta passava por transformações. O Brasil não ficaria atrás. A TV tinha dez anos de existência e já ameaçava ocupar o lugar do rádio. Ao lado de Bill Halley e seus Cometas, despontavam nas paradas nomes como Sérgio Murilo, Carlos Gonzaga, George Friedman, Baby Santiago, Dan Rockabilly, Tony Campello, Ronnie Cord, The Beatles, Roberto e Erasmo Carlos, Wanderléa, Jerry Adriani¹³⁷, Renato e Seus Blue Caps.

Mencionamos os nomes de Celly¹³⁸ e Tony Campello¹³⁹. É Jayme Signorini quem nos fala dos dois, em 14.03.2000. “Os Campello, Nelson e Ieda, moravam em Taubaté, em 1955, quando fui para lá dar uma mão ao meu cunhado¹⁴⁰ numa firma de capitalização. Tinham os filhos Sérgio (Tony), Célia (Celly) e Nelsinho. Morávamos perto dos Campello, os quintais eram ligados pelos fundos.” Segundo Jayme¹⁴¹, que estudava com Sérgio na Escola Comercial de Taubaté e nadava com Nelsinho no Taubaté Country (Jayme, clássico, Nelsinho, costas), Celly era muito cortejada pela rapaziada. “Ela era bonita, estudava no Ginásio Taubatiano. Era costume em Taubaté as garotas tirarem os rapazes para dançar”. Tony cantava no conjunto Biriba Boys, de S. J. dos Campos. “Celly nem imaginava que seria sucesso. Acho que, naquele tempo, só cantava no banheiro”, afirma Jayme, que quando voltou a Taubaté, em 1957, hospedou-se na casa de Celly. Em 1958, Tony iria a Rio Preto, para um *show* da Regional Clipper. Em 1960, os dois irmãos Campello estariam de volta à cidade, apresentando-se no Clube Monte Líbano.

Abrindo um parêntese. Muitas caixas andei revirando no sótão e em lugares inusitados para enriquecer estes relatos... Cheiro de papel velho não é nada bom. A propósito, foram incontáveis telefonemas também.

¹³⁶ Fred Jorge (Fuede Jorge Japur), compositor, nasceu em Tietê, SP, em 31.05.1928. Sua primeira composição gravada: *Velha Paineira*, na voz de Carlos Gonzaga, em 1946. Começou a fazer versões de músicas em inglês, incentivado por Cardoso Silva. Versões famosas: *Midnight Mascarade*, *Diana*, *A Noiva*, *Estúpido Cupido*, *Lacinhos Cor-de-rosa*, *O Diário*, *Meu Coração Canta*, *A Casa do Sol Nascente*, *Querida*. Algumas composições: *Pequeno Príncipe*, *Soldadinho de Chumbo*, *Paraíso* (gravadas por Ronnie Von), *A Palavra*, *Se Eu Partir*, *Você Já Me Esqueceu*, *Não Adianta Nada* (gravadas por Roberto Carlos), *Espera Um Pouco* (gravada por Angela Maria). Suas composições foram gravadas ainda por Altamar Dutra, Leny Eversong, Caubi Peixoto, Antônio Marcos. No Exterior, dentre outros, Teddy Reno, Connie Francis, Ornella Vanoni, Sacha Distel, gravaram as criações de Fred Jorge.

¹³⁷ Jerry Adriani (Jair Alves de Sousa), cantor, compositor, nasceu em São Paulo, SP, em 29.11.1947.

¹³⁸ Celly Campello (Célia Campello Gomes Chacon), cantora, nasceu em São Paulo, SP, em 18.06.1942. Foi a primeira grande expressão feminina do *rock* nacional. Gravou oito LPs, destacando-se com as músicas: *Estúpido Cupido*, *Lacinhos Cor-de-Rosa*, *Banho de Lua*, *Túnel do Amor*, *Hei Mama*, *Trem do Amor*, *Broto Legal*, *Billy* (gravações feitas de 1958 a 60).

¹³⁹ Tony Campello (Sérgio Beneli Campello), cantor, produtor, nasceu em São Paulo, SP, em 24.02.1936. Gravou o seu primeiro disco em 1958. De um lado, Tony interpretava *Forgive Me*; do outro, sua irmã Celly, apresentava *Handsome Boy*, ambas as músicas de Mário Genari Filho e Celeste Novais. Sucessos de Tony: *Ritmo da Chuva*, *Boogie do Bebê*, *Pertinho do Mar*, *Canário*.

¹⁴⁰ William Menezes Camargo, casado com Adília Signorini.

¹⁴¹ Jayme Signorini, filho de José e Victalina, economista, bancário, nadador, poeta, escritor, nasceu em S. J. do Rio Preto, em 14.03.1936. Deteve o recorde paulista de nado clássico, de 1955 a 1973. Suas poesias lhe conferiram vários prêmios. Jayme sempre esteve ligado à Cultura, Esportes e a atividades da Maçonaria, onde exerceu importantes cargos. É de sua autoria o livro *Poecrontos*.

— Alô! Minha irmã, sou eu. Muito tarde?

— Claro que não!

— Mamãe vai bem? E nossa prima, melhorou?

— Só não está trabalhando ainda. Graças a Deus.

— Ele está atento. E o Seta pode esperar. Temos pedido por ela em nossas preces. Pode às vezes parecer antipático, mas o sofrimento sempre nos ensina alguma coisa, você sabe disso. Preciso da sua privilegiada memória. Como se chamava o marido de dona Dionízia Volpe?

— Pai da Sirley? Deixe-me ver... Acho que era José. Amanhã pergunto para a mamãe e confirmo.

— Achei metade de um convite de casamento seu. Com quem você se casou em 20 de janeiro de 1963? O nome ficou na parte cortada.

— Tonto. Só o Fernando e já está ótimo!

— Exatamente! Fernando!... isso mesmo, chame-o pra mim, por favor. Quero ver se ele pode me ajudar numa coisa.

— Já está dormindo. Que é que você queria?

— Você se lembra de quando eu trabalhava para o seu Álvaro Carramona, nas Cestas de Natal Amaral, a do Gigante Amaral, aquele boneco? Eu então participava d' *Os Asteróides*?

— Onde ficava mesmo a loja?

— Na Galeria Bassitt, na entrada voltada para a Marechal.

— É mesmo. Deixe-me ver... acho que foi bem antes do conjunto.

— Bem, peça ao Fernando para me ligar. Será que na Junta Comercial de Rio Preto eu conseguiria ter acesso aos livros do guarda-livros¹⁴³ das Cestas Amaral? Será que o Darcy Carramona¹⁴⁴, filho do seu Álvaro, ainda mora em Rio Preto? Talvez ele pudesse me ajudar a conseguir uma pista. Ainda tenho algumas obturações que ele fez...

— Tudo isso para o livro?

— As obturações não. Bem, o resto também não. São movimentações minhas, já de olho em aposentadoria. O seu Paulino vendia, lá em frente ao Cine Rio Preto, só amendoim ou doce sírio também? Vá pensando, não precisa responder agora. Tchau, durma bem.

— Boa noite, dê um abraço no povo.

— Ah! Deixe-me contar, Daniel, dia desses, vestiu o uniforme d' *Os Asteróides*, com a gravatinha preta Bat Masterson e tudo mais. Achou um Melhoral daquele tempo, no bolso do colete... Você acha que Melhoral vence depois de trinta anos?

¹⁴³ Nome que se dava ao contador antigamente.

¹⁴⁴ Meus dentistas em Rio Preto foram Darcy Carramona e Edgard Nunes de Carvalho. Com Edgard, enquanto se esperava para ser atendido, na varanda de seu consultório da Delegado Pinto de Toledo, observava-se os presos da Cadeia Pública, sentados nas janelas, com os braços e as pernas para fora das grades.



Solenidade – Valter Rodrigues, Moema Kuyumjian, Petrônio de Ávila, Nelcides Marques Alves (Bimbo), Messias Mattos – dez/1967



SJRP, 14.12.1969 – José Francisco Pagliusi Cabrera, Sílvia Menezes Rozales, Laura Demonte, Flávio Moreira, Dulce Borghesan, Márcia Cafagni, Rovi B. de Aguiar, Ilka, Regina Célia Lobanco, Irineu Luiz Maia, Regina Gomyde, José Carlos Casseb, Elise Leine do Carmo Fernandes Costa, Aristides Coelho Neto e Antonio Danilo Morais Barbosa

Um Pouco do Querido IEMG

O ano de 1963, para mim, foi marcante. Quarta série mista. Já estava saturado de classe masculina e o entrosamento com as meninas foi muito salutar. Passo a dissecar o convite dos bacharelados de 1963 do Instituto de Educação Monsenhor Gonçalves – IEMG. Na capa, quatro estrelas, por causa do uniforme – calça azul marinho, camisa branca com bordado das iniciais da escola e também com estrelas representando cada ano. Estrelas azuis – ginásio. Estrelas verdes – científico. Estrelas vermelhas – normal. Duas estrelas – segundo ano, e assim por diante.

Como parte do programa constante do convite de formatura, um culto no dia 22 de dezembro¹⁴⁵, na Igreja Presbiteriana Independente, sendo pregador o Reverendo Camilo Fernandes Costa¹⁴⁶. Não imaginava o reverendo, nem eu, que eu me casaria com a sua filha Elise¹⁴⁷, nove anos mais tarde. A missa solene em ação de graças, no dia 23, seria celebrada pelo Bispo Auxiliar D. José Joaquim Gonçalves, na Basílica Menor de Nossa Senhora Aparecida.

A Colação de Grau dar-se-ia no auditório do IEMG, em 23 de dezembro, às 20 horas. No dia 27, um baile nos salões do Rio Preto Automóvel Clube, animado pela orquestra Os Modernistas. A formação do conjunto era, segundo me declinaria o Boqueira, trinta e cinco anos depois: Luís Carlos (piano), Genésio (guitarra), Laquimé (trombone de vara), Romeu (piston), Dubail (sax-alto), Valdir (sax-tenor), Mário Perez (sax-barítono), Baltazar (contrabaixo), Antônio Netto (crooner), Boqueira (percussão) e Zezito (bateria). O traje era passeio. Dancei a valsa com a prima Rosina¹⁴⁸.

Homenageados que constavam do convite: diretor José Cavariani, Álvaro Duarte de Almeida (póstuma), Carmelisa Terra Gallo (especial), mestres Aristeu Dantas, Durval Carrijo, José Trefiglio, Maria Eulina Baldy de Souza, Neusa de Carvalho Pinto, Odete Costa, Ricieri Berto, Rubens Cintra Damião, Silvério Polotto, Sylvia Purita, Wilson Nilo Dal Porto. O paraninfo era o Polotto.

Os bacharelados, não os conhecia a todos. Havia muitas turmas do diurno e do noturno. Os nomes, que constavam do convite em ordem alfabética, estão aqui transcritos.

¹⁴⁵ Fazia um mês que John F. Kennedy, presidente dos EUA, havia sido assassinado em Dallas.

¹⁴⁶ Camilo Fernandes Costa, advogado, reverendo presbiteriano, professor de Biologia do Colégio Alberto Andaló, inspetor seccional de ensino, marido de Thirsa do Carmo Fernandes Costa, professora, funcionária do Centro de Saúde. A Igreja Presbiteriana Independente de Rio Preto iniciou suas atividades em 04.03.1937. Cresceu a partir de 1955.

¹⁴⁷ Elise Leine do Carmo Fernandes Costa, nasceu em 10.02.1949, em Ribeirão Preto. Antes de Rio Preto, morou em Botucatu, SP.

¹⁴⁸ Rosina Coelho Zeitune, filha de William Zeitune e Uzenir Coelho Zeitune.

Bacharelandos de 1963 - IEMG

Agostinho Shinagawa, Altino Bessa Marques Filho, Anésia Gonçalves Primo, Ana Célia Machado de Campos, Antônio Carlos Ferraz Buscardi, Antonio Danilo Morais Barbosa, Antônio Hélio Vieira de Rezende Pinto, Antônio Manoel Gonzalez Sotello, Aparecida Therezinha Chamelete, Aristides Coelho Neto, Armando Fava Filho, Arnaldo Lopes, Bette Davis Coelho, Carlos Henrique Rossi Esteves, Carlos Sérgio Arantes, Cármen Sueli Gorayeb, Carmem Vilma Garisto, Cláudio dos Santos Pentead, Clóvis Alberto Patti Sabella, Concepción Galvez Muñoz, Consuelo César de Barros, Delenir Lopes Pavim, Domingos Sinibaldi Sobrinho, Dalva Biasi, Edite Cordeiro de Oliveira, Edna Maria Gazzi, Edna Sardinha, Elizabeth Aparecida Achcar, Erasmo Renesto, Erivaldo Pedroso, Ferdinando Giovinazzo Filho, Fernando José Kaiser, Gilberto Luís Azevedo Borges, Helena Aparecida Dias, Heliana Galeazzi, Hugo de Lima Stefanini, Irene Batista, Irineu Luiz Maia, Ivete Nominato, João Hiroshi Yano, Joel Itapoan de Almeida Barbosa, José Beolchi Neto, José Emídio Mendes Abraão, José Fernando Bonvino, José Luiz dos Santos, José Massaki Muramatsu, José Nivaldo Milito, José Romualdo Negrelli, José Rubens Ferreira de Almeida, Luís Augusto Goyos Sícóli, Laura Maria Demonte, Lúcia Maria Guena, Luís Benedito Tavares, Maria Aparecida Demonte, Maria Aparecida Polotto, Maria Ângela Goyos, Maria Augusta Necchi, Maria Cecília Pinto César, Maria de Lourdes Costa, Maria de Lourdes Girade, Maria Elizabeth Sbrogio, Maria Helena Vieira, Maria Henriqueta Oliveira, Maria José Mendonça, Maria José Polachini, Márcia Polachini, Maria Mercês Rossi Câmara, Maria Lúcia Collus, Maria Regina Xavier Funes, Mariluci

O IEMG é hoje EESGMG – Escola Estadual de Segundo Grau Monsenhor Gonçalves. Em 27 de julho de 1998, passei pelo saudoso Monsenhor Gonçalves, com um caderno de anotações e a minha inseparável Pentax a tiracolo. Havia acabado de comprar na Livraria Martins o *Dicionário Rio-Pretense*, de Lelé Arantes, com ótimas informações sobre a cidade. Soube que o senhor João Martins¹⁴⁹ havia morrido. Agora, o filho Antonio era quem cuidava de tudo, com a mesma garotada atendendo. Perguntávamos, nos tempos de criança, por um determinado livro. O atendente dizia o preço. Se fosse alto, a gente girava nos calcanhares e ia embora. Seu João mandava alguém correndo atrás de nós, com um ótimo desconto de algibeira.

Fiz questão de subir pela Silva Jardim, por onde tanto passei a pé em outras épocas. Mas, da Coronel Spínola, 3701 (entre Penita e Independência), onde eu morava, até o Instituto, que fica na Presciliano Pinto, 940, era preferível seguir traçando uma hipotenusa. Parcelava-se, assim, o esforço nas cansativas ladeiras da Boa Vista.

Entrei pelo acesso principal, não sem antes levantar os olhos para o mesmo imponente *flamboyant* dos anos 60. Sua sombra deve ter acalentado garotos que se tornariam políticos importantes. Por aquela porta, pais dedicados teriam passado no afã de resolver problemas de matrícula e de boletins de seus filhos. Muitos não imaginavam que estes se tornariam mais tarde prefeitos de Rio Preto¹⁵⁰, como foi o caso de Adail Vectorazzo, Toninho Figueiredo, Manoel Antunes, Wilson Romano Calil. Bem, difícil saber quem não passou pelo Instituto de Educação Monsenhor Gonçalves.

¹⁴⁹ João Martins faleceu em 10.06.1998, aos 75 anos. Fundou a livraria, com o nome fantasia de Martins, em 02.01.1945, quando a adquiriu de Francisco Montoro, tio de Franco Montoro.

¹⁵⁰ A partir de 1949, até 2000, tivemos os seguintes prefeitos em Rio Preto: Cenobelino de Barros Serra, Bady Bassitt, Domingos Sinibaldi, Philadelpho Gouveia Neto, Aldo Tonelli, Alberto Andaló, Valdomiro Lopes da Silva, Lotf João Bassitt, João Mangini, Adail Vectorazzo, Wilson Romano Calil, Roberto Lopes de Souza, Manoel Antunes, Antônio Figueiredo de Oliveira, José Liberato Ferreira Caboclo.

Três pessoas gentis me atenderam, Têra, dona Maria e Neuza¹⁵¹, na ausência do Diretor, professor João Manoel. Caminhar pelo pátio, pela antiga Diretoria, pelos corredores avarandados, entrar nas salas de aula, passar pelos umbrais das enormes portas, por sobre os ladrilhos decorados, tudo ativa a memória e provoca emoções agradáveis.

No andar superior, vou passando os olhos sobre as fotos dos diretores Joãozinho Ramos, Felipe Caputto, José Cavariani, Álvaro Duarte de Almeida, até deparar com uma gravura em *crayon* do *Gymnasio Diocesano*, datada de 1959, assinada por Maria Rita Corrêa. Ora vejam, a minha vizinha, irmã de um querido amigo de infância¹⁵². Ela era exímia desenhista. Tocava violino também.

Não há quem não se submeta a uma regressão espontânea nesse exercício. E visualizei o professor Amaury de Assis Ferreira¹⁵³. Ele era sempre esperado de pé. Profundo conhecedor da língua vernácula, seu sonho era lançar uma Gramática, que não terminava nunca. “Amaury era perfeccionista, exigente. Suas características eram a firmeza de caráter, sua personalidade forte. Com os colegas professores era bem-humorado, oferecendo-se sempre como um amigo em quem se podia confiar”, afirmou Sylvia Purita a seu respeito.

Dona Clélia¹⁵⁴ – viúva do prof. Amaury, mãe de Amaury Jr. – hoje ainda morando em Rio Preto, vive na mesma casa da Jorge Tibiriçá que conseguiram à custa de muito trabalho e economia. “Amaurizinho nunca teve chave de casa. O pai sempre queria ver a hora em que chegava. E como chegava...”, afirma ela em nosso contato de 28.01.2000, ao falar dos trabalhos de

Bezerra Benichio, Mário Assis Menezes, Mariza Helena de Oliveira, Marisa Pichi Gigliotti, Marta Abdelnur, Mirian Abdelnur, Nair Ferreira dos Santos, Nanci Sakakibara, Nelsi Martelli Cardoso, Neif Ribeiro, Nestor de Mattos Cunha, Nestor Sícoli Cunha, Nildemar Secces, Nilton Ferraz da Silva, Nilton da Silva Oliveira, Norma Vieira, Paulo Gastão da Cunha Filho, Paulo Roberto Munia, Pedro Alberto Lemos Fioratti, Régia Aparecida do Nascimento, Regina Magali Laprano, Regina Toledo Damiano, Roberto Assad, Ronaldo César Motta, Sariat Buissa, Rovi Bergemann de Aguiar, Sônia Regina Chamas, Tereza Khioni Hirose, Terezinha Bauab, Tereza Maria dos Santos, Valdete Arantes Vítolo, Valdir Corcez, Valter Cunha, Vera Lúcia Rossi, Visitación Galvez Muñoz, Zenaide Aparecida Nicezio, Zilah Borges.

¹⁵¹ Tereza Lourencin, Maria Martins Morelli e Neuza Alves Gouveia de Paula.

¹⁵² William Corrêa de Andrade.

¹⁵³ Professor de Francês, Latim e Português no IEMG. Escritor, autor de dois livros inéditos, nasceu em São Paulo, capital, em 12.03.1912, falecendo em Rio Preto, em 02.02.1995. Formou-se pelo Seminário Diocesano. Uma escola municipal no bairro Macedo Teles leva o seu nome.

¹⁵⁴ Clélia Ceribelli de Assis Ferreira, professora de Português e História.

Amaury Jr. e do rigor do pai na sua criação. Demonstra muito orgulho dos dois filhos. “Sérgio e Amaurizinho são minhas jóias”.

Quanto a ter chave de casa, era comum os pais mais enérgicos não permitirem, mesmo após os dezoito anos. Em tempos que se vão, além da tranca na porta, pior era o rabo-de-tatu, vara verde ou a peia-de-vaca, como se chamava na roça.

Hoje, dona Clélia valoriza as boas amigas que tem. “Graças a Deus tenho ótimas amigas. Os passeios com elas, o carinho do Sérgio, do Amaurizinho, que sempre me liga quando não podemos estar juntos, supre em parte a falta de meu marido. Quando nos casamos eu ainda ia fazer quinze anos. Nossa vida a dois foi de mais de quarenta anos”, observa dona Clélia. “Amaurizinho é bonito, cara do pai”, diz ela enquanto passa carinhosamente o indicador pelo rosto do filho estampado na face do livro *Flash Fora do Ar*. “Mas Amaury era mais bonito ainda”

A austeridade que o professor Amaury demonstrava em classe, era parecida com a de que se utilizava em casa. Exigente, os filhos tinham que ler. E até dona Clélia, que não era tão fanática por leitura, acabava “ouvindo” os livros. “Líamos juntos, pois Amaury, quando se empolgava com um livro, lia-o inteiro em voz alta para mim. Não era a toda leitura, mas às vezes eu dormia, mesmo sendo um Machado de Assis”.

Professor Amaury morreu de leucemia. Quando ia à Clínica de Oncologia, fingia – ele que tanto conhecia a origem das palavras – que não sabia a origem de seu mal.

“Amaurizinho começou a carreira aos catorze anos, no Diário da Araraquarense. Já escrevia sobre sociedade”, recorda dona Clélia. “César Muanis, que estava no *Diário da Região*, o ajudou consideravelmente. Nos tempos da boate Pop’s – você se lembra da boate que ele criou? – eu fazia salgadinhos para levar para lá e serem colocados à venda. Acho que a pior experiência de Amaurizinho foi a do jornal *Dia e Noite*, que fundou com Luiz Ramos¹⁵⁵. Faltou dinheiro por parte do Luiz e... tudo por água abaixo. E ele seguiu para São Paulo. Veio então a ascensão ininterrupta depois dessa infeliz empreitada.” Mãe é mãe. Flagrante, costumeira e carinhosa parcialidade.

“Há quem diga que quem afundou o *Dia e Noite* foi o Amaury Júnior e equipe. Mas, dois anos depois, Amaury voltou a Rio Preto para saldar as dívidas particulares que havia deixado”, afirmaria Kharfan¹⁵⁶, em 19.03.2000. “A criatividade de Amaury é incontestável, suas idéias superaram a época. No réveillon de 1969 do Automóvel Clube, concurso As Dez Mais Elegantes, projetamos *slides*, coisa nova em Rio Preto nos eventos desse tipo”, declara Kharfan, como que a neutralizar uma crítica à malograda experiência de Amaury Júnior.

Quanto tocava a boate Pop’s, Amaury Júnior ainda fazia o Clássico, no IEMG. “Dormia tarde e tinha que acordar cedo. Às vezes perdia a primeira aula”,

¹⁵⁵ Luiz Roberto Domingues Ramos, administrador de empresas, pecuarista, nasceu em Bauru, SP, aos 04.01.1939.

¹⁵⁶ Mohamad Hussain Kharfan, repórter-fotográfico, nasceu em Baalbek, Líbano, em 20.10.1944. Chegou ao Brasil em 1955. Passou por Monte Belo, Nova Itapirema, Mendonça, chegando a Rio Preto em 1964, ano em que começou a trabalhar com Nestor Brandão em fotografia. Colaborou com os principais jornais da região, inclusive *Folha de São Paulo*.

afirma dona Clélia. “E a professora Sylvia Purita me dizia: ‘Clélia, não se preocupe com seu filho. Ele aprende fácil’.”

Ricieri era muito amigo do professor Amaury. “Ele constantemente vinha tomar café aqui em casa, ou quando os dois subiam para o Instituto, ou quando voltavam”, relembra dona Clélia. “Ricieri me pedia que lhe conseguisse alunos, o dinheiro era curto. A casa dele da Silva Jardim tinha um quintal com um caramanchão de maracujá. Havia um quadro-negro também. Um lugar pitoresco, onde ele ministrava as aulas. Certa vez consegui levar minha turma de faculdade quase toda para tomar aulas particulares de Inglês com ele. Nessa época, a mãe de Ricieri morava com ele. Só que ele, que tinha uma bagagem cultural muito grande, divagava demais. A turma queria mesmo era dominar a matéria que cairia na prova, sem delongas...”

Supomos que as atividades remuneradas extra-classe do excêntrico e poliglota professor eram todas canalizadas para suas viagens pela Europa, que tanto gostava. Ricieri viajava sempre que podia.

É Christina¹⁵⁷ quem sentencia em janeiro de 2000: “Amaury e Tita eram os professores mais autoritários”. No que concerne a Amaury ficamos em dúvida se Christina exagera ou não: “Professor Amaury avisava logo no início do ano letivo: ‘não é permitido tossir, espirrar e cruzar a perna’.” Sobre os dois professores do sexo masculino que ficavam em posição estratégica assistindo às meninas de saia curta subir as escadas, Christina é discreta, ao declinar os nomes. “Não convém publicar. Pega mal.”

E visualizamos Ricieri Berto, bonachão, professor de latim e inglês, que falava vários idiomas. Dizem que namorou bastante. Solteirão convicto, excêntrico, pouco afeto a banhos, adorava charutos – comia-os também. “Houve tempo”, relembra Irineu Maia, “que Ricieri andou desenvolvendo um método todo seu de dar as notas. Nos quatro bimestres era 6, 6, 8, 8, para os homens e 8, 8, 10, 10, para as mulheres. Quem ele não gostava levava um 2,5. Um dia, ao terminar de aplicar uma prova, olhou para um lado, para o outro, jogou o maço todo no lixo.” Pode-se concluir que avaliar desempenhos, para o Ricieri, um repositório de conhecimento, devia ser uma chatice.

Impossível não recriar na mente a imagem do inspetor de alunos, “seu” Leonel, dos professores Daud Jorge Simão (Química), Ana Mendes (Desenho), José Trefiglio (Artes Industriais), Geisa Gandini (Canto Orfeônico), Durval Carrijo (História), Lúcio Antônio Olival¹⁵⁸ (Matemática), Odette Costa Ramos (Física), Rubens Cintra Damião (Inglês), Nair Damião (Português), Neuza de C. Pinto (Geografia), Sylvia Purita (Francês), Helaine Munia¹⁵⁹ (Filosofia) e outros.

¹⁵⁷ Maria Christina Santos Ramos, nascida aos 13.01.1952, filha de Ney Santos da Silva Ramos e Mary.

¹⁵⁸ Arquiteto, professor, nasceu em Jundiá, SP, em 04.07.1925. Lecionou no IEMG por 20 anos, vereador por duas vezes, Diretor de Obras da Prefeitura, autor de projetos como o da Estação Rodoviária Laudo Natel.

¹⁵⁹ Helaine Munia, formada em Pedagogia, tem curso de aperfeiçoamento e mestrado. Nascida em 24.10.1932 em S. J. do Rio Preto, dentre outras escolas, exerceu o magistério no IEMG, de 1956 a 71. Foi também diretora de escola, Secretária Municipal do Bem-Estar Social, presidente da FRAS, colaboradora da Revista *Universitas*, coordenadora do Cefam Lucília Ferrari.



Estudantes do IEMG no aniversário de Maria Márcia O. Mendes – José Emídio Abraão, Irineu Maia, Jacó, Aristides, Cláudio J. S. Penteadó e Clóvis Alberto P. Sabella – Rádio Independência, SJRP, 14.05.1966



foto acm

Irineu Luiz Maia, médico infectologista – SJRP, mar/2000

Vejamos um pouco da história do velho Instituto, que foi criado em 1919, pelo padre Joaquim Manoel Gonçalves¹⁶⁰. Ele tinha então 50 anos de idade. De 1929 a 1931, a escola funcionou na própria Casa Paroquial, sua residência, com o nome de Gymnasio Diocesano. De 1932 a 34, na esquina da XV de Novembro com a Jorge Tibiriçá. A partir de 1932, passou a chamar-se Ginásio São Joaquim. O prédio atual foi inaugurado em 19 de novembro de 1934, tendo sido construído pelo engenheiro Rodolfo Fehr¹⁶¹, com donativos recolhidos pelo padre Gonçalves. Em 1943, seu nome foi novamente alterado para Ginásio e Colégio Estadual e só em 1949 veio a se chamar Instituto de Educação Monsenhor Gonçalves.

Motivado pela visita ao IEMG, em 28 de julho de 1998, estive com a professora Sylvia Purita em sua casa. Presenteei-a com um livro meu, recebendo, em contrapartida, dois dela, de poesias. Dessa visita, resultou uma carta minha a ela. Prefaciando, eu citava alguns versos dela própria, retirados de seus livros. Destaco um trecho:

“Nem imaginava Sylvia Purita falando português. ‘*Fermez la bouche tout le monde s’il vous plaît. Et maintenant nous irons chanter Au Clair de la Lune*’. Fazia crer a nós todos que ela vivera a maior parte da sua vida de mãos postas, aos domingos de manhã, na Notre Dame, comendo pipoca na Torre Eiffel, percorrendo, incansável, de metrô, os subterrâneos da Cidade Luz, pesquisando os livros de literatura nas seculares e empoeiradas bibliotecas, saboreando Lautrec, Monet, pelo Louvre, de mãos dadas com alguém – Sylvia é muito romântica – e um dia vindo parar por algum motivo, extraditada para longe da terra natal, em Rio Preto, bem lá no IEMG, onde, de 1960 a 66, passei anos importantíssimos de minha vida. Pois é, ela é brasileira, descendente de italianos e já perdeu todas as oportunidades de conhecer a França, onde merecia pelo menos passar uma semana que fosse. Além de professora, Sylvia é poetisa de mão-cheia, traduzindo em versos, com beleza e desenvoltura, sua alma delicada e pujante ao mesmo tempo.”

A nossa Sylvia Purita¹⁶², do *on-ne-parlait-rien-en-Portugais*, formada em Letras Neolatinas chegou a ganhar uma bolsa na França. Seu pai, Francisco Purita¹⁶³ a deixaria ir, mas a mãe relutou. Uma mocinha solteira não viajava sozinha. Surgiriam muitas outras ocasiões. Por motivos diversos, Sylvia não concretizaria seu sonho. Conhece o Rio, Salvador. Ama Rio Preto.

Sylvia estudou no Colégio Santo André¹⁶⁴, no Cardeal Leme, indo fazer curso superior na Faculdade de Filosofia Sedes Sapientiae, em São Paulo. Seus

¹⁶⁰ Joaquim Manoel Gonçalves, já Monsenhor, faleceu em 21 de dezembro de 1944, aos 75 anos de idade. Nascera em Portugal, mais precisamente em Braga, capital do Minho, em 27 de novembro de 1869.

¹⁶¹ Rodolpho Fehr também foi autor do projeto do Palácio Episcopal, construído em 1947.

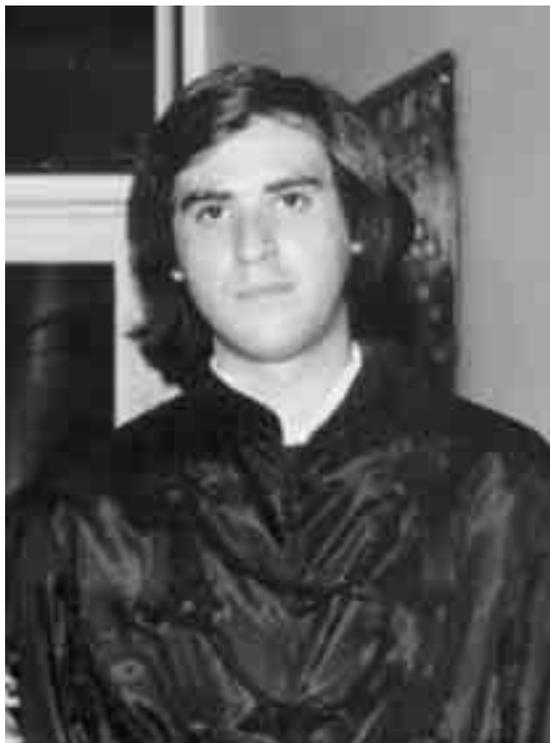
¹⁶² Sylvia Purita, professora, escritora, nasceu em Rio Claro, em 22.03.1923. Lecionou no IEMG, Colégio Santo André, na Fafi/Ibilce/Unesp e no Seminário Diocesano. Ativista católica, foi também fundadora da Aliança Francesa. É autora dos livros *Pequeno Vocabulário Francês e Amor*.

¹⁶³ Francisco Purita, italiano, médico, professor de latim, teve cinco filhos. Foi casado com Filomena Hermínia Ursáia. Nasceu em 29.01.1891. Aos nove meses de idade passou a ser criado pelo seu tio, o Padre Antônio Purita, que veio para o Brasil em 1904, assumindo como 4º Pároco da igreja, hoje Sé Catedral de S. José. Consta do *Dicionário Rio-pretense* que o Padre Antônio Purita, em 02.03.1906 arrecadou em Rio Preto a quantia de 95 mil réis para enviar à Itália, prestando ajuda às vítimas do terremoto que atingiu a Calábria. Francisco Purita veio a falecer em 27.09.1948.

¹⁶⁴ O Colégio Santo André começou a funcionar em 1920, apenas com o curso primário, na Bernardino de Campos, 50.



Alunos do IEMG – Irene Batista, Aristides, Marisa, Gilberto, Danilo, Arantes, Sabella, Prof. Oscar Nicholson Taves, Sr. Luís Salviato, Pedro Fioratti, Paulo Munia, Shinagawa, Geninho, Cláudio Penteadado



Amaury Júnior, formando de 1972

trabalhos como professora de latim, de francês, sua atuação como cidadã, poetisa, como ativista na área educacional e religiosa lhe renderam várias homenagens em Rio Preto. Nunca se casou. Antes que a gente pergunte, ela já fornece a resposta: sempre foi independente. “Apaixonei-me mesmo uma única vez na vida, mas não fui correspondida”, diz ela, referindo-se a Léo Benedito de Toledo Lerro, arquiteto, divorciado. Católica ativista, Sylvia revela o nome do atual amor – frisa bem, amor espiritual – de sua vida: Padre Donizeth.

“Tristeza não tem vez em minha vida. Quando ela aparece, vai embora logo”, afirma Sylvia. “Minha filosofia de vida? É da música de Edith Piaf. ‘Não tenho saudade de nada. Não lamento nada, nem o mal que me fizeram. Minha vida começa hoje, começa contigo’.” Quando o assunto foi música, digo que ainda sabia de cor a *Marseillaise* e *Frère Jacques*, graças a ela.

Meu tempo estava contado. Ia ainda encontrar o Roberto Farath. Os minutos que nos restaram, foram suficientes para Sylvia falar das suas convicções e sobre a qualidade de ser honesta, a que mais prezava. Mencionou a Revolução de 64, quando “execraram” todos os professores “comunistas”, o fato de Aloysio Nunes Ferreira Filho¹⁶⁵, exilado, “haver mendigado em Paris”. Falou da dispensa lamentável de excelentes professores.

Comenta ainda sobre o fato de Amaury ser um ótimo professor de Português. Acho que se ela frisou “Português” é porque tinha lá seus motivos, já que ele era habilitado em Latim e em Francês também. Do professor Serrinha¹⁶⁶, Sylvia comenta o seu lado excêntrico de fumar cigarro francês.

Com a finalidade de enriquecer estes relatos, andei convocando muita gente para falar dos tempos bons de Instituto.

Erasmus¹⁶⁷, amigo de adolescência me escreveu de Maringá. Fez um prefácio dizendo que a memória é o que tinha de pior. Acrescento a ele que não era bem a memória e sim o ombro – um levemente mais baixo que o outro. Tinha grandes problemas para tirar fotos 3 x 4. Ao tentar compensar, suspendendo mais de um lado, freqüentemente levantava o ombro errado e a foto, aí sim, ficava mal.

“Mudamo-nos para Rio Preto em 1961, quando a cidade ainda estava ressentida com o desastre do Turvo”, afirmaria Erasmo em novembro de 1998, tecendo também considerações sobre carma coletivo. “Disseram-me que o triste episódio tinha ligação com a Noite de São Bartolomeu, em Paris. Um débito de quase 400 anos, envolvendo católicos e huguenotes.”

Erasmus afirma que quando éramos colegas na 3ª série do ginásio, ele era repetente, por causa do Francês da dona Sylvia. “Eu era bem tímido, difícil de fazer amizades. Lembro-me do Dráuzio (o nadador), dos irmãos Conforti e de um cara que sentava à minha frente, chamado Didi. Tínhamos exames em junho

¹⁶⁵ Aloysio Nunes Ferreira Filho nasceu em 04.05.1945. É advogado, procurador do Estado, foi deputado federal de 1995 a 98. Foi exilado político na França, de 1968 a 1979. Lá foi professor e fez mestrado em Ciências Políticas. Ministro no segundo mandato de FHC.

¹⁶⁶ Serrinha, apelido do professor de Geografia Antônio de Barros Serra, irmão de Cenobelino de Barros Serra.

¹⁶⁷ Erasmo Renesto, filho de Antonieta e Henrique Renesto, casado com Maria Christina Nora de Souza Santos, nasceu aos 18.07.1947. Veio de Votuporanga para Rio Preto. Mestre e Doutor em Genética, é professor de Genética e Evolução da UEM/Maringá.



fotos acn

Sylvia Purita, julho de 1998



Helaine Munia, julho de 1999

e dezembro. A chance extra era a tal da 2ª época. As aulas da dona Nair¹⁶⁸, de Português, eram divertidas. Momento poético, declamávamos, mas valia tudo – qualquer manifestação artística era bem-vinda. Cantar, representar.”

Tais aulas são rememoradas por Kaiser e Irineu, em casa do Dublin: “Era Kaiser imitando Jânio Quadros e declamando *Navio Negreiro*. Rovi¹⁶⁹ apresentando uns versinhos infames (*eu quero amá-la, mas a mala ficou na estação. Meu amor por ti gela...*), Buscardi cantando com sua pobre e engraçada coreografia (*tá moendo milho, tá saindo fubá. Vamo pro pagode morena, pro canaviá. Carro de boi é a nossa condução, vamos todos pro pagode, de sanfona e violão*). Era Irineu cantando *Kid Morengueira*, do Moreira da Silva”. Todos os casos são acompanhados da interpretação teatral, hoje mais ‘apurada’ dos nossos amigos, que concluem ironicamente: “Ewerton de Castro¹⁷⁰, que estudava no Instituto, deve muito a nós. Fomos seus primeiros professores na arte de interpretar...” Na realidade, Rovi participara de uma peça – *O Diário de Anne Frank* – apresentada no Cine Ipiranga e no Clube Monte Líbano em dezembro de 1962, com Ewerton dirigindo e também no elenco. César Muanis falaria da peça em sua *Ronda Social*. Amaury Júnior, também, em sua coluna, escorregando quando fala de Rovi. Segundo Amaury, ele desempenhara “com muito esforço o seu papel”. Queria dizer competência...

Erasmus prossegue: “Em Ciências, eu era melhor que nas outras disciplinas. Tanto é que, certa vez, eu estava conversando com o Irineu Maia durante a aula da Carmelisa¹⁷¹. Ela interrompeu a explanação e me abordou, querendo que eu repetisse o assunto sobre o qual ela estava falando. Eu me levantei e expliquei tudo certo. Ela ficou sem graça...”

“E as famosas chamadas orais da dona Tita... O cacoete dela era o tal do ‘psiu’. Pedia a Nanci Sakakibara que sorteasse um aluno para demonstrar um teorema no quadro. Para não ficarmos estudando todas as semanas, um de nós se preparava e pedia para a Nanci para ser sorteado. ‘Hoje você me sorteia. Sou o 32’. Assim, mesmo que Nanci tirasse o 10 da sua latinha de pastilhas Valda, ela chamava o 32.” Kaiser faz questão, um ano depois da fala do Erasmo, de corrigir: “Não era a Nanci, mas sim a Irene, que era muito mais ‘maleável’. A japonezinha dava trabalho pra nós. Na época em que trocávamos o ‘bolo’ todo de provas, tínhamos que separar a da Nanci. Ela não queria trocar a dela. Isso dava trabalho...” Quanto à capacidade das pessoas de se ajustarem às diferentes situações, Kaiser comenta: “Irene assimilou tão bem, que organizava tudo com uma agenda. ‘Para o teorema tal, só existe vaga dia tal do mês que vem.’”

E Erasmo desanda, remetendo-nos aos bons tempos do IEMG, ao dizer do memorável dia em que José Emídio Mendes Abraão pediu para ser sorteado. “No meio da demonstração do Teorema das Retas Paralelas, ele disse: ‘... então

¹⁶⁸ Nair Damião, esposa de Rubens Cintra Damião.

¹⁶⁹ Rovi Bergemann de Aguiar, arquiteto.

¹⁷⁰ Hoje artista e diretor de teatro e tevê.

¹⁷¹ Carmelisa Terra Gallo.



Foto acn

Pátio interno do EESG Monsenhor Gonçalves – julho/1998



Conjunto IEMGers, Rio Preto Automóvel Clube – Nidelce Silva, Aristides, João Manoel Pires e Airton Castro – 27.08.1966

a reta é paralela.’ E ficou mudo. Dona Tita inquiriu: ‘Paralela a quê?’ José Emídio: ‘Paralela à hipótese’. A classe veio abaixo.”

Na quarta série, Erasmo estava consideravelmente enturmado. Foi o ano em que aprendeu a dançar. “Não perdia uma brincadeira dançante, onde se tomava *cuba-libre*¹⁷² ou *hi-fi*. Já no 1º colegial (científico), quando não havia aula, íamos à casa do Romualdo Negrelli ouvir bossa nova, ou às Lojas Americanas comer “cachorrão”, ou às Lojas Peri e Paraíso do Long-Play, ouvir *jazz*. Professor Amaury dizendo para a Heliana Galeazzi: ‘... e pensar que eu te peguei no colo...’. E o Ricieri, aumentando o tom de voz, com o charutão na boca: ‘Não é isso meesimo, Irene¹⁷³?’ Nas aulas de dona Odete Ramos, a gente entabulava pergunta boba só para que ela respondesse. Ela o fazia com a maior boa vontade. Criativas as guerras de maria-mole quando a aula do Daud¹⁷⁴ era a última. Ele, no quadro, de costas para a classe, envolvida numa batalha singular.”

Daud Jorge Simão costumava reunir as turmas no auditório para as suas provas, para que ninguém colasse. Dava cinquenta questões para a gente fazer em casa. Aqueles aplicados respondiam. “Eu copiava”, conta Erasmo. “Na prova, feita no auditório, a gente deveria levar somente as perguntas. Mas a gente levava também as respostas e copiávamos tudo.”

Kaiser, um dia, conseguiu tirar o Daud da sala com um telefonema sonso, dizendo-se aluno do Colégio Alberto Andaló. “Enrolou-o até que trocássemos as provas por outras, de dentro de sua pasta”, recorda Erasmo.

“Emocionante aventura para mim foi trocar prova à noite. Reuníamo-nos num cômodo sobre a garagem da casa do Sabella¹⁷⁵, de onde tínhamos uma visão privilegiada do Instituto de Educação. Quando a situação estava tranqüila, pulávamos o muro e abríamos uma janelinha que ligava o pátio ao *hall* que dava para a sala dos professores. Entrávamos e, com uma lanterna, procurávamos as provas de Física e aí trocávamos. Era divertido. Sempre eu e o Kaiser”, recorda-se Erasmo quanto ao famoso mistério da troca de provas, desvendado pela dona Odete.

“Como descobri? Ora, eu desconfiava. As notas estavam muito altas”, afirmou dona Odete a mim, em 28 de julho de 1998, em seu apartamento no prédio do IPESP. “Fiz uma marca especial, quase imperceptível nas provas originais, e comprovei”, conta sorrindo.

E Erasmo continua falando das aventuras marcantes na calada da noite. “Um dia, estávamos lá dentro, no escuro. Ouvimos um barulho e ficamos morrendo de medo. Quando percebemos, eram uns caras de outra classe trocando prova também... Nunca consegui entender como o pessoal foi pego e eu não... A sensação do perigo, do inusitado, acho que dava um sabor melhor às coisas.”

¹⁷² Cuba-libre: rum com Coca-Cola. Você sabia que a Coca-Cola foi lançada, em 1886, como um remédio?

¹⁷³ Irene Batista nasceu em Rio Preto, aos 03.08.1946.

¹⁷⁴ Daud Jorge Simão, professor, advogado, dentista, nasceu em Monte Azul Paulista em 14.08.1913, falecendo em S. J. do Rio Preto, em 23.02.1991. Foi vereador rio-pretense, presidente da Câmara, candidato a prefeito, deputado estadual, presidente do Comdephact. Concebeu o projeto da Universidade Municipal, que deu origem à FAFI, autor do projeto Cidade Universitária, professor universitário e do antigo IEMG.

¹⁷⁵ Alberto Patti Sabella.